



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CAMPUS UNIVERSITÁRIO REITOR JOÃO DAVID FERREIRA LIMA – TRINDADE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA

Marlei Dambros

Jovens contemporâneos e as variáveis do processo civilizatório

Florianópolis
2023

Marlei Dambros

Jovens contemporâneos e as variáveis do processo civilizatório

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Educação Científica e Tecnológica.

Orientador: Prof. Walter Antonio Bazzo, Dr.

Florianópolis

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Dambros, Marlei
Jovens contemporâneos e as variáveis do processo
civilizatório / Marlei Dambros ; orientador, Walter Antonio
Bazzo, 2023.
186 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós
Graduação em Educação Científica e Tecnológica, Florianópolis,
2023.

Inclui referências.

1. Educação Científica e Tecnológica. 2. Desenvolvimento
tecnocientífico . 3. Processo civilizatório. 4. Variáveis
sociais. 5. Jovens contemporâneos. I. Bazzo, Walter
Antonio. II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica.
III. Título.

Marlei Dambros

Jovens contemporâneos e as variáveis do processo civilizatório

O presente trabalho em nível de Doutorado foi avaliado e aprovada, em 29 de junho de 2023, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.^a Marta Luiza Sfredo, Dra.

UFFS

Prof.^a Luciana Passos Sá, Dra.

UFSC

Prof.^a Simoni Urnau, Dra.

UNIFEBE

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Doutora em Educação Científica e Tecnológica.

assinatura digital

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

assinatura digital

Prof. Walter Antonio Bazzo, Dr.

Orientador

Florianópolis, 2023.

**Aos meus pais, Luiz e Maria, meus maiores exemplos,
seres humanos que me ensinaram, com muita simplicidade,
o verdadeiro sentido da vida.**

**Ao meu esposo, Luis Carlos, pelo companheirismo,
e por aprender junto comigo.**

Agradeço à vida por tê-los escolhido.

AGRADECIMENTOS

Desde muito cedo, aprendi que no mundo em que vivemos nunca estamos sós, nossas histórias se fundem com as de tantos outros, e a junção de tudo é a história de todos nós. Acredito que somos feitos de pequenas partes: das pessoas com quem vivemos, dos lugares que conhecemos, das experiências por que passamos, das situações que experimentamos, das leituras que fazemos. Isto é o que torna única e insubstituível a nossa existência.

Na retrospectiva da minha vida, tenho em meus pais, Luiz e Maria, minha maior fonte de sabedoria e persistência. Sou grata a eles por me conceberem à vida, por tanto amor e muitos ensinamentos. Foi junto a eles que encontrei o melhor lugar em que eu poderia estar, no aconchego de minha família, junto às pessoas com quem construí as mais belas memórias e os mais impetuosos sonhos, em relação aos quais tive apoio para que eu os pudesse realizar.

Neste percurso, muito outros se somaram; trago na recordação a imagem de amigos, colegas, professores, alunos: a quem eu agradeço, por terem deixado um pouco de si, para que eu pudesse constantemente me ressignificar.

Nas minhas mais tenras vivências, outros sujeitos têm compartilhado comigo suas experiências, e graças a eles tenho construído novos saberes e conhecimentos. Grandes mestres que o Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica (PPGECT/UFSC) me oportunizou conhecer e, sobretudo, com os quais pude dialogar. De modo especial, ao professor Walter Antonio Bazzo, a quem agradeço por ter aceitado me orientar, por acolher minhas incertezas e, ao mesmo tempo, por lançar muitas perguntas e incentivar-me a ir em busca de possíveis soluções. Agradeço imensamente ao professor: foram suas indagações que me fizeram caminhar e concentrar-me nas leituras e na escrita deste trabalho.

Quis o destino que velhas amizades se mantivessem e outras novas viessem a se somar. Foi nos encontros do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Educação Tecnológica (NEPET) da UFSC, mesmo que virtuais, que conheci pessoas com quem pude compartilhar minhas escritas. Destes, meus sinceros agradecimentos ao amigo João Tadeu Weck, que sempre esteve disposto a ler meus textos e, depois disso, conversar. Sou grata pelo aprendizado, pelas palavras de apoio e tranquilidade.

Das velhas amizades, e com quem falo diariamente, tenho minha amiga Lucélia Peron, ser humano a quem sou grata por acolher minhas angústias, por

entender meus medos, ler meus textos com paciência, e estar disposta a me auxiliar. Minha gratidão por tudo e por tanto!

Sou grata aos jovens que aceitaram participar desta pesquisa, compartilhando seus relatos, suas vivências e suas experiências. Minhas pupilas, com quem tive o privilégio de sentar e conversar, mesmo que, em alguns casos, virtualmente.

Nas minhas idas a Florianópolis, sempre tive um lugar com aconchego para que eu pudesse ficar; sou grata ao Ronaldo e à Adriana Webber, pelo carinho da acolhida e pelos bons momentos em que pudemos juntos estar.

Agradeço à Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), meu local de trabalho, por entender a importância do processo de doutoramento para a execução do meu trabalho, e assim permitir que eu o cursasse com afastamento integral.

A minha gratidão às integrantes das bancas de qualificação e de defesa, Marta Luiza Sfredo, Luciana Passos Sá, Simoni Urnau Bonfiglio, Rosane Fátima Vasques, por despenderem de tempo para leitura e avaliação, e com olhar apurado tecer muitas contribuições.

De uma forma muito especial, meu agradecimento carinhoso ao meu esposo, Luis Carlos Farret Júnior, que durante quatro anos esteve ao meu lado, ouvindo-me e aprendendo junto comigo. Ele, que é o maior admirador de minhas escritas, meu companheiro que sofreu e vibrou com minhas conquistas. Sou grata pelo seu amor e sua presença em minha vida.

Por fim, sou grata por poder viver este momento, pois sei que a possibilidade de cursar um doutorado ainda é um privilégio de poucos. Espero que esta pesquisa atinja o seu propósito e que possa contribuir com a construção de um mundo melhor.

RESUMO

Avançamos alguns anos do novo milênio e, mais do que nunca, vivenciamos um processo civilizatório marcado por intensas transformações tecnocientíficas, que vêm influenciando todas as esferas da organização e estruturação da sociedade, especialmente devido às tecnologias digitais de informação e comunicação, que são o grande marco desta nova era global. Esse modelo de desenvolvimento tem consolidado os princípios da economia capitalista, provocado efeitos adversos para a humanidade e gerado inúmeras variáveis sociais que induzem a crise vivida pela civilização contemporânea. Os impactos já evidenciados são ainda mais sentidos pelos jovens, que têm seus comportamentos moldados pelos padrões determinados pelas transformações atuais. Mediante essa nova dinâmica social, esta tese busca analisar como as variáveis do processo civilizatório atingem os jovens contemporâneos, em termos educacionais, sociais e humanos. Os dados foram produzidos nas entrevistas realizadas com 20 jovens pertencentes a diversos cenários sociais, localizados na região Oeste do estado de Santa Catarina. O material empírico foi analisado por meio da análise textual discursiva (ATD) e organizado em quatro categorias principais: desigualdade social, consumo desenfreado, mercado de trabalho, valores humanos e sociais. Os campos teóricos que fundamentam a pesquisa – estudos sobre juventudes e estudos pós-modernos – oferecem ferramentas para refletir sobre as formas pelas quais os jovens se constituem como indivíduos contemporâneos. Esse movimento analítico possibilitou identificar alguns dos efeitos das variáveis sociais na vida desses jovens: vulnerabilidade social e econômica, empobrecimento, precariedade das vidas, insegurança em relação à escolha de uma profissão e à garantia de um futuro profissional promissor, esfacelamento dos vínculos afetivos reais em função do uso excessivo das telas e aparatos digitais. Esses indivíduos têm vivido em ritmo acelerado, com comportamentos angustiantes, marcados por incertezas, imediatismos; têm-se constituído pessoas autossuficientes e narcísicas. Além de viverem uma inversão de valores, estão perdendo a capacidade de pensar criticamente, dada a ofuscação vivida diante dos sedutores mecanismos tecnológicos que impulsionam o acúmulo de bens materiais e o consumo desenfreado. Todo esse contexto tem gerado efeitos desconcertantes em todos os aspectos da vida desses jovens. Diante disso, argumenta-se que, para romper com o atual modelo civilizatório, é necessário buscar novas formas de vida, que questionem os atuais padrões de existência e confrontem os problemas gerados pelas inúmeras variáveis que estão totalmente interligadas. As soluções permanentes e verdadeiramente decisivas para as graves questões do processo civilizatório atual requerem a refundação de uma nova proposta societária, e isso exige o envolvimento de um amplo sistema global. Nesse cenário, a educação se constitui como uma das principais ferramentas de transformação social, por isso os processos de formação precisam ultrapassar o campo dos assuntos exclusivamente produtivos e econômicos, e estabelecer novos itinerários formativos e sociais, a fim de construir uma consciência coletiva que priorize os valores civilizatórios tão necessários para garantir sobrevivência e a vida com dignidade.

Palavras-chave: desenvolvimento tecnocientífico; processo civilizatório; variáveis sociais; jovens contemporâneos.

ABSTRACT

We are a few years into the new millennium and, more than ever, we are experiencing a process of civilization marked by intense techno-scientific transformations that have affected all areas of social organization and structuring, especially due to the digital information and communication technologies that are the great hallmark of this new global era. This model of development has consolidated the principles of the capitalist economy, provoked adverse effects for humanity, and generated innumerable social variables that are causing the crisis of contemporary civilization. These effects are felt even more by young people, whose behavior is shaped by the norms established by the current transformations. In the face of this new social dynamic, this thesis seeks to analyze how the variables of the civilizing process affect contemporary young people in educational, social and human terms. The data were produced in interviews conducted with 20 young people belonging to different social settings, located in the western region of the State of Santa Catarina. The empirical material was analyzed through textual discourse analysis (TDA) and organized into four main categories: social inequality, unbridled consumption, labor market, human and social values. The theoretical fields underpinning the research - youth studies and postmodern studies - provide tools for reflecting on the ways in which young people constitute themselves as contemporary individuals. This analytical movement has made it possible to identify some of the effects of social variables in the lives of these young people: social and economic vulnerability, impoverishment, precarious lives, insecurity in terms of choosing a profession and guaranteeing a promising professional future, the destruction of real affective bonds due to the excessive use of screens and digital devices. These people have lived at a fast pace, with anxious behaviors, characterized by uncertainties and immediacy; they have become self-sufficient and narcissistic people. In addition to living a reversal of values, they are losing the ability to think critically in the face of obfuscation by the seductive technological mechanisms that drive the accumulation of material goods and unbridled consumption. This whole context has had disturbing effects on all aspects of these young people's lives. In light of this, it is argued that in order to break with the current model of civilization, it is necessary to seek new ways of living that question the current patterns of existence and confront the problems generated by the myriad variables that are totally interconnected. The lasting and truly decisive solutions to the serious problems of the current civilizing process require the re-founding of a new social proposal, and this requires the involvement of a broad global system. In this scenario, education is constituted as one of the main tools for social transformation, so that the formation processes must go beyond the field of exclusively productive and economic issues and establish new formative and social itineraries in order to build a collective conscience that prioritizes the civilizing values so necessary to guarantee survival and a life with dignity.

Keywords: techno-scientific development; civilizing process; social variables; contemporary youth.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Sinopse da composição metodológica	73
Figura 2 – Critérios de seleção.....	83
Figura 3 – Representação das categorias/variáveis da análise	94

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Idade	85
Gráfico 2 – Nacionalidade	86
Gráfico 3 – Orientação sexual	87
Gráfico 4 – Cor/Raça.....	87
Gráfico 5 – Trabalha atualmente ou não	88

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Perfil dos participantes da pesquisa	83
Tabela 2 – Grau de formação.....	88

LISTA DE SIGLAS

ABEP	Associação Brasileira de Estudos Populacionais
ATD	Análise Textual Discursiva
CAI	Centro de Acolhimento ao Imigrante
CEPSH/UFSC	Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Conjuve	Conselho Nacional da Juventude
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
CTS	Ciência, Tecnologia e Sociedade
DUDH	Declaração Universal dos Direitos Humanos
Fetraf-SC	Federação Catarinense da Agricultura Familiar de Santa Catarina
Gairosc	Grupo de Apoio ao Imigrante e Refugiado do Oeste de Santa Catarina
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICAF	Instituto de Cooperação da Agricultura Familiar
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
NEPET	Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Tecnológica
OIT	Organização Internacional do Trabalho
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PPGECT	Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica
Sintraf/SC	Sindicato dos Trabalhadores da Agricultura Familiar de Chapecó e Região
SNJ	Secretaria Nacional da Juventude
SUAS	Sistema Único de Assistência Social
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TDAH	Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade
TDIC	Tecnologia Digital da Informação e Comunicação
UFFS	Universidade Federal da Fronteira Sul
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
Unesco	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1 PRIMEIROS PASSOS	15
1.1 TEMPORALIDADE E CONTEXTO: MINHAS CONSTRUÇÕES MENTAIS	19
1.2 JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA DA PESQUISA.....	26
1.3 A PROGÊNIE DA PESQUISA E OS ELEMENTOS DE SUA CONJECTURA.....	30
1.4 PROBLEMA DA PESQUISA	38
1.5 OBJETIVOS	44
1.5.1 Geral	45
1.5.2 Específicos	45
2 AS COMPLEXAS TRANSFORMAÇÕES DO PROCESSO CIVILIZATÓRIO CONTEMPORÂNEO.....	47
2.1 O UNIVERSO TECNOCIENTÍFICO SOB A ANÁLISE DA EQUAÇÃO CIVILIZATÓRIA.....	58
3 OS JOVENS QUE VIVEM NESTE TEMPO	64
4 PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO DO PROCESSO INVESTIGATIVO... 72	
4.1 A COMPOSIÇÃO METODOLÓGICA	73
4.2 POPULAÇÃO E UNIVERSO DA PESQUISA.....	77
4.2.1 Os jovens participantes desta pesquisa	85
4.3 O INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	89
4.4 ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA COMO FUNDAMENTO ANALÍTICO DOS DADOS DA PESQUISA	90
4.5 SOBRE AS CATEGORIAS DE ANÁLISE.....	93
5 CONJECTURAS E CONSTATAÇÕES.....	95
5.1 CATEGORIAS <i>A PRIORI</i>	95
5.1.1 Variável: desigualdade social	95
5.1.2 Variável: consumo desenfreado	105
5.2 CATEGORIAS EMERGENTES.....	120
5.2.1 Variável: mercado de trabalho	120
5.2.2 Variável: valores sociais e humanos	136
6 EPÍLOGO: A POSSIBILIDADE DE NOVOS CAMINHOS	153

REFERÊNCIAS.....	163
APÊNDICE A – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PARTICIPANTE MENOR DE IDADE).....	171
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PAIS OU RESPONSÁVEIS.....	176
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PARTICIPANTE MAIOR DE IDADE).....	181
APÊNDICE D – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	186

1 PRIMEIROS PASSOS

Num mundo em que vivemos dominados pelo *homo economicus*, dói ver os seres humanos, que ignoram a desertificação crescente (**a desigualdade social, a miséria, a pandemia, a fome, o consumismo desenfreado, a guerra, a degradação humana**), que sufoca o espírito, consagrarem-se exclusivamente a acumular dinheiro e poder. Dói ver triunfarem, nas redes de televisão e na mídia, as novas representações do sucesso [...]. Dói ver seres humanos numa corrida louca em direção à terra prometida do lucro fácil, enquanto tudo ao seu redor – natureza, os objetos, os outros seres humanos – não lhes suscita interesse algum. O olhar focado no objetivo a ser alcançado não permite mais desfrutar a alegria dos pequenos gestos cotidianos e descobrir a beleza que pulsa nas nossas vidas. Somente o saber, o **conhecimento**, podem desafiar as leis do mercado. Eu posso compartilhar meus conhecimentos com o outro sem me empobrecer. Posso ensinar um aluno a teoria da relatividade ou ler com ele uma página de Montaigne, dando vida a um milagroso processo virtuoso no qual se enriquece, ao mesmo tempo, tanto quem dá quanto quem recebe [...] (ORDINE, 2016, p. 17-18, grifos meus).

A epígrafe que abre esta tese faz parte da obra *A utilidade do inútil: um manifesto*, e é de autoria do filósofo italiano Nuccio Ordine (2016). Sem muitas delongas, indo direto ao ponto, esse pequeno recorte do texto parece sintetizar, em pouco mais de oitocentos caracteres, questões fulcrais que permearão as discussões em torno do processo civilizatório em curso e as tantas variáveis que fazem parte do universo contemporâneo. Nessas poucas linhas, já é possível evidenciar a grande crise social que vive a humanidade deste tempo, a qual padece diante do duelo dicotômico representado pelo dogma econômico *versus* humanização.

Avançamos alguns anos do novo milênio, e as transformações tecnocientíficas são um grande marco nesta nova era, muitas delas com inegável potencial de produzir mudanças significativas para a espécie humana. Por outro lado, os mais diversos interesses mercadológicos têm-se apropriado de ferramentas tecnológicas, moldando seus efeitos com intenção de gerar riqueza sem limites. Neste tétrico contexto, prospera uma população subordinada aos ditames econômicos em busca da riqueza material, que não consegue perceber o tamanho da exploração à qual se encontra submetida.

A espécie humana vive intensamente a era da riqueza material. Com isso, cresce o flagelo do estresse crônico que adocece os indivíduos; fragilizam-se as relações humanas; efervesce o discurso do ódio e da agressividade; atíça-se a competição insana em detrimento dos vínculos afetivos; aumenta a degradação planetária em todos os sentidos. É cada vez mais visível o desrespeito dos seres

humanos consigo mesmo e com o mundo, numa época em que a ambição resulta no egoísmo crescente.

Os efeitos adversos desta crise que assola a humanidade não deixam imune nenhuma das instituições sociais, porém repercutem incisivamente nos espaços educacionais, os quais penam diante do avanço tecnocientífico que vem sendo praticado dentro de uma mentalidade utilitarista e produtivista, motivada pela lógica implacável do lucro. Tais espaços, que deveriam ser de formação intelectual e humanística, se convertem, muitas vezes, em discursos capitalistas que vêm perpetuar a legitimação do crescimento econômico e do consumismo, pondo em perigo valores fundamentais como a dignidade humana e a manutenção da vida.

Infelizmente, os avanços tecnológicos, nos moldes do progresso em desenvolvimento, especialmente em termos da Tecnologia Digital da Informação e Comunicação (TDIC), têm avançado, e os mecanismos virtuais, se constituído numa importante ferramenta comunicativa, dotada de capacidade de persuasão, destinada a padronizar comportamentos de acordo com os objetivos econômicos de dominação. Este monopólio que subordina a capacidade intelectual do indivíduo, e que neutraliza as forças educacionais, tem contribuído para o esfacelamento do projeto civilizatório de sociedade, e diluído o conhecimento que nenhuma economia consegue produzir: a sapiência acerca do que significa bem viver.

A propósito, a encruzilhada está posta e temos duas direções a seguir; afinal, quais os rumos que queremos para a humanidade? Que mundo pretendemos deixar para as atuais gerações e às que ainda estão por vir? Parece-me que a resposta também faz parte da epígrafe, uma vez que somente o saber, o conhecimento ainda podem desafiar as leis do mercado. Com olhar focado no horizonte da educação e em sua relação com a cultura, o autor me faz crer que, apesar de tudo, há esperança. A educação ainda é o melhor caminho de preparação dos seres humanos para a vida, e o único processo capaz de libertar a humanidade para o criativo e ousado exercício do pensamento.

Partindo de tais considerações é que anuncio meus “Primeiros Passos” para elaboração de tão minucioso estudo, que investiga como as variáveis contemporâneas do processo civilizatório atingem os jovens. No primeiro capítulo, no qual já está inclusa esta seção, trato da sistematização da tese; apresento, inicialmente, em “Temporalidade e contexto: minhas construções mentais”, as primeiras considerações sobre o contexto que envolve o tema da pesquisa, que me

impacta há bastante tempo, e mobilizo-me para uma reflexão sobre a civilização contemporânea e suas mais diversas variáveis, principalmente sobre a juventude da atualidade. Na sequência, justifico a pesquisa, vinculada ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Tecnológica (NEPET) e baseada nos estudos do professor doutor Walter Antonio Bazzo, meu orientador de doutorado, que vem buscando problematizar as tantas e distintas variáveis que impactam no modo de ser e de perceber o mundo em que vivemos. Mostro também a relevância da pesquisa, que é de, possivelmente, contribuir para processos investigativos de construção e de difusão do conhecimento em Educação Científica e Tecnológica. Do mesmo modo, entendo que poderá fazer parte do ensino, da pesquisa, da extensão e das atividades profissionais exercidas por todos os que, de alguma forma, tiverem contato com o estudo e nos lugares em que sejam possíveis trabalhos na mesma perspectiva.

Na seção “A progênie da pesquisa e os elementos de sua conjectura”, a partir da minha experiência na área da educação, ciente de que alguns espaços educacionais, especialmente o contexto universitário – no qual, geralmente, se desenvolvem as pesquisas científicas –, ainda são compostos por uma minoria privilegiada, apresento meu entendimento de que são essenciais à formação profissional e, principalmente, à formação humana: a aproximação com o cotidiano da sociedade; o contato com as diferentes realidades; as inúmeras experiências de vida; o conhecimento das variáveis que permeiam esses contextos; a capacidade de análise crítica diante dos fenômenos que provocam as inúmeras disparidades. Depois disso, explico o problema de pesquisa, que foi o que moveu, de fato, o estudo, finalizando com os objetivos (geral e específicos) que busquei alcançar, enfim, respondendo ao problema de pesquisa.

No capítulo segundo, intitulado “As complexas transformações do processo civilizatório contemporâneo”, trago importantes contribuições teóricas e epistemológicas, que outorgam conceitos essenciais para a reflexão e interpretação das complexas transformações do processo civilizatório em curso. Na subseção do capítulo, apresento uma análise do universo tecnocientífico sob a ótica da equação civilizatória, conceito elaborado por Bazzo (2019) que serve como uma ferramenta de alerta sobre o comportamento das diversas variáveis contemporâneas e sobre o modo como elas podem influenciar nesse contexto. O texto aponta direcionamentos que indicam a necessidade imediata da tomada de consciência desta nova geração, e dos

indivíduos como um todo, no sentido de analisar os rumos pretendidos para o futuro da humanidade.

Ao tratar sobre “Os jovens que vivem neste tempo”, no capítulo terceiro, trago as definições legais e conceituais sobre a referida população, assim como discorro sobre quais referenciais sociais se constituem nos traços comportamentais desses indivíduos. O termo “juventudes”, no plural, traz implícito o entendimento da juventude como um grupo social múltiplo e diversificado, que possui diferentes possibilidades de sentidos, os quais se afastam de concepções objetivas e singulares. Além disso, aponto algumas características que marcam esta geração, e a maneira como tais questões se entrelaça com a sua vivência e a sua experiência. Logo, para efeitos desta pesquisa, o jovem é considerado a partir de sua condição social, que é vivenciada de diferentes maneiras, em função das múltiplas variáveis que estão postas em cada tempo e em cada contexto. São indivíduos imersos em uma rede de inter-relações e conexões sociais que envolve aspectos biológicos e psíquicos, os quais são influenciados e condicionados por fenômenos sociais. Ressalto, ainda, que a forma como as transformações tecnocientíficas aconteceram nas últimas décadas inseriu-se na vida desta geração, gerou efeitos desconcertantes na qualidade da existência, do ambiente, da sociedade, da economia, da política, ou seja, em todos os aspectos da vida desses seres humanos.

No capítulo quarto, discorro o “Percurso teórico-metodológico do processo investigativo”. Em face dos objetivos definidos e para elucidar o problema da pesquisa, elegi uma composição metodológica que me oportunizasse refletir sobre o processo civilizatório em curso, as diversas variáveis que nele interferem e, sobretudo, a forma como elas influenciam a vida dos “jovens contemporâneos”. Descrevo, a partir de seis subseções, o caminho trilhado para a realização da pesquisa, a coleta dos dados, as análises e reflexões realizadas. Tal capítulo contempla o local da pesquisa, os participantes, o instrumento de coleta de dados e os procedimentos de análise.

No quinto e último capítulo desta tese, “Conjecturas e constatações”, dedico-me à tessitura das análises propriamente ditas. Busco evidenciar os resultados obtidos a partir do *corpus* analítico desta pesquisa, à luz da contribuição teórica de diferentes autores. O texto é produzido e materializado nos metatextos que representam a teorização do fenômeno investigado. A estrutura desse capítulo está dividida em quatro seções, e se desenvolve por meio de quatro categorias principais,

as quais também chamamos de variáveis do processo civilizatório: desigualdade social; consumo desenfreado; mercado de trabalho; valores sociais e humanos.

Para finalizar, o “Epílogo: as possibilidades de novos caminhos”, seção em que faço o fechamento da tese. Nela, apresento uma discussão sobre os resultados obtidos na pesquisa, explico de que modo o problema central foi atendido, respondo a cada um dos objetivos do estudo, e proponho uma reflexão a partir do cerco epistemológico utilizado. Por fim, aponto possíveis caminhos e direcionamentos propositivos que envolvem a temática, assim como indico a intenção de dar seguimento com novas pesquisas considerando a constante presença de novas variáveis.

1.1 TEMPORALIDADE E CONTEXTO: MINHAS CONSTRUÇÕES MENTAIS

Há certo tempo, venho-me deparando com a necessidade de refletir sobre as inúmeras questões que tanto afetam a sociedade contemporânea. O esforço vem no sentido de descobrir ferramentas cognitivas que me auxiliem a entender o volume de questões que fazem parte de um processo civilizatório que é desumano, desigual e muito injusto com a imensa maioria dos seres vivos. A propósito, a busca que se traduz em uma constante é acerca de compreender a civilização deste tempo e encontrar a melhor maneira de *pensar em, sobre e para* o mundo que vivemos, além de refletir sobre qual é o nosso papel neste universo.

Num cenário global marcado por um conjunto de variáveis contemporâneas que integram o complexo processo civilizatório humano, o intenso fluxo de informações e as formas de comunicação vêm estruturando a sociedade e transformando significativamente a inserção dos indivíduos no mundo. As transformações deste tempo, reflexos da sociedade globalizada regida pelo viés econômico, principalmente, em que a tecnologia imprime sua marca registrada, têm conduzido as ações humanas e influenciado o comportamento de diferentes gerações.

As variáveis contemporâneas, que vêm recheiar o que Bazzo (2021a) denomina de equação civilizatória, dizem respeito a tudo que está acontecendo no dia a dia, no contexto global. Referem-se a temas da realidade, como questões relacionadas, ao ambiente, à pandemia de Covid-19, à desigualdade social, à fome, ao aquecimento global, ao desmatamento, ao consumo exacerbado, à mobilidade humana, ao mundo do trabalho, às TDIC. Dentre tantas outras, essas são apenas

algumas das variáveis contemporâneas que assolam a sociedade, dentro do seu contexto e de sua temporalidade – assunto que será discutido com mais ênfase no capítulo segundo, já que se trata de um tema que permeia toda esta tese.

Ao longo do século passado, as frenéticas transformações da *tecnociência*¹ modificaram o universo, a nossa sociedade e, sobretudo, nós mesmos, sem modificar, contudo, nosso entendimento a respeito de tudo o que nos cerca. Por mais que, atualmente, estejamos conectados a vastos repositórios de conhecimentos, ainda assim, não aprendemos a pensar. O campo das informações multiplica-se exponencialmente, a realidade se torna cada vez mais complexa, e nossa capacidade de nos apropriarmos de conhecimentos realmente verídicos denuncia a deficiência do modo como fomos ensinados a tratar das questões que envolvem o mundo em nosso entorno. Passamos a maior parte do tempo nos dedicando às questões técnicas muito mais relacionadas ao ter, em detrimento dos valores humanos relacionados ao ser.

Vivemos em um mundo acelerado absolutamente emaranhado em sistemas tecnológicos que, por sua vez, moldam nossos comportamentos, a maneira como agimos e pensamos. Quanto ao imenso volume de informações que recebemos (intencionalmente ou não), nossa mente necessita de tempo para processá-las; com a aceleração da vida cotidiana, as coisas acabam perdendo o significado.

Mudanças substanciais que perpassam a ciência, a sociedade, a educação, as políticas, enfim, tornam-se cúmplices dos maiores desafios já vivenciados pela humanidade. São questões de toda ordem: problemas climáticos; sistemas econômicos descontrolados; desigualdades sociais que acirram cada vez mais o distanciamento entre ricos e pobres; fome e miséria que precarizam milhares de vidas humanas; disputas territoriais; divisões sociais; conflitos étnicos; aquecimento global; aplicativos digitais regendo o social, a economia e a política; pandemias e inúmeras outras variáveis que fazem parte da vida no Planeta Terra.

Ao discorrer sobre as questões contemporâneas e o processo civilizatório, Bazzo (2020) chama a atenção para o quanto os seres humanos têm vivido em um ritmo acelerado. Comandados pelos organismos sociais, somos arditamente

¹ Entendem-se por “tecnociência” “as proximidades e as estreitas relações existentes entre os contextos social e tecnológico da ciência” (CIVIERO, 2016, p. 264); termo utilizado para tratar do entrelaçamento entre a ciência e a tecnologia. Para Bazzo (2019, p. 111), “a tecnociência define tudo”; na sociedade contemporânea, ela nos é imposta pelas prioridades de um desenvolvimento mais centrado no ter que no ser, mais no técnico do que no humano.

convencidos a não darmos tempo a nós mesmos. As reflexões humanas, os encontros pessoais, as trocas de afetos e os contatos físicos ocorrem em menor proporção, como se fizessem parte do passado. Na modernidade, os meios eletrônicos parecem ser os mecanismos do progresso que mais interessam aos seres humanos. A pressa, a ansiedade, a irritação, os abalos à saúde e a sensação de que nunca é possível fazer tudo, além da impressão de que a vida está passando apressadamente, são corriqueiros. O estresse pela voracidade de ganhar tempo nos suscita cada vez mais a sensação de perdê-lo.

Para Bazzo (2019), a sobrevivência da nossa sociedade está ameaçada por um número exponencialmente crescente de problemas inéditos e até, em certas conjunturas, insolúveis, se a sociedade permanecer sob o sonambulismo tecnológico de pensar no *ter* muito mais que no *ser*. Seguimos incessantemente, dentro de uma procura alucinada por não sei *o que, por que e para que*, e, neste descaminho, perdemos a noção de aonde isso vai nos levar. Segundo o autor, esse resultado é decorrente da perda de responsabilidade dos seres humanos consigo mesmo e com seus semelhantes (BAZZO, 2019).

Ao produzir reflexões sobre a estrutura da modernidade, Bauman (2007) faz um diagnóstico da atualidade e destaca traços que fundamentam o modo de ser dos humanos que vivem neste tempo. Dentre as características peculiares apontadas pelo autor, o tempo e a velocidade das mudanças são representativos em uma sociedade que vem sendo circunstanciada pela fluidez e pela impersistência nas relações humanas. A vida, em tal contexto, passa a ser determinada pelo modo e pela intensidade com que procuramos realizar nossos sonhos, projetos e desejos. Os novos ideais e conceitos são produzidos para manifestar cada momento vivido no anseio de dar solidez e durabilidade ao que incessantemente passa e se esvai com muita rapidez.

Em tempos de instabilidade, em que o sistema opera produzindo indivíduos ansiosos e inseguros, os efeitos que se propagam na sociedade e nas vidas humanas provocam uma série de condutas que, em vez de aproximar as gerações, evidenciam cada vez mais as diferenças e o distanciamento entre elas. De acordo com Bauman (2008), o contemporâneo passa a ser marcado pelo fim dos padrões, da estabilidade, da segurança e das certezas; sucumbe-se ao tempo da indefinição, do medo e da insegurança.

Destacadamente, Bazzo (2019) tem investido esforços para a compreensão e disseminação de uma nova forma de equacionar os tantos elementos da imbricada relação entre os aspectos tecnológicos e as questões humanas. Para o autor, o tempo presente sinaliza que, a cada dia que passa, os problemas da humanidade se tornam mais complexos; as variáveis, antes miradas apenas como efeitos adversos de planos extravagantes em prol do lucro, começam a se tornar irreversíveis e avançam de forma irredutível, impactando o ecossistema e o universo de matérias propensas ao esgotamento. Acima de tudo, a dignidade humana cada vez mais é aviltada pela ambição do poder hegemônico.

Em seus escritos sobre Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) e os inúmeros problemas que incidem na vida dos indivíduos, Bazzo (2019) ressalta a importância de compreendermos essa relação, principalmente diante do risco iminente de o poder hegemônico continuar determinando a maneira como nos comportamos perante o mundo capitalista, industrial e de tantas outras formas de controles e ideologias. Para o autor, o sistema tem conseguido conhecer o indivíduo mais do que ele mesmo conhece a si. Isso significa dizer que, na maioria dos casos, o sistema opera e exerce um poder maior de controle sobre os indivíduos do que os indivíduos sobre si mesmos.

O mundo contemporâneo, atravessado pela globalização, impôs e continua impondo consequências para os seres humanos. O que está posto para esta época é a redefinição constante da identidade do indivíduo, uma vez que a existência do ser exige adaptações, reconfigurações, as quais vêm sendo permeadas por um volume expressivo de problemas que integram o processo civilizatório e surgem a todo momento. Ao observar a escala e o escopo das mudanças tecnocientíficas, bem como a intensidade da sua influência sobre os seres humanos e o equilíbrio do ecossistema, percebo que estamos adentrando em um período desafiador para o futuro da humanidade.

Uma das questões que afeta o mundo desde o final de 2019 é a pandemia da Covid-19. A doença foi considerada como pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em janeiro de 2020. Trata-se de um dos mais graves problemas da atualidade e um dos mais impactantes vividos pela geração atual, que produziu e seguirá produzindo, por longa data, mudanças drásticas e efeitos inimagináveis na vida das pessoas. Essa pandemia possivelmente é a mais grave da história recente

da humanidade, e seu rumo pode ser influenciado pelo rigor no cumprimento de medidas comportamentais individuais e coletivas.

Os problemas gerados pela pandemia reproduziram situações vivenciadas em outros momentos históricos, diante de outras situações epidêmicas registradas. Porém, a soma de algumas questões que permeiam o contexto contemporâneo são motivos de agravamento do atual cenário. Com um misto de incompetência política somada à disseminação instantânea de pensamentos negacionistas, líderes políticos tentam desacreditar o valor e a importância das Ciências em prol de seus interesses ideológicos, e as questões humanas mais uma vez ficam subjugadas às questões econômicas.

A guerra entre Rússia e Ucrânia, iniciada em fevereiro de 2022, é mais um exemplo de como funciona a dinâmica das variáveis contemporâneas. Disputas econômicas e geopolíticas que envolvem muito mais que interesses dos dois países; trata-se de interesses de grandes corporações globais que ditam as regras do sistema capitalista e que dominam o mercado em prol do lucro. Mais uma vez as questões econômicas se sobrepõe ao humano, e o cenário que se apresenta é o da morte e da destruição do bem mais precioso: a vida humana. Além disso, há a degradação dos recursos naturais e a migração de famílias inteiras em busca de abrigo, num cenário marcado por medo, fome, insegurança, que são intermináveis problemas.

Essas constatações levam em conta um conjunto de princípios e valores – políticos, econômicos e ideológicos – que regulam a sociedade. Os sistemas políticos priorizam as pautas de ordem administrativa e financeira, e as decisões finais têm a economia como centralidade. Essa prioridade, no entanto, não é capaz de atender às questões de ordem social e humana. Há um conjunto de problemas que perpetuam na sociedade e precisam ser tratados na sua totalidade.

A essencialidade trazida a partir das lutas travadas contra a Covid-19 e, na mesma esteira, a guerra reverberam reflexões fundamentais para atentarmos às tantas pautas que se encontram entrecruzadas no mundo contemporâneo. Não se trata apenas de contribuir para o redimensionamento da sociedade que temos, mas, principalmente, para a composição de um projeto de sociedade que queremos. Uma sociedade na qual os indivíduos possam viver com condições mínimas de dignidade humana, visto que grande parte da população mundial sobrevive em meio à fome e à miséria, e apenas uma pequena parte dela detém a maior parte da riqueza do mundo.

São desafios que se colocam todos os dias na vida dos seres humanos e que merecem ser pontos de reflexão dentro dos debates humanitários para que possamos ladrilhar caminhos com vistas ao enfrentamento da sucessão de episódios que nos são postos diariamente. Desse modo, cabe-nos refletir: qual a importância de tratarmos dos eventos globais que fazem parte da civilização contemporânea e que se desenrolam todos os dias diante de nossos olhos? Nestes tempos de constantes e universais mudanças, de que forma essas problemáticas estão sendo pautadas nos diferentes espaços de formação? Como as referidas demandas estão impactando no modo de vida das pessoas, sobretudo nas gerações mais jovens?

Essas e muitas outras questões se manifestam como emergenciais dentro do universo das pesquisas científicas. Porém, é cercada por uma infinidade de indagações, e tendo em vista o preâmbulo apresentado, em que expresse a perspectiva atômica de um tempo e um contexto tão sisudo, que me mobilizei na direção de uma minuciosa reflexão sobre o universo da modernidade, suas mais diversas variáveis, e as resultantes repercussões sobre a juventude contemporânea. Nesta seara, elegi como problemática central desta pesquisa: **como as variáveis contemporâneas do processo civilizatório atingem os jovens em termos educacionais, sociais e humanos?**

Definitivamente, urge a necessidade de olharmos para este público considerando que, no Brasil, os jovens entre 15 e 29 anos correspondem a 23% da população, somando mais de 47 milhões de pessoas, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2021). Um público que já nasceu imerso em ambientes tecnológicos, com amplo acesso a informações – o que não significa necessariamente conhecimento – e que vem constituindo sua identidade a partir de referenciais moldados por complexos sistemas tecnocientíficos, os quais incidem na maneira como eles agem e atuam na sociedade contemporânea.

Os jovens que habitam o mundo atual vivem condições muito diferentes daquelas da geração que os antecedeu. Hoje, esses indivíduos vivem o ritmo acelerado imposto por organismos sociais da civilização da modernidade. Trata-se de uma geração que passou a viver mudanças rápidas e abruptas, especialmente com o advento da internet, dos celulares e das redes sociais. Muitos deles, embora não tenham acesso a esses aparatos, vivem, ao mesmo tempo, os desejos e as frustrações decorrentes dessas limitações. Esse fato, segundo Twenge (2018),

transformou o comportamento e o estado emocional desses jovens – são as maiores e mais influentes mudanças já ocorridas em todos os tempos.

O uso excessivo das ferramentas tecnológicas, as ofertas interrompidas de novidades e recurso transformaram o Planeta, principalmente o modo como os jovens se movimentam nele. A aceleração do tempo, a pressa, o acúmulo de tarefas do dia a dia e a hiperconectividade são apenas alguns aspectos deste tempo que trazem sérias consequências comportamentais e psíquicas para a humanidade. Tudo isso interessa especialmente no que tange ao público jovem, que, desde berço, encontra-se mergulhado nessas mudanças, e tem experimentado novos desafios para a chegada à vida adulta. O uso descontrolado desses recursos fez com que esses indivíduos passassem a viver ligados por uma continuidade temporal alvitada pelo acúmulo de informação e pela necessidade de ligação com o outro. Presos às redes, e conectados várias horas por dia, têm pelos meios virtuais a sensação de que não há tempo a perder; a obrigação que se impõe é a de que se compartilhem semblantes permanentes que irradiem beleza e felicidade, as imagens sempre perfeitas e impecáveis, como se isso fosse realmente possível. Tudo isso tem causado sérias consequências para a vida dos jovens (FLANZER, 2020).

Essas e outras percepções me mobilizaram no sentido de ir ao encontro dos jovens da atualidade, os quais necessariamente não se encontram em espaços institucionais, como escolas e universidades. Fazem parte de outros tantos espaços sociais, muitas vezes desprovidos de processos de escuta, por comporem minorias que seguem à margem dos debates da sociedade ou, ainda, por não terem espaços em que suas vozes sejam ouvidas. Jovens que possuem idade entre 15 e 29 anos, e estão em diferentes cenários sociais: urbanos e rurais; estudantes ou não; jovens em estado de privação de liberdade; indivíduos em situação de rua; trabalhadores ou não; de diferentes nacionalidades, gêneros, cores e orientações sexuais.

Muitas vezes, sequer notamos a intensidade dos debates que estão acontecendo, o quanto eles implicam na nossa vida, para a garantia desta e das futuras gerações. Boa parte da humanidade dificilmente disporá de tempo, ou, quiçá, terá a oportunidade de analisá-los, pois se encontra ocupada demasiadamente com inúmeros outros afazeres particulares, que são considerados bem mais importantes. Ou, talvez, grande parte das pessoas siga acompanhando os debates do mundo como meras espectadoras da mídia tendenciosa que traz o discurso pronto do herói e do bandido. Contudo, a história não poupa ninguém; se o futuro do Planeta for decidido

em nossa ausência, não estaremos desonerados das consequências. Ou nós pensamos sobre esta civilização contemporânea e suas múltiplas variáveis que vêm comprometendo a sobrevivência da espécie humana, sobretudo das gerações mais jovens, e dos demais seres vivos, ou seguiremos passivos, nos tornando coniventes com este processo civilizatório perigosamente desastroso no que se refere ao futuro da humanidade.

Sempre acreditei que o dever de todo o profissional da educação, acima de qualquer ensinamento, era o de conhecer a fundo o sistema social que envolve os indivíduos à sua volta, acolher suas contradições, reconhecer suas realidades, diversidades, adversidades, seus confrontos e todos os possíveis devaneios. E, assim, revelar toda a essencialidade pura e simples do tão complexo processo de ensinar e aprender. Sigo acreditando! Por isso, trago a urgência de mergulharmos com profundidade na busca inadiável da compreensão deste processo civilizatório que nos move, no sentido de alçar perspectivas que sejam favoráveis à garantia da vida com dignidade para as gerações de agora, e para as que ainda estão por vir.

1.2 JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA DA PESQUISA

Ao alçar mão deste desafio, e diante de tão complexa temática, entendo ser de fundamental importância ampliar o leque teórico epistemológico, no sentido de acomodar e organizar elementos conceituais até então ocultos ou ainda não explorados em sua completude. A leitura, o pensamento crítico e a imersão em contextos sociais concretos são elementos indispensáveis para impulsionar as investigações daqueles que se propõem ao desenvolvimento da pesquisa.

Neste percurso, investigando as diferentes questões que perpassam os tempos presentes e os diversos debates que contemplam relações sociais e as mais recentes descobertas humanas, seja no campo científico, seja no tecnológico, deparei-me, principalmente, com os estudos do professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) doutor Walter Antonio Bazzo. Somado a uma série de outros estudos, o referido professor vem problematizando as tantas e distintas variáveis que impactam nosso modo de ser e de perceber o mundo em que vivemos. As diversas variáveis que abarcam tanto as questões técnicas como as questões humanas, assim como o desenvolvimento tecnocientífico em diferentes graus, constituem o que Bazzo (2019) denomina “equação civilizatória”.

Inicialmente, o termo utilizado por Bazzo (2019) foi considerado uma metáfora matemática, a qual poderia ser um meio para “reunir as mais diferentes variáveis que surgem a todo instante em uma civilização que está vulnerável às mais aceleradas mutações em seu comportamento cotidiano” (BAZZO, 2019, p. 21). Contudo, Civiero e Bazzo (2022, p. 2), em estudos recentes, tecem algumas considerações que os levam a inferir: “a equação civilizatória não é apenas uma metáfora, mas, sim, uma categoria de análise do real, como uma possibilidade”. Dada a importância das discussões em torno da equação civilizatória e as variáveis contemporâneas para esta pesquisa, elas são tratadas com mais ênfase no segundo capítulo.

O debate sobre a civilização atual e suas múltiplas variáveis vem sendo idealizado por Bazzo, e compartilhado pelos membros do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Tecnológica (NEPET)² da Universidade Federal de Santa Catarina. O grupo de pesquisa, que é vinculado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), foi fundado em 1997, pelos professores Walter Antonio Bazzo, Luiz Teixeira do Vale Pereira e Irlan Von Lisingen. Coordenado por Bazzo, o grupo surgiu com a ideia de desenvolver estudos, pesquisas e reflexões que produzissem um entendimento ampliado sobre as complexas relações entre Ciência, Tecnologia, Sociedade e o ensino de um modo geral. Mais recentemente, o grupo de estudos passou a englobar pesquisadores e estudantes de diversas áreas, os quais trazem discussões que se coadunam com as mesmas preocupações quanto às implicações sociais da tecnociência.

Corroborando as mesmas reflexões, somada aos demais membros do NEPET, interessei-me por esses variados dilemas; de modo que, por meio do desenvolvimento desta pesquisa, junto a jovens contemporâneos, posso contribuir às discussões. Esses indivíduos que adentram a civilização atual caracterizam-se por seus diferentes comportamentos; trata-se de indivíduos que, desde a infância, convivem imersos em uma civilização amplamente tecnológica, constituindo-se em muitos lugares ao mesmo tempo e que se constroem a partir das diferentes relações estabelecidas, produzindo noções diferenciadas de espaço e tempo.

Se, ao longo da história, as diferentes gerações tiveram que conviver com escravidão legalizada, disputas territoriais, guerras armadas, ditaduras, dentre outros

² Cf. www.nepet.ufsc.br.

acontecimentos que marcaram a história da humanidade, as condições postas para os jovens do século XXI seguem ganhando novas roupagens. A juventude contemporânea faz parte de uma geração cuja história é circunstanciada por aceleradas transformações tecnocientíficas que se intensificam constantemente. Ao mesmo tempo que significam soluções favoráveis para toda a humanidade, essas transformações seguem também gerando outros problemas que ainda não apresentam horizontes de solução.

Segundo Bauman (2013), a forma de vida em que a geração jovem de hoje nasceu, a qual não conhece nenhuma outra, é uma sociedade de indivíduos inquietos e em perpétua mudança, que promove o culto da novidade e da contingência aleatória. Trata-se de uma geração que sofre com o suprimento excessivo de todas as coisas, tanto dos objetos de desejo quanto dos de conhecimento.

O pensamento linear e instantâneo que vem-se constituindo nos jovens da atualidade está retirando deles a capacidade de pensar criticamente, o que dificulta uma análise mais profunda acerca do efetivo sentido da vida diante de uma sociedade alucinada por velocidade. Bazzo (2019) ressalta que esses indivíduos estão perdendo a capacidade de reflexão e não estão se dando conta dos multifacetados problemas humanos do mundo contemporâneo; assim, seguem se tornando meros espectadores à espera do fim da humanidade.

Diante deste “admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis” (BAUMAN, 2005, p. 33), considero ser de fundamental importância dedicar esforços no sentido de investigar as consequências que as variáveis contemporâneas geram nos modos de ser e viver desses jovens. Isso porque me parece que os jovens deste século se configuram de tal forma que os modos de vida e a própria identidade desta geração têm-se adequado muito bem às demandas de fluidez do mundo contemporâneo.

Parto do princípio de que a identidade dos jovens, assim como a de todos os indivíduos, se constitui em um processo contínuo, a partir de influências do contexto sociocultural. Portanto, considere que, para analisar como as variáveis contemporâneas do processo civilizatório atingem os jovens em termos educacionais, sociais e humanos, era preciso necessariamente situá-los no contexto histórico e social onde vivem. A partir disso, compreender a diversidade e a dinamicidade de variáveis que integram este imenso universo, para, então, categorizar as que figuram como principais neste processo.

Buscando romper barreiras institucionais e puramente acadêmicas, esta pesquisa teve como propósito promover o processo de escuta de jovens pertencentes aos mais diversos cenários sociais situados no lócus territorial do Oeste do estado de Santa Catarina. Deste modo, foram considerados como critérios de inclusão: jovens com faixa etária entre 15 e 29 anos; vinculados aos cenários sociais selecionados para a pesquisa; pertencentes à população identificada como jovens urbanos, jovens rurais, jovens imigrantes, jovens universitários, jovens em liberdade assistida, jovens em situação de rua. Com base em um estudo qualitativo, com característica exploratório, foi realizada uma investigação mista, envolvendo a pesquisa bibliográfica e de campo. Como instrumento de coleta de dados, foi empregada a entrevista semiestruturada, sendo que o material empírico coletado foi analisado por meio da análise textual discursiva (ATD).

A propósito, a referida pesquisa encontra convergências nas finalidades do Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica (PPGECT) da Universidade Federal de Santa Catarina, mais especificamente com a linha de pesquisa Implicações Sociais da Ciência e da Tecnologia na Educação. Nesse sentido, compreendo que minha proposta investigativa abarca argumentos de relevância social-científica.

A escolha pela temática se deu no sentido de me favorecer uma leitura crítica e reflexiva da contemporaneidade e estabelecer uma relação com a Educação Científica e Tecnológica. Ou seja, reconheço a pertinência de refletir sobre o presente e de produzir um diagnóstico social destes tempos, sendo possível, dessa forma, observar a relação entre a atualidade e a historicidade, e os atravessamentos aos quais os jovens do século XXI se encontram submetidos. Além disso, entendo que, a partir da análise das variáveis que integram tal contexto social, foi possível evidenciar os traços que fundamentam o modo de ser/viver dos jovens contemporâneos e, assim, de alguma forma, sugerir possibilidades de intervenções no campo do desenvolvimento da Educação Científica e Tecnológica.

É de suma importância que temáticas que abarquem estudos sobre jovens no cenário contemporâneo sejam colocadas em pauta para produzir literatura de subsídio, a qual pode ser utilizada para formação tanto dos discentes como dos seus próprios formadores das diferentes áreas do ensino. Além disso, estes escritos podem contribuir com diferentes espaços que trabalhem com o referido público, que não necessariamente espaços educacionais. A temática a que me propus investigar foi ao

encontro do principal objetivo do PPGECT/UFSC: promover o desenvolvimento de pesquisas que tragam a relação entre educação, ciência e tecnologia, os processos de ensino e aprendizagem, o domínio das estruturas de pensamento exigidas pela ciência e pela tecnologia, sua inserção na sociedade brasileira – para, à luz destes, promover um ensino mais adequado³.

Nesse campo ainda, entendo que a pesquisa contribuirá para processos investigativos de construção e de difusão do conhecimento em Educação Científica e Tecnológica. E que, da mesma forma, se façam presentes no exercício do ensino, da pesquisa, da extensão e das atividades profissionais exercidas por todos os que, de alguma forma, tiverem contato com o estudo e nos lugares em que sejam possíveis trabalhos na mesma perspectiva.

1.3 A PROGÊNIE DA PESQUISA E OS ELEMENTOS DE SUA CONJECTURA

Conhecer o pesquisador e os pretextos que o estimularam a inquietar-se com o tema pesquisado, assim como desvendar o que está por detrás das escolhas e direcionamentos de uma pesquisa, suscita essencialmente exprimir ou manifestar experiências sentidas e vividas. Em direção a uma reflexão sobre a existência do ser, o que inspira seu aprendizado, são propícias as palavras de Savater (1998):

A vida humana consiste em habitar um mundo no qual as coisas, além de serem o que são, também significam; o mais humano de tudo, porém, é compreender que, embora o que a realidade é não dependa de nós, o que a realidade significa é, sim, competência, problema e, em certa medida, opção nossa. (SAVATER, 1998, p. 41).

Essa citação da obra de Fernando Savater, filósofo espanhol, de antemão, provocou-me a compreender e apreciar o ser humano e sua condição existencial no mundo. O ser humano não nasce pronto, sua existência vai muito além de sua condição biológica; o ser humano se tornará humano em sua completude nas condições do meio social subsequentes ao nascimento: é isso que o diferencia dos animais, haja vista que o ser humano interage com o outro de forma consciente, constitui-se vivendo e aprendendo a partir de suas interações. As relações

³ Cf. <https://ppgect.ufsc.br/>.

estabelecidas acontecem em um movimento de construções e desconstruções, e nesse processo se constitui a personalidade, a subjetividade humana, e sua percepção de mundo. As experiências e as vivências que são postas ao ser humano vão também tornando-o consciente e fazendo-o refletir sobre o que o cerca, para que ele possa compreender o seu papel na constituição da humanidade.

Pautando-me em tal sentimento a respeito da existência humana, evidenciei aqui as expressões de alguns dos principais motivos que me conduziram ao desenvolvimento desta pesquisa. Tenho clareza de que são reflexos diretamente ligados à existência humana nessa sociedade, pelas experiências e vivências às quais me sinto ser pertencente, como fruto das condições da realidade em alguns momentos, e como ser protagonista dessa realidade em outros. As produções e ressignificações que desenvolvi no contexto da minha vivência na ação de minha redação estão abertas às múltiplas possibilidades de interpretação; tudo dependerá da concepção e da intenção de cada leitor.

O ato da comunicação requer transparência nas sustentações e organização na disseminação das informações, assim como o conhecimento das linguagens utilizadas no processo, para que o legente possa captar o objeto comunicado. Não obstante, ao executar a dinâmica da escrita acerca das vivências que me impulsionaram a esta problemática de pesquisa, identifiquei-me na condição de alguém que revisita os momentos experienciados, seja nos espaços da família, da escola, da academia, da sociedade; e deste modo busquei a maneira mais profícua de significar tais experiências. Introduzi-las para o contexto da produção escrita e, por conseguinte da leitura, pressupôs transformação, e isso demandou um exercício reflexivo que provocou mudanças, ressignificações, circunstâncias que me colocam na condição imediata de sujeito do trabalho.

As incursões realizadas no percurso do meu circuito acadêmico e profissional sinalizaram a superação e uma infinidade de desafios de ordem pessoal que ocorreram concomitantemente com minhas atividades profissionais; em vista disso, anuncio minhas reflexões, partindo da minha trajetória de vida.

As inquietações que se materializam nesta pesquisa têm origem na minha própria experiência como ser humano, como indivíduo social, que teve o percurso histórico marcado por movimentos oscilatórios, que, dadas as circunstâncias e pela própria condição de vida, teve poucas oportunidades para refletir profundamente sobre as tantas questões que implicavam o meu modo de ser e estar no mundo. A

principal perspectiva vislumbrada, dentro da estrutura social de convívio, era almejar um trabalho que pudesse romper com o ciclo de sofrimento vivido pela geração que me antecedeu. Estudante de escola pública, filha de agricultores, meu olhar sobre o futuro sempre foi mirando uma profissão.

Durante toda minha trajetória educacional, a pergunta mais recorrente foi: o que você vai ser quando crescer? A resposta óbvia sempre esperada era sobre a profissão a ser seguida. Muito embora eu tenha a certeza de ter feito a melhor escolha sendo professora, a opção por esta profissão era também a única possível dentro do rol de possibilidades que caberia no orçamento de alguém que teve de conciliar o trabalho com o curso de graduação. Eu sei que, das minhas escolhas, algumas delas não foram “minhas escolhas”, mas, sim, foram delimitadas pelas condições que me foram postas naquele momento da minha vida, tendo em vista o conjunto de questões que faziam parte daquele tempo e daquele contexto.

Ao longo da minha graduação e no exercício da docência, tive a oportunidade de vivenciar diferentes experiências que me fizeram desenvolver muito amor pelo meu trabalho. A profissão de pedagoga me fez perceber o tamanho da responsabilidade da minha profissão para a formação do ser humano. Sempre entendi o processo educativo, antes de qualquer coisa, como princípio de vida; como disse Freire (2004), educar é um ato de amor, e a educação pode mudar o mundo. Por isso, sempre me preocupei com a ausência, dentro dos espaços educacionais, das pautas que instigassem reflexões sobre os tantos problemas deste mundo.

Compreendo que os posicionamentos que assumo hoje em dia são frutos da somatória de vivências que passaram por muitas metamorfoses. É evidente que durante este percurso o suporte epistemológico e as leituras constantes foram fundamentais neste processo de galgar caminhos para refletir sobre as mais intrincadas questões contemporâneas e os tantos problemas da humanidade. Os diversos autores a mim apresentados foram e continuam sendo inspiradores das minhas escritas e, por muitas vezes, promoveram rupturas, reconfiguraram convicções, sempre me provocando a um reordenamento na forma de pensar e ver o mundo. A leitura, sem dúvida, é libertadora!

Atualmente, após anos atuando como professora na Educação Básica, tendo passado por processos formativos que me renderam títulos de especialista, mestra e, neste momento, o doutoramento, além da minha atuação como servidora pública na Universidade Federal da Fronteira Sul – atuando em várias frentes, no âmbito de

ensino, pesquisa, extensão, tanto na gestão das políticas como na prática: em projetos de formação de professores, jovens e mulheres agricultoras –, vejo que adentramos alguns anos do século XXI e a educação segue em perpétua crise. Sobre isso, temos que admitir que não nos faltaram vozes de alarme que há muitos anos nos previnem a esse respeito. Diante disso, certamente, ao manifestar minha preocupação com a crise atual da educação, é possível que muitos encolham seus ombros e manifestem algo como ‘esse problema é histórico, a educação não pode resolver todos os problemas do mundo’.

A educação não pode resolver tudo, mas ela ainda é o melhor caminho. Creio ser impossível, em meio a tantas peculiaridades inquietantes que colocam em risco a sobrevivência humana na fase crítica que estamos vivendo, que os sistemas educacionais fiquem desprovidos da responsabilidade de direcionar suas ações no sentido de promover reflexões sobre as inúmeras questões que afetam a humanidade. O mundo ferve em situações cada vez mais desafiadoras, por meio das quais novos problemas surgem a todo instante e colocam todos diante do problema inexorável da sobrevivência humana quanto à finalidade de viver em comunidade. Contudo, seguimos a passos lentos diante da acelerada civilização contemporânea. A maioria dos indivíduos deste tempo continua sem ter a oportunidade de refletir sobre os tantos problemas do mundo que incidem diretamente sobre a vida no Planeta Terra.

Continuamos, infelizmente, sendo adestrados a obedecer ao sistema que dita as regras dos paradigmas dominantes e que determina qual caminho devemos seguir. Boa parte dos indivíduos já estão convencidos de que o “progresso” atrelado à produção em massa de bens tecnológicos aparece como prioridade para a solução dos problemas sociais e, por isso, as questões humanas ficam subjugadas. O que está posto é que, tanto antes como agora, o ter superou o ser e, conseqüentemente, a cultura tecnocientífica desprovida de valores humanos e sociais tem predominado diante da cultura humanística.

Os espaços educacionais em seus diferentes níveis, em número expressivo, se mantêm enclausurados em seus conteúdos pragmáticos, em que a produtividade e a competitividade são levadas a ocupar lugares de destaque nos discursos institucionais. Ainda que as questões contemporâneas façam parte das preocupações vividas no cotidiano da maioria dos profissionais da educação, parte deles permanecem ignorando-as, deixando-as fora dos debates. Isso ocorre, às vezes, por falta de conhecimento; em outras, por estarem muito preocupados em dar conta dos

conteúdos curriculares específicos; talvez, ainda, pela escassez de material para encampar seus argumentos; ou, quiçá, por razões atreladas às suas vinculações político-ideológicas.

Sigo apoiando-me em Bazzo (2016b, 2019, 2020, 2021b, 2022), ao afirmar que a educação precisa ser mais desobediente, ou seja, o mundo passa por problemas de toda ordem, as polêmicas se multiplicam e requerem reflexões e bom senso; por isso, é importante que as instituições de educação, em seus diferentes níveis, através dos seus distintos mecanismos de atuação, trabalhem numa perspectiva crítica, menos obediente e menos conservadora. Continuamos obedecendo às cartilhas, criando o ridículo confronto de importância das áreas do conhecimento, colocando intransigentemente um fosso entre o técnico e o humano, afastando cada vez mais a tão decantada interdisciplinaridade educacional.

Ao referir-se aos problemas que integram a civilização contemporânea, Bazzo (2020) nos mostra o grau de responsabilidade daqueles que atuam na formação humana, especialmente no contexto acadêmico. As mudanças constantes, aceleradas e ubíquas são a característica que mais impressiona o mundo. Portanto, pensar no contexto das universidades na atualidade requer um conjunto de ferramentas que nos permitam compreender a sua inserção neste mundo. O distanciamento da universidade pública do cotidiano da sociedade determina uma universidade asséptica, isolada e descompromissada.

Para mais, o contexto universitário permeia-se de contradições, as pesquisas que trazem à tona as questões humanas são sobrepostas por outras impregnadas de intenções puramente econômicas. Mais uma vez, remeto-me a Bazzo (2016a, 2019, 2020), quando afirma incisivamente a gravidade disso, uma vez que, de uns tempos para cá, as pesquisas sobre o desenvolvimento tecnológico colocaram para “escanteio” aquelas produzidas sobre desenvolvimento humano de forma articulada e inseparável. As pesquisas, em sua maioria, são embaladas por problemas estritamente acadêmicos, ou seja, fecham-se em redomas institucionais nas quais só se envolvem os que já fazem parte desse universo. Somam-se a isso as muitas pautas e intenções puramente voltadas ao desenvolvimento econômico e ao interesse das grandes corporações.

Refere Bazzo (2020):

[...] a universidade do século XXI lembra mais uma fábrica e isso também acontecem com nossos hospitais, escolas e redes de televisão. O que

importa é alcançar metas. Seja no crescimento da economia, da audiência, das publicações – pouco a pouco a qualidade está sendo substituída pela quantidade. [...] E as questões fulcrais que devem chegar à educação vão se perdendo na redoma da academia preocupada mais com seus currículos e reconhecimento público do que a discussão das questões reais do processo civilizatório. Mais que nunca, somos modelados pela mídia e pelas propagandas, pelo Estado paternalista e, dessa forma, consumimos os mesmos livros, filmes e possuímos as mesmas mercadorias. Nesse sentido é que o progresso se transformou em sinônimo de prosperidade, no entanto, o século XXI nos desafia a encontrar outras formas de melhorar a qualidade de vida, afinal, o verdadeiro progresso começa com algo que nenhuma economia do conhecimento pode produzir: sabedoria sobre o que significa viver bem. Não podemos abandonar a utopia. (BAZZO, 2020, p. 34-35).

Em se tratando de extensão universitária, ainda estamos muito aquém de atingirmos o devido reconhecimento na tríade ensino-pesquisa-extensão. A verdade é que fica difícil ter clareza da natureza da extensão quando não há tal entendimento dentro da própria academia. Os projetos, os programas e as ações de extensão são permeados de conflitos internos, movidos por um excesso de preciosismo burocrático e por regramentos criados dentro das próprias políticas e regulamentos institucionais. Continuamos sem dar conta das diversas demandas regionais, pois a maioria dessas ações necessitam cumprir o preenchimento de inúmeros requisitos que inviabilizam o processo. Costumeiramente, as propostas que se desenvolvem são as que possuem vinculação com espaços institucionalizados, deixando à mercê os diferentes outros segmentos sociais que continuam marginalizados em seus processos de escuta, principalmente por estarem desassistidos de representações.

Se estas questões ainda se configuram como problemáticas dentro dos sistemas de ensino, imagina-se como ocorre, então, quando se trata da sociedade como um todo. A verdade é que precisamos cada vez mais produzir espaços de reflexões que vislumbrem a compreensão do processo civilizatório contemporâneo, a fim de promover movimentos de aproximação com os diferentes contextos sociais. Concordo com Bazzo (2021b) quando afirma que o mundo que precisamos explorar é, ainda, uma entidade em boa parte desconhecida. E, neste processo, as descobertas clamam por uma terminologia que não separe o que está interligado, ou seja, o desenvolvimento humano e científico como um todo.

Reforço minhas convicções apoiando-me em Bonfiglio (2021) quando afirma que não nos cabem a vitimização nem a inércia, muito menos a revolta e o desespero diante dos fatos, mas a busca de perspectivas viáveis para que as ações educacionais sejam mais adequadas, em seus diferentes espaços, com os desafios postos pela

contemporaneidade. Afinal, “[...] nada mais é que lidar com as necessidades constantes de atualização e adequação a tudo que nos rodeia. Demanda, sobretudo, (re)agir e sair da sonolência e letargia incapacitante que por vezes nos colocamos ou somos colocados.” (BONFIGLIO, 2021, p. 22).

Todo e qualquer espaço que trabalhe seres humanos, como é o caso das instituições educacionais, carece estar guiado na busca de respostas que nos levem a saber o que queremos ser, para onde queremos ir, que sujeito irá agir e interagir na sociedade, que perfil de humano se deseja no mundo, como ele enfrentará sua realidade e todas as possíveis adversidades (BONFIGLIO, 2021).

Estou ciente de que alguns espaços educacionais, especialmente o contexto universitário, onde geralmente se desenvolvem as pesquisas científicas, ainda são compostos por uma minoria privilegiada. Compreendo que são essenciais à formação profissional e, principalmente, à formação humana: a aproximação com o cotidiano da sociedade; o contato com as diferentes realidades; as inúmeras experiências de vida; o conhecimento das variáveis que permeiam esses contextos; a capacidade de análise crítica diante dos fenômenos que provocam as inúmeras disparidades.

Nesse ínterim, os vínculos de credibilidade e de respeito garantidos pelo engajamento desta pesquisa junto aos jovens envolvidos neste trabalho, sobretudo aqueles expostos às situações de vulnerabilidade social – reconhecidos por marcadores de gênero, classe e raça/cor, bem como acirrados por desigualdades –, prioritariamente compõem minhas pautas e meus desafios, e impulsionaram tanto minhas construções quanto as possíveis soluções. Reitero também o sentido desta pesquisa, que se desenvolveu em uma instituição de educação federal laica e gratuita, que é custeada com recursos públicos e, com isso, reconheço ainda mais a necessidade de uma devolutiva social.

Apesar de todas as adversidades vividas pela humanidade, das angústias e incertezas, eu ainda acredito – inspirada por Eduardo Galeano (1999), que me oportunizou viver o meu “direito ao delírio” – que é possível ter esperança e acreditar em um mundo melhor, por isso precisamos olhar além da infâmia.

Que tal começarmos a exercer o jamais proclamado direito de sonhar? Que tal se delirarmos por um momentinho? Ao fim do milênio vamos fixar os olhos mais para lá da infâmia para adivinhar outro mundo possível. O ar vai estar limpo de todo o veneno que não venha dos medos humanos e das paixões humanas. As pessoas não serão dirigidas pelo automóvel, nem serão programadas pelo computador, nem serão compradas pelo supermercado,

nem serão assistidas pela televisão. A televisão deixará de ser o membro mais importante da família. As pessoas trabalharão para viver em lugar de viver para trabalhar. Se incorporará aos Códigos Penais o delito de estupidez que cometem os que vivem por ter ou ganhar ao invés de viver por viver somente, como canta o pássaro sem saber que canta e como brinca a criança sem saber que brinca. Em nenhum país serão presos os rapazes que se neguem a cumprir serviço militar, mas sim os que queiram cumprir. Os economistas não chamarão de nível de vida o nível de consumo, nem chamarão qualidade de vida à quantidade de coisas. Os cozinheiros não pensarão que as lagostas gostam de ser fervidas vivas. Os historiadores não acreditarão que os países adoram ser invadidos. O mundo já não estará em guerra contra os pobres, mas sim contra a pobreza. E a indústria militar não terá outro remédio senão declarar-se quebrada. A comida não será uma mercadoria nem a comunicação um negócio, porque a comida e a comunicação são direitos humanos. Ninguém morrerá de fome, porque ninguém morrerá de indigestão. As crianças de rua não serão tratadas como se fossem lixo, porque não haverá crianças de rua. As crianças ricas não serão tratadas como se fossem dinheiro, porque não haverá crianças ricas. A educação não será um privilégio de quem possa pagá-la e a polícia não será a maldição de quem não possa comprá-la. A justiça e a liberdade, irmãs siamesas, condenadas a viver separadas, voltarão a juntar-se, voltarão a juntar-se bem de perto, costas com costas. Na Argentina, as loucas da Praça de Maio serão um exemplo de saúde mental, porque elas se negaram a esquecer nos tempos de amnésia obrigatória. A perfeição seguirá sendo o privilégio tedioso dos deuses, mas neste mundo, neste mundo avacalhado e maldito, cada noite será vivida como se fosse a última e cada dia como se fosse o primeiro. (GALEANO, 1999 *apud* ASSOCIAÇÃO..., 2020).

É impossível não sentir o corpo arrepiar ao ler este poema. Toda vez que me deparo com este texto, pergunto-me: como pode este uruguaio ter dito tanto em poucas linhas? Galeano consegue subverter, de forma indescritível, as letras e palavras para se pronunciar a partir da resistência, demonstrando as formas homogeneizantes do poder. O autor torna visíveis os invisíveis, traz à tona os ninguéns, os corpos marginalizados da sociedade, excluídos graças à política perversa de dominação do mundo. Com muita sensibilidade, ele nos provoca a pensar no desenvolvimento tecnocientífico, na exploração brutal da vida humana e não humana, no sofrimento como consequência destruidora de seus sonhos. Contudo, após ser tomado por um sentimento de desesperança, tendo em vista as inúmeras denúncias descritas em seu texto, Galeano (1999), de forma confiante, finaliza seu escrito nos mostrando que outro mundo é possível: um mundo melhor, livre de todas as desigualdades.

Trago estas reflexões pois pressuponho ser impossível discorrer sobre a civilização contemporânea e as gerações que vivem neste tempo sem me inquietar e indignar-me diante das tantas mazelas e incógnitas que se articulam em torno da complexa e não linear relação existente com a vida que levamos. Estas questões, muito bem pautadas em forma de poema por Galeano (1999), nos colocam diante do

desafio de estabelecermos como meta prioritária, para a civilização do século XXI e para as próximas, condições mínimas de dignidade humana. Há muito tempo foram proclamadas longas listas de direitos humanos, mas somos sabedores de que a imensa maioria dos indivíduos só exerce o direito de ver, ouvir e calar. Precisamos exercer o direito de sonhar e acreditar neste mundo de Galeano (1999, p. 191), pois, como ele afirma, “mesmo que não possamos adivinhar o tempo que virá, temos ao menos o direito de imaginar o que queremos que seja”.

Para tanto, inspirada em Bazzo (2020), reafirmo que a tentativa foi no sentido de unir forças para o desenvolvimento de capacidades e intenções qualificadas, mirando espaços diversos que pudessem ajudar a geração de hoje a compreender, construir e dominar valores e conceitos necessários à sobrevivência integral, à felicidade e vida com dignidade. E a qualidade nos debates em torno dos problemas contemporâneos, sem dúvida, depende dos valores, da ideologia, da epistemologia, das prioridades estabelecidas por esse coletivo e, definitivamente, do quão são capazes e estão dispostos a exercer o direito ao delírio.

1.4 PROBLEMA DA PESQUISA

Nestes tempos de novas, constantes e universais mudanças, que foram pioradas pela presença devastadora da Covid-19, a qual ceifou mais de 650 mil pessoas em nosso país⁴, assim como pela guerra que destrói vidas em nome de interesses econômicos, é impossível qualquer pesquisador ou profissional da educação permanecer alheio ao debate sobre as questões do mundo. Aprendi com Bridle (2019) que não vamos e não podemos entender tudo, mas somos capazes de pensar. E, sendo conhecedores dos inúmeros problemas que nos cercam, também não podemos viver à parte deles, assim como não conseguimos pensar sem eles.

Para tanto, quando eu me propus ao exercício de analisar **como as variáveis contemporâneas do processo civilizatório atingem os jovens em termos educacionais, sociais e humanos**, precisei necessariamente considerar que esses indivíduos não vivem em uma ilha; eles são seres humanos que estão ainda mais envolvidos com todas as problemáticas de agora, já que vivem experiências muito

⁴ Número aproximado de mortos até fevereiro de 2023, conforme dados do Ministério da Saúde.

diferentes daquelas da geração que os antecedeu, fazem parte de um mundo com aceleradas transformações tecnocientíficas.

Diante de tudo isso, os pressupostos teóricos trazidos até aqui me serviram de base, enquanto uma infinidade de questões permeava o universo das minhas investigações: qual o perfil dos jovens deste tempo? Como as variáveis contemporâneas estão interferindo nos modos de vida desses indivíduos? Como eles se posicionam em relação ao desenvolvimento humano, social e tecnológico? O que eles estão pensando em termos de desigualdade social e consumo desenfreado? Do ponto de vista desses indivíduos, quais são os maiores problemas da humanidade? O que eles consideram indispensável para ter uma vida feliz? Quais são as maiores preocupações com relação ao seu futuro?

Tais indagações revelam o quanto é complexo o debate em torno das variáveis que são postas a todo momento para a sociedade e para os indivíduos, e como são pertinentes as pautas que instigam a problematização das contradições produzidas pela sociedade contemporânea e as condições que a juventude da atualidade vivencia. As variáveis são extremamente dinâmicas e complexas no processo civilizatório em curso, e todas elas, sem dúvida, dizem respeito à vida humana. Isto posto, é importante esclarecer que esta pesquisa não teve a pretensão, e nem daria conta, de trabalhar a totalidade dos problemas que abarcam as questões humanas. Nesse sentido, durante o desenvolvimento da pesquisa bibliográfica e de campo, buscou-se identificar e analisar as principais categorias (variáveis) que se fizeram presentes nas narrativas dos jovens pesquisados, muito embora dentro das principais elencadas para a análise outras tantas tenham aparecido intrinsecamente.

Compreendo que o tema da desigualdade social é o principal problema que a humanidade precisa resolver, pois vive-se em um tempo no qual a igualdade humana está cada vez mais rebaixada pela ambição do poder hegemônico. Atrelado a isso, destaco a questão do consumo desenfreado, uma vez que a sociedade é incentivada a consumir bens materiais e simbólicos e a gozar das benesses da sociedade capitalista, além da dualidade existencial entre quem produz e quem tem acesso a essa produção. Nesse contexto, tudo tem-se tornado mercadoria, inclusive os seres humanos. Para François Dubet (2020), as desigualdades não param de se multiplicar, e cada indivíduo é de certa forma afetado por várias entre elas. Por isso, a luta contra as desigualdades sociais deve ser uma prioridade.

Segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (*apud* CAVALCANTE, 2020), o Brasil está entre os dez países mais desiguais do mundo. É também um dos países recordistas em concentração de renda no Planeta. Dados do Relatório da Organização das Nações Unidas (ONU), publicado no final de 2019, antes da pandemia Covid-19, revelou que o 1% da população mais rica concentrava quase um terço do total da renda do país (SASSE, 2021).

Em um novo estudo, lançado mundialmente pelo Laboratório das Desigualdades Mundiais⁵, publicado em dezembro de 2021, o Brasil permanece como um dos países com maior desigualdade social e de renda do mundo. O documento também inclui análise sobre o impacto da pandemia da Covid-19, que exacerbou o aumento da fatia dos bilionários no total da riqueza global. Entre os mais de 100 países analisados no relatório, o estudo se refere ao Brasil como um dos países mais desiguais.

As desigualdades multiplicam-se diariamente, e todos os indivíduos, de alguma maneira, são acometidos por várias delas (DUBET, 2020). Desde o surgimento da Covid-19, listas infindáveis de situações de desigualdades sociais foram vivenciadas por mais pessoas. A pandemia parece ter provocado a eclosão de inúmeros problemas multifacetados e que ficaram estampados diante do episódio que atingiu a sociedade como um todo. Inúmeros exemplos podem ser mencionados: fome, concentração de renda, pobreza extrema, dentre tantos outros externalizados diariamente pelos diferentes mecanismos de comunicação.

O que dizer, por exemplo, da dicotomia noticiada em janeiro de 2022 na revista *Carta Capital*: durante os dois primeiros anos da pandemia de Covid-19, os 10 homens mais ricos do mundo atingiram mais que o dobro de suas fortunas, passando de US\$ 700 bilhões para US\$ 1,5 trilhão; em contrapartida, a renda de 99% da humanidade caiu e mais de 160 milhões de pessoas foram empurradas para a pobreza. Desde março de 2020, quando a pandemia foi declarada, o Brasil ganhou 10 novos bilionários, enquanto a miséria e a fome explodiram. Estas são apenas

⁵ O *World Inequality Lab* (Laboratório das Desigualdades Mundiais) integra a Escola de Economia de Paris. O “Relatório sobre as Desigualdades Mundiais” é o segundo realizado desde 2018 e teve a colaboração de cerca de uma centena de pesquisadores internacionais. (Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/bbc/2021/12/07/4-dados-que-mostram-por-que-brasil-e-um-dos-paises-mais-desiguais-do-mundo-segundo-relatorio.htm>. Acesso em: 10 dez. 2021.)

algumas situações trazidas aqui para ilustrar o grave cenário da civilização contemporânea.

Para Dubet (2020), as desigualdades agora se diversificam e se individualizam; o sofrimento social não é mais experimentado como uma provação que requer lutas coletivas, mas como uma série de injustiças pessoais, discriminação, experiências de desvalorização, hesitação da autoestima. O autor investiga os mecanismos que, em um período de notórias desigualdades sociais, se inserem na linha de frente das reações sociais: o ressentimento, o sentimento de raiva e, em muitos casos, a disputa com aqueles que estão mais próximos de nós na pirâmide social.

O cenário indicado por Bauman (2013) nos mostra que o futuro segue rumo ao crescimento duradouro da desigualdade, o que acarretará mais tristeza e humilhação. E o grande vilão é o crescimento econômico nos moldes capitalistas. A grande crítica do autor é de que a economia tem-se sobressaído entre as escolhas na vida dos seres humanos, ao passo que as questões imateriais aparecem em segundo plano. A existência resumida à fugacidade do ter tem transformado as relações humanas e dos próprios indivíduos em mercadoria, tem produzido um sentimento de fragilidade e incerteza que domina todas as esferas da vida social. A condição de ser social reduzida à condição de mero consumidor faz com que os indivíduos não obtenham satisfação nem consigo mesmo, muito menos com o outro. As frustrações advindas das incertezas produzem indiferença, desapego com relação ao seu semelhante, medo de ficar para trás. Diante disso, o risco iminente de se tornar descartável, um lixo, um ninguém.

Para Campos Júnior (2019), esses são sinais da desumanização. A degradação social da espécie humana configura-se como consequência do materialismo consumista que se expande vertiginosamente. A civilização contemporânea assiste ao retrocesso que obscurece a mentalidade e a consciência sobre o mundo atual. A selvageria econômica faz predominar a cegueira da violência, que brutaliza o universo das relações interpessoais. A interação pessoal perdeu o significado; a amizade passa a ser vivenciada à distância, e as trocas de afetos ocorrem por meio eletrônico; os encontros já não são mais presenciais; os olhares não se fixam mais à realidade e, sim, às telas; a educação converte-se em teleconferência; a leitura e a escrita restringem-se às mensagens eletrônicas; enfim, o escravismo consumista tem seduzido as novas gerações.

Este movimento liquefeito característico da sociedade atual, como denomina Bauman (2009b), dissolveu padrões e criou novos imperativos; nesta configuração, o indivíduo foi levado a remodelar-se junto com a sociedade, sobretudo sua identidade. Como efeito, a sociedade e as parcerias humanas assimilaram o fenômeno da liquidez e dinamizaram as relações sociais, que se tornaram fragilizadas. Para o sociólogo, nesta sociedade do espetáculo, os jovens, principalmente, perderam, em número imponente, o contato real, prevalecendo o virtual.

Todos estes movimentos do mundo contemporâneo provocam impactos significativos no modo de vida dos indivíduos deste tempo, ainda mais no processo de constituição de sua identidade diante de um cenário que se manifesta instável, incerto e desafiador. É doloroso para o indivíduo ter que viver com a obsolescência da contemporaneidade, com o constante temor de ficar defasado e tornar-se dispensável. O sentimento de fragilidade e incerteza que domina todas as esferas da vida afetiva e social inviabiliza a possibilidade de um projeto de vida longo, perdurável, que possa guiar os rumos dos indivíduos na sociedade (BAUMAN, 2001).

É neste contexto imbricado de inúmeras transformações constantes que se constitui o jovem contemporâneo. Bauman e Leoncini (2018), ao desenvolverem estudos sobre jovens, referem-se a eles como “nascidos em tempos líquidos”, justamente por entenderem que essa relação está intrinsecamente relacionada às características do mundo global contemporâneo, com as quais a juventude destes tempos vem-se configurando.

Ao afirmar que o modo de vida dos seres humanos foi alterado, De Masi (2017) explica que a TDIC e o uso das redes reformularam as estruturas sociais previamente delineadas, trazendo com isso novos sentidos. Tanto a população jovem quanto os outros indivíduos afeitos às questões tecnológicas são constantemente provocados a reconfigurar certezas, imputando-se desse modo que o excesso de conectividade traz consigo uma série de mudanças sociais. O mundo virtual mudou a relação de produção, e o consumo, o gosto e os sentidos; modeladas e ludibriadas pelos ambientes das redes, a esfera privada e a pública converteram-se em fenômenos planetários. A forma como a tecnologia se inseriu na vida dos seres humanos gerou efeitos desconcertantes na qualidade da existência, do ambiente, da sociedade, da economia, da política, ou seja, em todos os aspectos da vida humana.

Movida pelo pensamento materialista predatório, a sociedade tem sido incapaz de respeitar as novas gerações. Quanto mais se globaliza a economia, maior

é o poder da ideologia consumista. As gerações nascem, crescem e são preparadas unicamente para perpetuar o consumo. O sinal que se identifica no atual modelo de vida da maioria das nações é a desigualdade, que se acentua nitidamente. No entendimento de Campos Júnior (2019, p. 161), “Os valores éticos e morais, anunciados como virtudes indispensáveis à evolução da espécie animal a que pertencemos, desapareceu. Os componentes comportamentais que passaram a dominar são o individualismo e o imediatismo.”

Diante desse universo, cada vez mais me convenço de que as gerações mais jovens estão ainda mais expostas às façanhas do poder hegemônico e são, continuamente, moldadas a protagonizar o modelo de consumo atual, situação que, certamente, não abarca uma solução com final feliz.

Compreendo que a singularidade vivida pelos jovens da atualidade vem marcada por flutuações, imprevisibilidades, verdadeiros movimentos oscilatórios, que são resultados de estruturas sociais cada vez mais fluidas presentes na sociedade globalizada. Neste ambiente tecnocientífico de possibilidades excessivas, de mudanças repentinas, a não capacidade de realizar todos os desejos e as aspirações devido a limitações pessoais e sociais desemboca em frustrações. Isso, por vezes, limita a capacidade da juventude de produzir uma identidade consistente e durável, assim como de idealizar perspectivas e projetos de vida.

O uso excessivo das ferramentas tecnológicas impôs, nos últimos anos, mudanças substanciais no comportamento dos jovens. Os novos laços sociais, constituídos através das telas, são fundamentados num jogo de espelhos em transformar os jovens em possíveis indivíduos autossuficientes e narcísicos, o que tem ocasionado uma inversão de valores. Aos poucos, o que despontou como oportunidade de inclusão tem-se encaminhado para um mecanismo ainda mais potente de exclusão – de segregação do próprio indivíduo, ou de sua relação com a cultura onde vive, e de seus laços sociais (FLANZER, 2020).

Este mundo, que é absolutamente controlado pelo poder hegemônico, tem tornado a pirâmide social cada vez mais pontuda, e sua base, cada vez mais expandida. Bazzo (2021b) tem-nos convocado, constantemente, a pensar sobre este volume de controle que é o Planeta Terra. Afinal, que cidadania ou que processo civilizatório queremos? Qual é a nossa responsabilidade sobre o futuro da humanidade? Qual a herança que pretendemos deixar para as gerações mais jovens e para os que ainda estão por vir?

O mundo contemporâneo precisa ser questionado e, conseqüentemente, remodelado. Para tanto, necessitamos de subsídios teóricos que nos auxiliem a identificar as complexas questões do mundo atual, as quais devem ser a razão da educação na atualidade. Segundo Bazzo (2019), há poucos anos, tínhamos apenas a preocupação de mostrar aos jovens estudantes a relação custo-benefício, o que resultou em erros que têm nos custado muito hoje em dia. Os temas que assolam a humanidade necessitam ser tratados com mais responsabilidade. Precisamos pensar em uma filosofia de vida que nos faça refletir com coerência sobre as questões humanas.

A propósito, como bem nos reforça Bazzo (2021b),

[...] precisamos saber o que desenvolver nos nossos jovens atônitos com o que o futuro próximo lhes oferece. Quais as atitudes e habilidades e, principalmente, valores precisam ser desenvolvidas para que eles possam viver num mundo onde nem sequer sabemos que tipo de civilização teremos. (BAZZO, 2021b, p. 32).

Trazer os jovens para o centro do debate ocorre, justamente, porque eles determinarão, em grande parte, o futuro e os rumos deste mundo. Sobretudo, é uma oportunidade para analisar as variáveis que os atingem diariamente, e pensar em como podemos contribuir para torná-los mais críticos e reflexivos diante dos problemas da humanidade. É preciso atentar para as reflexões desse público em torno da constituição da modernidade, das relações sociais, políticas, culturais e do capitalismo, no sentido de compreender e questionar os sentidos e os movimentos que as questões da contemporaneidade estão produzindo em todos os aspectos da vida desses indivíduos.

Diante do exposto, buscando produzir reflexões sobre as várias questões destacadas, o problema central desta pesquisa tem a seguinte questão norteadora: **como as variáveis do processo civilizatório atingem os jovens em termos educacionais, sociais e humanos?**

1.5 OBJETIVOS

Tendo em vista o problema apresentado, foram elencados os objetivos norteadores do processo de pesquisa.

1.5.1 Geral

Analisar como as variáveis contemporâneas do processo civilizatório atingem os jovens contemporâneos em termos educacionais, sociais e humanos.

1.5.2 Específicos

- Identificar quais as principais variáveis que interferem no estilo de vida e no cotidiano dos jovens participantes da pesquisa.
- Investigar como as categorias “desigualdade social” e “consumo desenfreado” figuram nas narrativas desses indivíduos.
- Compreender quais as preocupações dos jovens quanto ao seu futuro, como estabelecem seus laços sociais, projetam seus sonhos, desejos e utopias.

Neste contexto, mais uma vez reporto-me a Galeano (1999), que, assim como Bazzo (2019), me instiga a refletir cada dia mais sobre este universo; ambos me convidam a empreender um sentimento de justiça que contribui para que sejam reparados os silenciamentos e os apagamentos. Autores, dentre tantos outros, que me provocam a pensar em outras formas de educar, em outras pedagogias e epistemologias, pautadas no reconhecimento do outro, no respeito e no diálogo, e que tragam em seus princípios de vida os valores humanos e sociais, acima de qualquer interesse puramente materialista.

A propósito, os objetivos essenciais da mudança edificante a ser procedida para a civilização contemporânea devem incluir, com infalibilidade, as iniciativas voltadas para a restauração da sociedade genuinamente humana. A base sólida para dar sustentação à reconstrução da consciência coletiva há de ser a educação, idealizada na completude dos valores civilizatórios tão necessários para garantir a sobrevivência do Planeta.

Tendo em vista todas as questões apresentadas como fundamentos desta pesquisa, no capítulo que segue, trago um apanhado bibliográfico, com importantes contribuições teóricas e epistemológicas, que de forma imprescindível para esta tese concedem conceitos essenciais para a reflexão e interpretação das complexas transformações do processo civilizatório. Na subseção do capítulo, apresenta-se uma análise do universo tecnocientífico sob a ótica da equação civilizatória, conceito

formulado por Bazzo (2019), que serve como uma ferramenta de alerta sobre o comportamento das diversas variáveis contemporâneas e a maneira como elas podem interferir nesse processo civilizatório. Ao desvelar essa equação, considerando o avanço tecnológico e suas implicações nas variáveis contemporâneas, teríamos como resultado a possibilidade de buscar as mínimas condições dignas para vida humana. O texto aponta direcionamentos que indicam a necessidade imediata da tomada de consciência desta nova geração, e dos indivíduos como um todo, no sentido de analisar os rumos pretendidos para o futuro da humanidade. Ademais, assevera a premência de os espaços educacionais trabalharem dentro de uma concepção de educação crítica, nada conservadora.

2 AS COMPLEXAS TRANSFORMAÇÕES DO PROCESSO CIVILIZATÓRIO CONTEMPORÂNEO

Passados alguns anos do século XXI, o retrato que temos do mundo, sob muitos aspectos, apresenta traços distintos dos prevalecentes há pouco mais de três décadas. Vivemos um momento histórico de grandes e contínuas transformações, que, em maior ou menor medida, afetam a realidade de todas as pessoas. Estas complexas e velozes transformações sociais são analisadas neste capítulo, a partir do aporte teórico e epistemológico de diferentes autores contemporâneos, em relação aos quais remeto significativa importância como ferramentas teóricas no desafio de compreender os problemas que integram a sociedade atual. Teorias construídas por pensadores – como Bauman (2013), Bazzo (2019, 2020, 2021b, 2022), Beck (2018), Berardi (2019), Bridle (2019), Campos Júnior (2019), De Masi (2019), Dubet (2020), Llosa (2013), Postman (1994) – que refletem sobre a contemporaneidade, cada um à sua maneira, destacando conceitos fundamentais que auxiliam na compreensão e análise dos tempos presentes.

Para esclarecer as mudanças, existem inúmeras explicações. Deste modo, tenho procurado me apropriar de teorias que objetivem romper com modismos ou discursos que busquem ditar as regras das culturas instituídas. Incessantemente tenho buscado me contrapor a discursos vinculados a monólogos e prescritos. Prezo pela convergência de diferentes visões com o propósito de, a partir delas, compreender este processo civilizatório que nos move, e buscar o alicerce que me dê sustentação para analisar as principais variáveis que atingem os jovens contemporâneos, no sentido de encontrar perspectivas a fim de solucionar os inúmeros problemas que assolam a humanidade e que possuem relação direta com a educação.

Desde minha existência, há mais de quatro décadas, não me lembro de ter vivido um momento tão tenso quanto o que estamos vivendo desde 2019. Embora inúmeras fatalidades nos causem preocupações desde o início deste século – atentados terroristas, crises econômicas, terremotos, tsunamis, ondas descontroladas de frio e calor, dentre inúmeros outros –, a avassaladora pandemia de Covid-19 tem-se mostrado ainda mais aterrorizante por afetar diretamente a vida de todos os seres humanos do Planeta. Percebo que vivemos tempos difíceis e extremamente

preocupantes, muito embora todos esses problemas sejam originários de uma sucessão de episódios motivados pela própria humanidade ao longo da história.

Aliás, os tantos episódios que se sucedem mundo afora, e que provocam ansiedade e insegurança na população, têm tirado da zona de conforto até mesmo os mais fanáticos que, mesmo prejudicados pelos eventos devastadores que se multiplicam em várias esferas, seguem acreditando que tudo faz parte da evolução e do “progresso” da humanidade. Llosa (2013), contrapondo-se a essa ideia equivocada, assevera que:

A ideia de progresso é enganosa. Evidentemente, só um cego ou um fanático poderiam negar que tenha alcançado desenvolvimento sem precedentes na história uma época em que os seres humanos podem viajar até as estrelas, comunicar-se instantaneamente vencendo todas as distâncias, graças à internet, clonar animais e humanos, fabricar armas capazes de fazer o planeta evaporar e degradar com suas invenções industriais o ar que respiramos, a água que bebemos e a terra que nos alimenta. Ao mesmo tempo, nunca foi menos segura a sobrevivência da espécie em vista dos riscos de um confronto ou de um acidente atômico, da loucura sanguinária dos fanatismos religiosos e da degradação do meio ambiente. E talvez também nunca tenha havido, ao lado das extraordinárias oportunidades e condições de vida de que gozam os privilegiados, a pavorosa miséria de que ainda padecem, neste mundo tão próspero, centenas de milhões de seres humanos, não só no chamado Terceiro Mundo, mas também em enclaves de vergonha no seio das cidades mais opulentas do planeta. Fazia muito tempo que o mundo não sofria as crises e os descalabros financeiros que nos últimos anos arruinaram tantas empresas, pessoas e países. (LLOSA, 2013, p. 104).

Tanto em épocas anteriores quanto atualmente, a mudança contínua, acelerada e global é a característica que mais surpreende o mundo. E isso tem acontecido em intervalos de tempo cada vez mais rápidos, mesmo que grande parte dos indivíduos sequer se deem conta disso. Segundo Bazzo (2019), as situações cada vez mais desconfortáveis dos dias atuais mostram que, com o passar do tempo, as variáveis que vêm inflar a equação civilizatória se tornam cada vez mais complexas e difíceis de serem solucionadas. O que antes eram apenas efeitos adversos em prol do lucro passou a tomar proporção irreversível, pondo em risco a vida humana e todo o sistema planetário.

Podemos dizer, de fato, que a história humana se caracteriza por mudanças contínuas, porém não uniformes. Isto porque, segundo De Masi (2019), em alguns casos – classificados como épicos –, tanto as fontes energéticas quanto a sede de poder e os paradigmas culturais mudam drástica e concomitantemente. Ao apresentar proposições sobre a sociedade pós-industrial e todas as suas consequências, De Masi

(2019) cita Alvin Toffler⁶, que caracteriza os diferentes momentos “épicas” como “ondas”.

A primeira grande onda teria acontecido na Mesopotâmia de 5.500 anos atrás, quando os seres humanos passaram da caça e da colheita à agricultura, da vida nômade à sedentária, da transferência do saber tradicional à organização da escola e à escrita, do escambo ao comércio por meio da moeda, do meio de transporte animal ao transporte sobre rodas. Os povos que ali habitavam nos deixaram de herança aquela sociedade centrada na agricultura e no artesanato que predominou no desenvolvimento da humanidade até a metade do século XVIII.

A segunda onda está representada pela Revolução Industrial, com a descoberta de novas energias, do vapor, do petróleo, da eletricidade, com a acumulação de riquezas arrancadas de países colonizados, as novas formas de organização do trabalho, o surgimento do Estado-Nação e a ascensão da burguesia. A sociedade industrial caracterizada pela produção em grande escala vai do século XVIII à metade do século XX. Esse modelo modificou significativamente o sistema social, substituindo o camponês pelo trabalho operário e determinando ritmos de eficiência e produtividade. As fábricas eram imensas linhas de montagem, e a economia estava baseada na disponibilidade de recursos e crescimento infinitos. Esse processo motivou a urbanização e o consumo em massa, ampliou a expectativa de vida e duplicou a população mundial.

A terceira onda foi gerada justamente pelas transformações decorrentes da sociedade industrial: o progresso tecnológico; a globalização; as duas Guerras Mundiais; a Revolução Russa; a Guerra Fria; a difusão da escolarização; a comunicação em massa. Ou seja, a ação destrutiva de todos esses fatores, a partir da Segunda Guerra Mundial, pelo efeito lacerante de Hiroshima, deu início à terceira onda, que seria essa nova civilização ou a sociedade atual, a qual o autor chama de “pós-industrial”. Toffler (*apud* DE MASI, 2019) caracteriza esta civilização como

⁶ Alvin Toffler é um estudioso estadunidense que escreveu uma famosa trilogia entre os anos 70 e 90 do século passado, na qual antevia a hegemonia do mundo digital. Nos três livros – *Choque do Futuro* (1970), *A Terceira Onda* (1980) e *A Mudança do Poder* (1990) –, Toffler defende uma curiosa e coerente teoria na qual entende que a humanidade se dividiria em três grandes fases ou ondas, que, embora sucessivas, poderiam justapor-se dependendo do contexto. Chamou-as de “ondas” pelo fato de que haveria em cada uma um excesso de mudanças num curto espaço de tempo, daí originando-se o choque. (Disponível em: <https://cosmosecontexto.org.br/a-terceira-onda-veio-pela-pandemia/>. Acesso em: 10 jan. 2022.)

revolucionária, a qual põe em xeque todas as velhas convicções, os velhos dogmas e as ideologias, os quais – não importa o quanto tenham sido úteis no passado – deixaram de acompanhar o ritmo da realidade atual.

A configuração da sociedade contemporânea surpreendeu professores, empresários, governantes, pais, enfim, diferentes segmentos da sociedade, que se viram desorientados e privados de um modelo ao qual recorrer. Apesar disso, eles foram obrigados a aplicar a nova realidade, mesmo esbarrando em erros induzidos pelo alienante *gap*⁷ cultural. Com o episódio da Segunda Guerra Mundial, constatou-se uma descontinuidade épica e a estabilização de um novo modelo econômico, voltado à produção de bens imateriais, como informações, serviços, símbolos, valores e estética. Isso não significa dizer que os produtos industriais foram eliminados. Por exemplo, na velha sociedade industrial, não se dispensaram os produtos agrícolas, mas o agricultor é quem foi substituído por tratores automatizados e defensivos químicos. Atualmente, passamos da sociedade industrial para a pós-industrial; não dispensaremos os produtos industrializados; os operários e empregados serão substituídos por robôs e computadores (DE MASI, 2019).

O que se pode compreender a partir do referido autor é que os marcos descritos em cada período de transição da sociedade são caracterizados pelas indefinições e incertezas com relação aos elementos distintivos da nova sociedade, porém eles já estão acontecendo no decorrer do processo. Isso é o que está acontecendo na sociedade atual, ou seja, esta nova sociedade não se identifica mais com um modelo de produção industrial, contudo permanece indefinido qual o modelo que ocupará a posição que foi da indústria durante 200 anos. Há quem diga que esta nova sociedade é determinada pela informação; outros, a estrutura da personalidade; há quem diga também que este novo contexto não terá um único fator determinante, mas será marcado por um conjunto de fatores que envolve serviços, informação, globalização, etc.

O que fica evidente nos escritos de De Masi (2019) é que, durante a transição do século XX para o XXI, algumas características aparecem bem acentuadas nesta nova sociedade: a monopolização dos países de Primeiro Mundo sobre os

⁷ *Gap* é uma palavra inglesa que significa lacuna, vão ou brecha. A palavra é também utilizada com o significado de diferença. (Disponível em: <https://www.significadosbr.com.br/gaps>. Acesso: 12 out. 2022.)

emergentes; o conhecimento, a pesquisa, a produção de ideias e a educação cada vez mais determinantes no desenvolvimento social; a centralização da riqueza e do poder cada vez mais nas mãos de poucos; o distanciamento entre ricos e pobres cada vez mais acentuado; a economia com papel central nas decisões políticas; a velocidade que se sobrepõe à lentidão.

Vivemos um período marcado por novos valores em todas as esferas sociais, os quais estão voltados totalmente a atributos individuais. Inúmeras consequências são sentidas no âmbito do trabalho, dadas as mudanças motivadas pelas transformações tecnocientíficas. A geração de nativos digitais é cada vez mais numerosa e, dia pós dia, a tecnologia produzirá bens e serviços ainda mais diversificados, que atenderão necessidades subjetivas e individuais e promoverão, conseqüentemente, o distanciamento físico entre as pessoas. As máquinas não serão apenas instrumentos que farão o trabalho pesado e repetitivo, mas terão a capacidade de desenvolver o trabalho inteligente. Além disso, os complexos tecnológicos serão gradativamente mais potentes e monopolizados por uma minoria culta. Neste mercado global, só sobreviverá quem tiver condições de se reorganizar rapidamente em função dos valores globais e das tecnologias emergentes desta nova sociedade.

Na civilização contemporânea, as transformações tecnocientíficas são mais intensas em nosso cotidiano e repercutem em nossas ações e atitudes. Elas influenciam, determinam e são determinadas pelos sistemas de comunicação, de produção, da economia, nas esferas social e cultural, possibilitando novas formas de poder político e econômico. Do mesmo modo que geram soluções importantes para a humanidade, seguem produzindo efeitos colaterais desastrosos para todos. Estamos inseridos em um mundo fascinante, apesar de pouco priorizar-se a ética, os direitos humanos, a tolerância e o respeito.

Para Bazzo (2019), a humanidade vive mais do que em qualquer tempo sob os comandos da ciência e da tecnologia. E isso acontece de uma forma tão intensa e acentuada que é comum as pessoas acreditarem no seu poder de solucionar problemas das mais diversas ordens. Esse comportamento está tão arraigado na vida contemporânea que as pessoas são conduzidas a pensar dessa forma durante toda sua vida. Ou seja, as razões da eficiência, da produtividade, do lucro, muito frequentemente, acabam por se sobreporem a qualquer outra razão, seja ela humana, ecológica ou social.

Para esse autor, o fluxo de transformações na ciência, na tecnologia e na sociedade atingiu níveis nunca antes vistos. As contribuições da evolução do conhecimento e do desenvolvimento científico e tecnológico são abundantes. A melhoria das condições de existência e de expectativa de vida é considerada inerente às conquistas da ciência e da tecnologia. Porém, os custos a serem arcados por todo esse avanço e desenvolvimento são altos quando correlacionados à formação cultural da sociedade (BAZZO, 2019).

Os debates que envolvem Ciência e Tecnologia e todas as suas repercussões na vida do planeta precisam, indubitavelmente, tomar rumos mais transparentes nas atividades de todos os profissionais, sem distinção. As discussões em torno dessas questões têm sido pauta de diversas instituições no mundo inteiro, abordando a relevância e a necessidade de propor alternativas capazes de produzir desenvolvimento científico-tecnológico e humano sem causar prejuízos socioambientais que venham a comprometer a sobrevivência na Terra. Não significa apenas avaliar os possíveis impactos que eles provocam na vida de um modo geral; trata-se de descobrir o irreversível a que tais usos induzirão seres humanos de diferentes classes, credos ou etnias (BAZZO, 2019).

Em conferência realizada em Denver, nos Estados Unidos, Neil Postman (1994) tratou sobre as “cinco coisas que precisamos saber sobre mudanças tecnológicas”. A primeira delas é a ideia de compensação, a qual significa que, para cada vantagem que uma tecnologia oferece, há sempre uma desvantagem correspondente. A segunda é a desigualdade, ou seja, as vantagens e desvantagens de novas tecnologias que nunca são distribuídas igualmente entre a população: isso significa que cada tecnologia nova beneficia a alguns e prejudica a outros; e ainda há alguns que não são afetados de maneira nenhuma. A terceira é a ideologia, compreendida como a ideia ou as ideias incorporadas em todas as tecnologias e que são frequentemente escondidas de nossa visão por serem de uma natureza um tanto abstrata; isso não significa que elas não têm consequências práticas, isto é, toda tecnologia possui uma filosofia que determina como as pessoas vão usar suas mentes e seus corpos, como ela vai codificar o mundo, quais de nossos sentidos ela ampliará e quais de nossas tendências emocionais e intelectuais ela desconsiderará. A quarta ideia trata de que a tecnologia é ecológica, ou seja, quando ela surge, muda tudo no seu meio, dando um novo estilo para a política, os lares, as escolas, as igrejas, as indústrias, etc. A quinta é denominada “mítica”: esta ideia se refere à tendência de se

pensar a respeito das criações tecnológicas como se elas fossem parte da ordem natural das coisas, como simplesmente existem; carros, TV, computadores, celulares, internet são percebidos como presentes da natureza e não como artefatos produzidos em um específico contexto político e histórico – e isso é perigoso, porque, quando uma tecnologia se torna “mito”, ela acaba sendo aceita como ela é e, portanto, não é facilmente suscetível a modificação ou controle.

Para Morozov (2018), as tecnologias estão deixando de serem vistas como companheiras inofensivas e invisíveis, para serem percebidas como um grupo poderoso que tem interesses mercantis ocultos e projetos de dominação do mundo. Ele afirma que as tecnologias digitais da atualidade não são apenas ciência aplicada, mas um emaranhado de geopolítica, finança global, consumismo desenfreado e acelerada apropriação corporativa dos nossos relacionamentos mais íntimos.

A rápida ascensão das plataformas digitais produziu um Estado de bem-estar privatizado, paralelo e praticamente invisível, no qual muitas de nossas atividades cotidianas são fortemente subsidiadas por grandes empresas de tecnologia (interessadas em nossos dados) [...] (MOROZOV, 2018, p. 146).

Conforme ainda o mesmo autor, faz-se necessário pensar “fora da internet” (MOROZOV, 2018, p. 23) para que se consiga elaborar estratégias a fim de buscar a soberania popular sobre a tecnologia e, por extensão, também sobre a economia e a política.

Ao tratar dos eventos globais da contemporaneidade, Beck (2018) afirma que o mundo não está apenas mudando, mas está se metamorfoseando. E, para compreender a metamorfose da sociedade, é preciso explorar os novos começos, evidenciar o que está emergindo e partir do velho para entender as estruturas e normas futuras na imprecisão do presente.

Diante de todo esse cenário, a impressão é de que estamos sem rumo, confusos, não compreendemos mais o mundo, pois parece que ele “enlouqueceu”. Assim, com o objetivo de tentar entender por que não compreendemos mais o mundo, Beck (2018) afirma que a sociedade vivencia profundas transformações, um novo modo de relacionamento entre os seres humanos e destes com o meio. Então, ele nos apresenta o conceito de “metamorfose”, entendida pelo autor como as transformações radicais: antigas certezas da sociedade moderna desaparecem e algo inteiramente novo surge. Ou seja, o que era impensável e inconcebível ontem, hoje,

é algo possível, real e que está acontecendo em esfera global. As velhas certezas da sociedade moderna estão desaparecendo e algo inteiramente novo emerge. Para Beck (2018, p. 16), a teoria da metamorfose “não trata dos efeitos colaterais negativos dos bens, mas dos efeitos colaterais positivos dos males”.

Apesar de afirmar que não é otimista, nem pessimista, o autor supracitado assevera que a pobreza, o envenenamento, o analfabetismo e a poluição aumentam no mundo de forma ameaçadora, assim como o crescimento econômico global não é o desejado. Entende que o mercado mundial é o carrasco da humanidade que nos levará à ruína.

O que parece é que, conforme nossa realidade se torna mais tecnologicamente complexa, nosso entendimento do mundo diminui. Para Bridle (2019), o ser humano está perdido em um mar de informações, dividido pelo fundamentalismo, por narrativas simplistas, por teorias e políticas conspiratórias. Como exemplo, podemos citar o governo Bolsonaro (2018-2022) no Brasil e o governo Trump (2017-2021) nos Estados Unidos, que produziram discursos de negacionismo em relação ao aquecimento global, à pandemia de Covid-19, de incentivo à violência e exclusão de minorias, etc. O que se pode constatar é que quem está no domínio usa essa incapacidade de compreensão dos indivíduos para a promoção dos próprios interesses. Contudo, o autor nos alerta que as tecnologias não vão sumir e nem devemos querer que elas desapareçam, pois nossas vidas dependem delas. No entanto, ele nos convida a pensar, e pensar de novo, e continuar pensando; afinal, a rede formada por nós, pelas máquinas, nuvens, dados exige que pensemos permanentemente.

A propósito, o fato é que as TDIC não apenas impulsionam nossas aptidões, mas nos conduzem e nos moldam com objetivos bem delineados, que podem ser benéficos ou maléficos. Aliás, como afirma Bridle (2019, p. 19), “aquilo que se pensava para iluminar o mundo, na prática, o escurece”. E é em torno disso que gira o que o autor denomina de “nova idade das trevas”. Isso significa dizer que o modo como entendemos e pensamos sobre o nosso lugar neste mundo – nossa relação com os semelhantes, com as máquinas e com tudo o que nos cerca – acabará decidindo o caminho para o qual as tecnologias nos guiarão – o caminho da loucura ou o da paz. Tal como as mudanças climáticas, os impactos da tecnologia estão espalhados pelo Planeta e já atingem todas as esferas da nossa vida. “Na verdade, a tecnologia é condutora elementar da desigualdade em vários setores [...]” (BRIDLE, 2019, p. 131).

O “progresso” voraz da automação está estampado no nosso dia a dia, desde o autoatendimento de caixas de supermercados, algoritmos de transações financeiras, fábricas completamente automatizadas, situações que põem em risco a empregabilidade humana. Quanto mais a capacidade da máquina aumenta, mais os indivíduos se sentem ameaçados e estão sujeitos a serem substituídos pela inteligência artificial. A internet é um mecanismo que vem desenhando a trajetória da desigualdade, desenvolvendo estratégias mercadológicas de consumo desenfreado, estabelecendo padrões, ditando regras, criando um fosso entre quem pode e quem não pode comprar. A concentração de renda e de poder está cada vez mais centrada em um grupo menor de pessoas que entende, controla e manipula os aparatos tecnológicos.

Por isso, Bridle (2019) destaca:

Reconhecer a realidade da inteligência não humana tem implicações profundas sobre como agimos no mundo e exige um pensamento esclarecido sobre nossos comportamentos, oportunidades e limitações. Enquanto a inteligência maquina supera a performance humana com velocidade em diversas disciplinas, e em muitas áreas é catastróficamente destrutiva. (BRIDLE, 2019, p. 184).

Desse modo, se não compreendemos como estes aparatos tecnológicos funcionam, interconectam-se e atuam entre si, e as implicações sociais, políticas e econômicas disso, nos tornamos impotentes, presas fáceis cada vez mais aprisionadas pelas elites egoístas e por corporações cada vez mais desumanas. Os resultados são intensamente catastróficos e decorrentes da inaptidão de entendimento sobre tudo o que é criado pelas próprias invenções humanas.

Ao realizar um diagnóstico crítico deste tempo, Franco Berardi (2019), filósofo italiano, busca decifrar o destino desta civilização. Embora argumente que a vida melhorou em muitos aspectos desde a segunda metade do século passado – são menos pessoas passando fome, a expectativa de vida aumentou, as tecnologias ampliaram horizontes em relação a inúmeras possibilidades que não imaginávamos atingir –, ele afirma que algo se rompeu na esfera psicossocial.

As energias utópicas despendidas para pensar sobre o futuro no século passado parecem ter-se esgotado. Definitivamente, não somos mais capazes de imaginar o que está por vir. Tudo parece ter virado pelo avesso, devido ao excesso de velocidade. Para Berardi (2019), o futuro já não é mais percebido como promissor

e de esperança; pelo contrário, o futuro é duvidoso, incerto e melindroso, principalmente para a geração de agora, nascida em berço digital e altamente conectada.

No século passado, a máquina estava no centro do imaginário futurista. A máquina externa, pesada, fervorosa transformou os processos produtivos globais, que realizaram o automatismo mecânico, e pelas redes conectaram seres humanos. Hoje, porém, em pleno século XXI, somos penetrados por máquinas internas, máquinas que Berardi (2019) denomina de “infobiotécnicas”, das quais ainda não é possível avaliar os efeitos diante da evolução cultural da espécie humana. Estas infomáquinas se entrelaçam com o sistema nervoso social e interagem com o organismo humano. Ou seja, avançamos da máquina disciplinar do século passado para a máquina do controle de agora. A máquina que nos representa hoje está na nossa mente, dentro do nosso corpo.

Na modernidade, a velocidade e a aceleração estão destinadas a enriquecer a magnificência do mundo e são a alavanca do sistema econômico e produtivo. No passado, essa velocidade estava na máquina externa, que permitia a exploração planetária dos mais diferentes recursos, transportes rápidos, ocupar espaços visíveis, enfim, foram exploradas as mais diversas dimensões do espaço, condição que provocou efeitos devastadores. Entretanto, quando a máquina externa migrou para as infomáquinas, os efeitos se tornaram ainda mais catastróficos, pois a velocidade foi internalizada e se transformou no que Berardi (2019) chama de “automatismo psicocognitivo”. Ou seja, iniciou-se a colonização da dimensão temporal, da mente, do vivido, da percepção humana.

O ponto de intersecção que Berardi (2019) levanta refere-se à relação entre a expansão do ciberespaço, que é o virtual gerado por inúmeros emissores, ilimitado, e o cibertempo, que é tempo mental limitado pela mente humana, orgânica, emocional e culturalmente. No ponto do cruzamento e de tensão, está a expansão do ciberespaço e os limites do cibertempo que põem em jogo a sensibilidade, a empatia e a própria ética. Para o autor, a mente humana tem perdido a capacidade de compreensão e empatia, pois vive submetida à aceleração infinita dos infoestímulos, o que está gerando humanos com aptidões sensoriais reduzidas, incertas e frágeis. Isso não poderia ser diferente, já que, segundo ele, “nas sociedades pós-industriais, a atenção foi absorvida de forma crescente pela competição; é natural que reste pouca

atenção para uma atividade que não tenha nada a ver com a competição e a produtividade” (BERARDI, 2019, p. 154).

O que se pode compreender é que o comportamento humano se transformou, e isso é resultado do desenvolvimento tecnocientífico que coordena e modela a sociedade contemporânea. A dinâmica capitalista promoveu o crescimento de instituições além de seus limites geográficos; a concorrência remodelou os processos produtivos; a força de trabalho perdeu espaço para as inovações tecnológicas. As revoluções científicas e tecnológicas em todos os campos provocaram uma intensa aceleração nos fenômenos globais, mas, sobretudo, mudou o ser humano em suas múltiplas dimensões.

As reflexões que tratam da situação do mundo atual constituem-se uma prática urgente, que precisa ser revigorada por todos os profissionais das diferentes áreas. Dioclésio Campos Júnior, médico pediatra e professor universitário, autor do livro *Desconstrução da humanidade: reflexões sobre o mundo atual* (2019), afirma que não podemos continuar “[...] engolindo passivamente tudo aquilo que nos é anunciado como progresso. A postura crítica e construtiva é indispensável à proteção dos cidadãos contra as sérias ameaças à sua qualidade de vida.”

O autor nos mostra sua preocupação com relação à desconstrução da humanidade, sintomas, que segundo ele, são detectados de forma clara e consistente. Desprovida de interesses pelos valores imateriais, a humanidade tem perdido as capacidades de consciência mental e intelectual que podem garantir a convivência equilibrada entre os seres humanos e o Planeta; ilusoriamente embevecida pelo consumo de bens materiais, torna-se escrava do novo império que domina a maioria dos seres humanos. A economia consumista adquiriu a vitrine de nova religião; os dogmas econômicos são impostos, como verdades incontestáveis, ao ponto de converterem os indivíduos em fiéis de uma crença nociva – condição que faz perpetuar as injustiças e as desigualdades sociais, características que sempre determinaram a história humana. Prova disso é vista de modo ilimitado através do modelo exploratório que sentimos diariamente, além de cada vez mais estar escancarada a concentração da renda econômica nas mãos de poucos (CAMPOS JÚNIOR, 2019).

Os interesses puramente materialistas passaram a governar o Planeta, e os mecanismos tecnológicos são os principais instrumentos utilizados para dominar as populações. “Quanto mais tempo sobrevive a espécie, menos humanista é o seu perfil [...]” (CAMPOS JÚNIOR 2019, p. 28). Estrutura-se uma sociedade em que o ser

humano se desvaloriza sem perceber, pois, como afirma o referido autor, “[...] o imediatismo do interesse econômico despreza as evidências de uma realidade planetária em degradação.” (CAMPOS JÚNIOR, 2019, p. 210).

Para Bauman (2001), os tempos presentes vêm marcados pela liquidez e perda de valores sociais; o que antes se apresentava como tarefa coletiva atualmente se restringe a interesses individuais, afetando a rotina comum do indivíduo imerso numa condição precária, com estilo de vida e costumes angustiantes. Ou seja, “[...] entramos em um modo de viver enraizado no pressuposto de que a contingência, a incerteza e a imprevisibilidade estão aqui para ficar.” (BAUMAN, 2010, p. 13).

Neste cenário de avanços científicos e tecnológicos, em que os sofrimentos e as tristezas só aumentam, o sentimento é de que a imaginação coletiva não está entendendo que precisa criar mecanismos para eliminar a fome, a miséria, as desigualdades, a violência, a opressão, os problemas ambientais, dentre inúmeros e infindáveis outros que são avassaladores. A impressão que se tem é de que a concepção de modernidade está reduzida ao arcabouço tecnocientífico, voltado unicamente às intenções materialistas, deixando de abordar discussões sobre as consequências sociais, econômicas, políticas, educacionais e culturais dessa modernização. Em um momento no qual se celebram tantos avanços e “progressos” nas ciências e nas tecnologias, é urgente e necessário equalizar-se o desenvolvimento tecnológico e o desenvolvimento humano para a constituição de sociedades mais justas e igualitárias. É pensando nisso que o próximo tópico de exposição teórica será destinado ao trato desse propósito, considerando a equação civilizatória como ferramenta de análise do processo civilizatório contemporâneo.

2.1 O UNIVERSO TECNOCIENTÍFICO SOB A ANÁLISE DA EQUAÇÃO CIVILIZATÓRIA

Se os avanços tecnocientíficos são partes integrantes do desenvolvimento do Planeta, torna-se fundamental compreender quais são os seus fins. Não é fácil produzir críticas sobre um tema que parece ser incontestável para grande parte da sociedade mundial quanto aos seus benefícios.

Infelizmente, com a aceleração desenfreada em que vivemos, os valores econômicos e o acúmulo do capital têm colocado os indivíduos num ritmo

descompassado para dar conta de inúmeros afazeres, a fim de ter sempre mais e, com isso, sentir-se mais incluído socialmente. Os inúmeros aparatos de encantamentos tornam os indivíduos cegos diante do deslumbramento tecnológico. Por isso, é importante começarmos, imediatamente, um processo de conscientização dos valores imprescindíveis para a continuidade da vida de todas as espécies.

O desenvolvimento tecnocientífico e todos os efeitos que ele tem proporcionado na civilização contemporânea são dignos de análise pela ausência e, por vezes, pela inexistência que as questões humanas ganham no comportamento civilizatório. Este tem sido o grande desafio perseguido por Bazzo (2021b). Ele tem sido incisivo em seus escritos sobre a urgência em tratarmos desse processo civilizatório que nos move.

As pautas levantadas pelo autor supracitado ao longo de sua trajetória sempre buscaram elaborar reflexões sobre o mundo contemporâneo e, conseqüentemente, a necessidade de conhecer as problemáticas que fazem parte da sociedade. Além disso, sempre manifestou a preocupação em torno do conhecimento científico e tecnológico, e do processo formativo dos profissionais das diferentes áreas, sobretudo da educação, quanto à escassez de debates e de leituras que tratassem os tantos problemas que atingem a humanidade. Desde as primeiras inquietações, ele sempre nos provocou a raciocinar sobre as questões que envolvem o desenvolvimento humano da nossa civilização e tem persistido nas discussões que envolvem o que ele denomina “equação civilizatória”.

Nesse sentido, Bazzo (2021b) afirma:

Nestes meus estudos e aprofundamentos defini para mim mesmo, que a equação civilizatória seria uma metáfora, que reuniria as mais diferentes variáveis que surgem a todo instante em uma civilização que está vulnerável às mais aceleradas mutações em seu comportamento cotidiano, e, mais ainda, ao desvendá-la seria possível proporcionar reflexões e alterações nas nossas formas de trabalhar o conhecimento em tempos tão sisudos dos problemas humanos. Metaforicamente, como dito anteriormente, ao desvelar a equação civilizatória, considerando o avanço tecnológico e suas implicações nas variáveis contemporâneas, teríamos como resultado a possibilidade de buscar as mínimas condições dignas da vida humana. Assim, a equação civilizatória seria uma ferramenta, de forma simplificada, semelhante a um termômetro para medir temperatura, para mensurar as implicações do avanço tecnológico na sociedade. (BAZZO, 2021b, p. 28).

Os debates em torno do significado dessa expressão têm sido uma constante nos inúmeros livros, artigos, *lives*, palestras, aulas e em diversos movimentos

produzidos pelo autor, assim como pelos membros do NEPET/UFSC. A preocupação gira em torno do formato linear de ensino praticado pela educação tecnológica e da maneira descompromissada, ou até irresponsável, como estão sendo tratadas as variáveis da nossa complexa equação, sinalizando o perigo disso para as gerações futuras. As variáveis contemporâneas, que evidenciam um planeta com alto grau de desenvolvimento científico, não têm como prioridade a resolução dos problemas humanos, que ficam à mercê do poder hegemônico (CIVIERO; BAZZO, 2022).

Em relação às variáveis contemporâneas abordadas por Bazzo (2016a, 2019, 2020, 2021b, 2022), ele esclarece que elas são de ordens sociais, econômicas, políticas, ambientais, técnicas e existenciais. Ao analisá-las, temos a possibilidade de compreender o domínio que as tecnologias exercem sobre nós e sobre as sociedades e, conseqüentemente, tomarmos decisões a favor da vida humana. Além disso, ele destaca que elas “surgem a todo instante em uma civilização que está vulnerável às mais aceleradas mutações em seu comportamento cotidiano” (BAZZO, 2019, p. 21).

Insistentemente, Bazzo (2021a) convoca os profissionais das diferentes áreas a tratarem com urgência e de forma preventiva as pautas que assolam a humanidade, de modo que não sejamos pegos de surpresa em um futuro próximo. Com isso, segue denunciando a insuficiência da Ciência, Tecnologia e Sociedade na compreensão e resolução das questões sociais originadas das relações indissociáveis entre ciência, tecnologia e sociedade, ou seja, dos efeitos da complexa inter-relação dos ecossistemas.

Nos diferentes textos produzidos pelo autor, é possível perceber sua preocupação com relação ao legado que deixaremos às futuras gerações; por isso, a necessidade de um olhar bastante atento diante da educação tecnocientífica. Isso porque, conforme Bazzo (2021b), a equação a ser solucionada, tendo em vista a resolução dos problemas da humanidade, precisa de um projeto coletivo em que a educação seja fomentadora de ações que considerem todas as variáveis implícitas.

A propósito, a educação defendida rompe com a lógica do treinamento e da segregação; busca desenvolver a capacidade de identificação e resolução dos tantos problemas civilizatórios. Ao perseguir tal finalidade, “foi se construindo a ideia de uma equação, na qual as variáveis pudessem ser identificadas e, *a posteriori*, problematizadas na busca da dignidade humana, fundamento básico da proposta de *equação civilizatória*” (CIVIERO; BAZZO, 2022, p. 8).

A compreensão é de que as discussões em torno da relação da CTS se expandem para novos debates, chamando a atenção sobre os diversos problemas da sociedade contemporânea, que se apresenta, cada vez mais, convulsionada e acelerada pelos avanços tecnológicos, mas também aviltada no que tange à justiça social. Civiero e Bazzo (2002, p. 9) defendem que “[...] precisamos estar atentos a totalidade do que acontece neste mundo capitaneado por um sistema onde o ter sobreleva o ser, onde o lucro está acima das vidas.”

Portanto, as questões que envolvem a equação civilizatória perpassam por questionar as relações sociais e as suas imbricações com o desenvolvimento tecnocientífico. Todas as variáveis contemporâneas que transformam este processo civilizatório que nos move estão totalmente conjugadas a este desenvolvimento, e isso acontece, de certa forma, de maneira aterrorizante, dada a ausência de valores humanos. Nesse sentido, Civiero e Bazzo (2022) entendem que:

A equação civilizatória serve, em primeira instância, como um alerta constante sobre o andamento deste mundo cada vez mais dependente da tecnociência. Isto é, um recurso metafórico para expor o comportamento dessas variáveis contemporâneas e de que maneira elas podem interferir nesse processo civilizatório. Elas devem ser tratadas dentro de uma temporalidade e de um contexto na busca de atingirmos ao menos os princípios da dignidade humana. Tal aspecto nos mostra ser imprescindível questionar o desenvolvimento da tecnociência imbricado às questões humanas e, por conseguinte, repensar os trâmites da educação científica e tecnológica. (CIVIERO; BAZZO, 2022, p. 15).

Neste momento, em que os problemas parecem se multiplicar diariamente, principalmente após a pandemia de Covid-19, as variáveis se diversificam de maneira exponencial. Torna-se cada dia mais necessário trazer à discussão a imbricada relação entre a máquina e o ser humano, no sentido de asseverar a premência de trabalharmos dentro de uma concepção crítica, nada conservadora. Todos os espaços que trabalham com formação humana carecem extrapolar o campo dos assuntos meramente produtivos voltados para a automação de processos e produtos, avançando de forma definitiva para o enfrentamento de problemas sociais com vistas à vida digna para todos deste planeta.

A autonomia dos indivíduos e do coletivo passa por valores da educação. As modificações a que a sociedade está submetida tornam inadiável a tomada de consciência imediata por parte dos indivíduos, sem exceção, no sentido de analisar os rumos que queremos para o futuro da humanidade. E essa tomada de consciência

se torna urgente, principalmente diante dos ameaçadores problemas climáticos da Terra, que impõem mudanças de tal monta em ordem mundial que comprometem a continuidade da vida.

Aqui, mais uma vez, reporto-me à população desta pesquisa, que, ao meu modo de ver, segue ainda mais vulnerável aos problemas contemporâneos. As diferentes pautas que são expostas diariamente pelos diversos mecanismos de comunicação e que, na maioria das vezes, fazem parte da vida de muitos jovens – fome, falta de moradia, violência, preconceito, desemprego, consumo exacerbado, mercado de trabalho, etc., que são fatores de ansiedade e insegurança – são vistas como distantes, por vezes inatingíveis, por não se integrarem como prioridades dentro dos projetos educacionais. E, ainda pior, muitos desses indivíduos são privados de qualquer oportunidade de fala e de escuta, justamente por estarem completamente desassistidos em termos institucionais. Ou porque a condição sob a qual eles se encontram não tem como finalidade a educação, mas, sim, outras demandas que envolvem necessidades básicas – resgate social, alimentação, espaço para dormir, tomar banho, entre outras. Há também as medidas de punição, como liberdade e ressocialização, no caso de indivíduos que a escola, geralmente, não faz questão de ter em seus espaços. Seres humanos participantes da sociedade em geral que sequer têm a oportunidade de discutir sobre os tantos problemas que afetam a vida, talvez por falta de espaços para tal, por questões políticas e ideológicas, por incapacidade de análise crítica, ou porque não querem pensar. Arrisco dizer também que talvez seja por terem tantos problemas que já não conseguem mais desenvolver um raciocínio, sentindo-se perdidos.

Afinal, qual a urgência em tratarmos das tantas variáveis que fazem parte da vida desses indivíduos? Sob que referenciais está se constituindo o comportamento dos jovens de hoje? O que estamos ensinando para esta geração? Estamos formando cidadãos libertos ou aprisionados? Como estamos direcionando-os para enfrentarem os problemas do mundo? Para vivermos com liberdade, necessitamos, sem dúvida, de conhecimento de mundo. É principalmente para esta geração que a educação crítica e reflexiva deve ser direcionada. As variáveis que envolvem questões políticas, sociais, econômicas, ambientais, enfim, humanas, não podem apenas tangenciar a educação; elas são definidoras, por isso jamais devem ficar ausentes.

Buscando responder a essas e outras questões em torno dos jovens, desenvolvemos o capítulo a seguir, que trata, além de definições legais e conceituais

acerca dessa população, dos referenciais sociais que se constituem como traços comportamentais desses indivíduos, os quais são influenciados e condicionados por fenômenos sociais. Ressalta-se, ainda, que a forma como as transformações tecnocientíficas das últimas décadas se inseriram na vida desses indivíduos gerou efeitos desconcertantes em todos os aspectos da vida desses seres humanos.

3 OS JOVENS QUE VIVEM NESTE TEMPO

As transformações que aconteceram nas últimas décadas mudaram significativamente a vidas de todas as pessoas e, sobretudo, modificaram o processo de vivência e de experimentação dos jovens contemporâneos. Ao tratar desses indivíduos, é preciso ter em mente todos os aspectos da conjuntura atual, os quais congregam as inúmeras configurações sociais, políticas, econômicas, culturais e de identidade. Neste capítulo, apresentam-se as definições do termo “juventude” e os elementos conceituais e legais que identificam os jovens contemporâneos. Além disso, são apontadas algumas características comportamentais que marcam esta geração, e que se entrelaçam com sua condição social.

No Brasil, segundo o Estatuto da Juventude, Lei n. 12.852, de 5 de agosto de 2013 (BRASIL, 2013), é jovem a pessoa com idade entre 15 e 29 anos. Tomando como referência esse grupo, o Fundo de População das Nações Unidas destaca que o Brasil é o quinto país do mundo com maior percentual de jovens na sua população. Evidencia, ainda, que o País é responsável por aproximadamente 36% da população jovem da América Latina e Caribe e 80% do Cone Sul (Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai). O contingente de brasileiros com idade de 15 a 24 anos passou de 8,2 milhões, em 1940, para 34 milhões, em 2000, e cerca de 50 milhões, em 2020, representando 24% da população brasileira (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 2021). Essas informações demonstram a representatividade desse grupo na população do nosso país e nos fornecem a dimensão da responsabilidade que devemos ter com esse segmento populacional. Se, por um lado, os jovens representam o futuro, por outro, demandam um conjunto de ações, programas e políticas adequadas que lhes permitam o acesso a educação de qualidade, saúde, segurança, oportunidades de emprego, condições de moradia.

Nos últimos anos, principalmente a partir da década de 1990, os interesses por estudos sobre juventude têm aumentado de forma considerável. De acordo com Abramovay, Andrade e Esteves (2007), no Brasil, a juventude alcançou maior visibilidade nos últimos 15 anos, como produto de intersecção de vários domínios da vida social e da ação de diferentes atores. Os assuntos relacionados aos jovens têm feito parte dos discursos acadêmicos, da mesma forma que têm integrado os discursos políticos.

A cada dia mais, transitam novos elementos que se multiplicam e diversificam continuamente, fazendo com que os jovens tenham de enfrentar uma equação com inúmeras variáveis, para viver o presente e preparar o futuro. É preciso ressaltar que hoje, mais do que em épocas passadas, os percursos da vida não são necessariamente lineares, nem compostos por etapas sucessivas e ordenadas, mas concomitantes e reversíveis (ABRAMO, 2016).

A definição em torno do termo “juventude” pode ser produzida a partir de vários pontos de partida, como um período da vida, uma faixa etária, um contingente populacional, uma categoria social ou uma geração. Todas as definições, entretanto, se articulam, de alguma maneira, à dimensão correspondente ao período da vida entre a infância e a fase adulta. Há, portanto, uma relação com a faixa de idade, mesmo que o marco etário não possa ser determinado rigorosamente (ABRAMO; LEÓN, 2005).

De igual natureza, o conceito de “geração” remete à ideia de semelhanças de experiências dos indivíduos que nasceram num mesmo período histórico e que coabitam os processos das diversas etapas do ciclo de vida sob os mesmos condicionantes das conjunturas históricas. Para Abramo (2014, p. 13), “Cada geração incorpora novos códigos e sentidos ao capital cultural da sociedade em que está inserida. Pertencer a uma ou a outra geração significa acionar diferentes repertórios e dimensões da memória social.”

Conforme Twenge (2018), o conceito de “geração” não se restringe apenas a datas, mas estende-se à ideia que compreende um grupo de pessoas submetidas a um conjunto de elementos materiais e sociais que receberam durante um mesmo período histórico, os quais determinaram, em grande medida, seu comportamento. Entender o conceito de “geração” é importante para refletir sobre a dinâmica das mudanças sociais, as maneiras de pensar e agir que predominam em uma determinada época.

Já a condição juvenil diz respeito ao modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo de vida. Relaciona-se a uma dimensão histórico-geracional, à medida que a situação dos jovens desvela a maneira como tal condição é vivida a partir dos distintos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia, etc. (ABRAMO, 2014).

Na civilização contemporânea, as características da sociedade capitalista e as marcas do tempo histórico são determinantes para definir uma geração.

Concomitantemente, porém, as determinações de classe e os demais mecanismos reprodutores de desigualdades sociais também se fazem presentes, segundo entendimento de Abramo (2014).

Para a autora, resulta que:

[...] nas trajetórias individuais dos jovens de uma mesma geração, a condição juvenil comum se entrelaça com as diferentes situações vividas pelos jovens, resultando tanto em pertencimento geracional comum (juventude no singular) quanto na diferenciação social entre os jovens (juventudes no plural). (ABRAMO, 2014, p. 13-14).

A esse respeito, Abramovay, Andrade e Esteves (2007) consideram que não há uma cultura juvenil unitária, homogênea; o que há são culturas juvenis, com pontos convergentes e divergentes, com pensamentos e ações comuns, mas que, muitas vezes, são completamente contraditórias entre si, por isso o uso do termo “juventudes” no plural, levando em conta toda a diversidade de situações existentes que envolvem esses indivíduos. Essa perspectiva reconhece a heterogeneidade dos jovens a partir das diferentes realidades cotidianas nas quais se desenvolvem as diversas juventudes.

Logo, podemos complementar que a condição juvenil é vivenciada de diferentes maneiras, em função das múltiplas variáveis que estão postas em cada tempo e em cada contexto. Não é possível compreender o jovem sem reconhecer que ele está imerso em uma rede de inter-relações e conexões sociais que envolve aspectos biológicos e psíquicos, os quais são influenciados e condicionados por fenômenos sociais. São essas condições que mobilizam e geram experiências, vivências. As transformações fisiológicas, aspectos como a construção da identidade, personalidade, o desenvolvimento cultural, emocional e social, e todos os demais processos constitutivos de sua subjetividade estão envolvidos em uma conjuntura social e são fundamentais para entender os indivíduos na sua condição individual e coletiva (ABRAMO, 2014).

Por isso, esses indivíduos não podem ser enquadrados a partir de um perfil unificado; afinal, há muitas questões que permeiam suas vivências e experiências. Trata-se de diferenças sociais, disparidades econômicas, condições de moradia, acesso aos recursos tecnológicos, educação de qualidade, condições de trabalho, dentre tantas outras questões que se constituem como desafios, não só para os jovens deste tempo, mas para a sociedade como um todo. Abramo e Branco (2005) ressaltam

que as dificuldades da sociedade moderna tornaram a transição para a idade adulta mais difícil, considerando que as mudanças socioeconômicas, políticas e tecnológicas são determinantes das transições mais singulares, que vêm marcadas pelas incertezas, indefinições e pela não linearidade. Tais características também são apontadas por Bauman (2007, 2013), Bazzo (2019, 2022), Flanzer (2020), Serres (2013), Twenge (2018), entre outros autores.

Twenge, autora do livro *iGen* (2018), faz uma ampla reflexão sobre a geração atual de adolescentes e jovens nascidos entre meados da década de 1990 e os anos 2012. “iGen” foi um termo cunhado pela autora para definir esta geração, também denominada Geração Z ou *Centennials*. A letra “i”, em “iGen”, faz alusão à internet, justamente porque se trata de uma geração que já nasceu após o seu advento. A autora sustenta, ainda, que a tecnologia não é o único fator que marca o iGen, uma vez que o “i” representa também o individualismo marcante entre seus membros.

Essa geração que nasceu imersa no mundo tecnológico, de modo que não conhece outro mundo a não ser este, é uma geração inquieta e que está em permanente mudança. São indivíduos que sofrem com o suprimento excessivo de todas as coisas, tanto dos objetos de desejo quanto dos de conhecimento. Isso porque, com a mesma velocidade que eles obtêm coisas novas, estas mesmas coisas deixam de ser interessantes, tornam-se obsoletas. É uma geração sobre a qual os pais projetam os desejos que não conseguiram concretizar consigo mesmos; ou seja, não importa onde os pais conseguiram chegar, os filhos chegarão mais longe – pelo menos, é assim que foram ensinados e doutrinados (BAUMAN; LEONCINI, 2018).

Para Serres (2013), esses sujeitos habitam o virtual. São indivíduos que não conhecem, não integralizam nem sintetizam da mesma forma que a geração anterior, nem têm mais as mesmas ideias. Esses jovens não habitam mais o mesmo espaço, uma vez que, por meio de diferentes aparatos tecnológicos, eles têm acesso a todas as pessoas: por meio do GPS, a todos os lugares do mundo; pela internet, acessam um amplo conjunto de informações e conhecimentos. Circulam em um espaço topológico de aproximações, enquanto as gerações que os antecederam viviam num espaço métrico. Por isso, eles não habitam mais o mesmo espaço, nem o mesmo tempo, pois vivem outra história. Também não têm mais o mesmo corpo, porque a comunicação mudou e, com isso, a forma de ver e viver o mundo também se alterou. Além disso, eles não falam mais a mesma língua, comunicando-se por mensagens que são manipuladas com muita destreza pelos polegares. Têm em seus aparatos

digitais uma extensão do corpo, por isso o autor afirma que “[...] a inteligência saiu da cabeça ossuda e neural. [...] a cabeça foi lançada à nossa frente, nessa caixa cognitiva objetivada [...]” (SERRES, 2013, p. 36).

A psicanalista Sandra Niskier Flanzer publicou em 2020 a obra *Jovens em Tempos Digitais*. Doutora em teoria psicanalista, ela analisa como o uso excessivo das ferramentas tecnológicas impôs, nos últimos anos, mudanças no comportamento dos jovens. Para essa autora, os novos laços sociais que se dão através das telas são fundamentados num jogo de espelhos: em transformar os jovens em possíveis indivíduos autossuficientes e narcísicos. Segundo ela, o uso excessivo das ferramentas virtuais tem ocasionado uma inversão de valores: o que era para ser um elemento de inclusão tem despontado como um mecanismo potente de exclusão. Ademais, profissionais de diferentes áreas têm identificado situações alarmantes envolvendo esses indivíduos, que manifestam diversos transtornos, índices de depressão, medo, ansiedade, insegurança, e um grande número de pessoas dessa faixa etária fazendo o uso de farmacológicos.

A dependência digital atinge todas as idades, mas sua incidência é maior entre o público jovem, envolvendo diferentes níveis educacionais e estratos socioeconômicos. O Brasil está no topo do mundo em termos de tempo de uso. Existem constatações de que a maioria dos jovens que fazem o uso maciço do digital apresentam vulnerabilidades, e buscam por essas vias uma forma de aplacar tais males. A rede utilizada como ferramenta social substitui o prazer dos contatos reais pelos prazeres da experiência virtual ininterrupta, a tal ponto que muitas vezes esses indivíduos dispensam refeições, diminuem ciclos de sono, preferem isolar-se em casa, além dos prejuízos nas relações pessoais e quanto ao fortalecimento dos laços humanos. Como consequência, percebem-se baixa tolerância a frustrações, ansiedade, mau humor, irritabilidade, distanciamento entre pais e filhos, desinteresse e baixo rendimento escolar, reclusão, isolamento social, entre outros fatores (FLANZER, 2020).

Avidamente seduzida para o consumo, esta geração tem à sua disposição, vinte e quatro horas por dia, objetos maravilhosos dispostos nas prateleiras virtuais, sempre prestes a serem adquiridos, como promessa para curar os males e atingir a completude. O que perturba nos jovens de hoje é a vasta possibilidade de opções, pois o medo de perder uma oportunidade e “ficar para trás” gera ansiedade e inquietação. Convocados a mostrar sempre o seu melhor, enaltecendo o ideal de

felicidade, esses indivíduos vivem sob a predominância do imaginário. É nas ferramentas digitais que boa parte desta geração vai em busca de si mesmo, de significantes que supostamente poderiam definir seu lugar no mundo e que, por natureza, passam pelo olhar do Outro. As telas passaram a ocupar um lugar distinto na vida dos jovens, os quais medem o seu grau de aceitação a partir do número de *likes* recebidos, e pelas visualizações mostradas (FLANZER, 2020).

Nas últimas décadas, evidenciaram-se obstáculos de diversas ordens para que os jovens de diferentes classes sociais pudessem desfrutar das possibilidades da atual condição juvenil. Abramo (2016) cita paradoxos e inquietações características do universo desses indivíduos: os jovens de hoje têm mais acesso à educação formal que a geração que os antecedeu, porém vivem mais insegurança no mundo do trabalho; o desenvolvimento tecnológico requer mais anos de educação para acessar os empregos, e esses indivíduos parecem ser mais aptos para atuar nas transformações do setor produtivo atual, em que ressalta-se a centralidade do conhecimento como motor do crescimento, mas têm sido os mais excluídos do ingresso no mundo do trabalho; a juventude contemporânea tem mais acesso às redes sociais e às informações, contudo participa pouco de espaços decisórios. Ou seja, com mais acesso aos meios de comunicação, ao mundo virtual e aos ícones de publicidade, expande-se o consumo simbólico dos jovens; por outro lado, estanca-se o consumo material, abrindo-se fossos entre expectativas e conquistas, e a democratização da imagem convive com a concentração de renda.

No período histórico atual, os fatores tecnocientíficos, políticos e econômicos têm modificado substancialmente a sociedade e as vivências desses indivíduos. A nova conjuntura da modernidade, fortemente marcada pela presença das novas tecnologias, produziu uma desnormalização do percurso etário, assim como dos atributos tradicionais de maturidade.

O fato é que a condição juvenil contemporânea vive profundas mudanças em diferentes esferas da vida, e grande parte delas está diretamente relacionada aos impactos dos processos sociais em curso. As transformações dentro do processo produtivo, as mudanças tecnológicas e a globalização dos mercados promoveram novas formas de organização na estruturação da sociedade, novas relação de trabalho, de consumo, dentre outros fatores que vêm impactando a sociedade como um todo. No entanto, eles atingem especialmente os jovens, porque é exatamente

nesse momento do ciclo de vida que se constroem identidades e se constituem estratégias de autonomia e emancipação (ABRAMO, 2016).

Sendo habitantes de um mundo em constante transformação, os jovens contemporâneos vivenciam problemas e incertezas de seu tempo. Uma vez que pertencer a uma mesma geração significa viver a juventude em um mesmo contexto histórico, os jovens da atualidade compartilham símbolos e sentidos que produzem aproximações inéditas, facultadas pelas novas tecnologias de informação e comunicação (ABRAMO, 2016).

Esta geração está exposta a um conjunto de variáveis que fazem parte da sociedade contemporânea. Essas variáveis dizem respeito a tudo o que está acontecendo no nosso dia a dia no contexto global. As inúmeras questões, como fome, desemprego, desigualdade social, problemas ambientais, consumo exacerbado, consequências das tecnologias digitais, dentre tantas outras que se multiplicam diariamente, repercutem incisivamente na vida desses indivíduos. Estes jovens que estão em cena no contexto contemporâneo e que são fortemente influenciados pelas tecnologias digitais estão perdendo a capacidade de pensar criticamente, dada a ofuscação vivida diante dos sedutores mecanismos tecnológicos que impulsionam o acúmulo de bens materiais e o consumo desenfreado. Eles não estão se dando conta dos multifacetados problemas humanos e do mundo; seguem se tornando meros espectadores de ambientes virtuais, à espera de soluções tecnológicas para os problemas da humanidade.

Para Bonfiglio (2021), a geração atual cresce em meio a um mundo frio e cruel, circunstanciado por competição excessiva e desemprego, e cada vez mais padece com as decepções e fracassos. Por isso, a autora sustenta que é um imperativo discutir aspectos em relação às distinções sociais e todos os mecanismos que envolvem a legitimação e dominação do capitalismo, pois a naturalização das desigualdades ocorre, sutilmente, por meio da violência ideológica.

A dominação contemporânea se materializa por meio do consumo explosivo imposto às gerações recentes, tornando-as reféns de um sistema econômico desprovido de compromisso com o horizonte evolutivo da humanidade. Nesta corrida, fortaleceu-se o individualismo em todos os níveis sociais, e o único índice que diferencia os indivíduos do mundo atual é o perfil de consumidor alcançado por cada um. A labuta diária a que grande parte da população está condenada é a fonte do

combustível que alimenta o modelo econômico do capitalismo consumista (CAMPOS JÚNIOR, 2019).

Para Campos Júnior (2019), a consciência humana padece de acentuada atrofia, a qual envolve grande parte dos habitantes da Terra. O livre pensar, nutriente intelectual que robustece a mente, tem sido negado às novas gerações, resultado da intoxicação tecnológica que seduz os usuários, tornando-os dependentes. A lógica dos mecanismos eletrônicos invade e ocupa as áreas cerebrais do território do intelecto humano e, assim, faz sumir a visão crítica e a capacidade reflexiva, gerando um numeroso rebanho constituído de vítimas da automação tecnológica. Portanto:

Assegurar educação de qualidade às novas gerações é a providência mais consistente para desencadear as mudanças inadiáveis com vistas à reconstrução da sociedade humana. Medidas de transição devem ser adotadas, de imediato, para viabilizá-las. Serão decisivas, se implantadas para criar sólido e incorruptível alicerce capaz de sustentar o plano educacional referido. Em síntese, somente a energia social da alteridade, gerada por procedimentos educativos, será o cerne humanista de um novo padrão de vida feito por todos e para todos. (CAMPOS JÚNIOR, 2019, p. 109).

A solução inadiável para evitar o trágico desfecho que se esboça para a humanidade é, portanto, a mudança do atual modelo de sociedade. Neste sentido, a educação, sem vínculo com interesses materialistas, se constitui como um dos principais caminhos para o renascimento da humanidade; esta carece de ser regada de valores humanos para inspirar o intelecto em formação, pela busca do bem comum. A prática, no entanto, vai muito além de sistemas pedagógicos ou espaços exclusivamente educacionais; há que ser também estendida à população jovem e adulta, por todos os meios possíveis, e de forma ininterrupta.

Em face destas questões, e tendo em vista o problema proposto para este estudo, buscou-se escolher uma metodologia e instrumentos de pesquisa que fornecessem o maior número de informações e dados possíveis, e que nos oportunizasse refletir sobre como as variáveis contemporâneas impactam de forma direta na vida desses jovens, no sentido de indicar possíveis caminhos e direcionamentos. O capítulo que segue traz o detalhamento metodológico do processo investigativo.

4 PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO DO PROCESSO INVESTIGATIVO

Ao longo de sua história, o ser humano sempre buscou descobrir características, particularidades e detalhes do mundo à sua volta. Movido pela curiosidade, questionou suas verdades, ousou fazer descobertas, produziu ciência, implementou tecnologias. Diante de suas inquietações e por meio de pesquisas, experiências e experimentações, a humanidade segue buscando respostas e conhecimentos que contribuam para seu processo evolutivo.

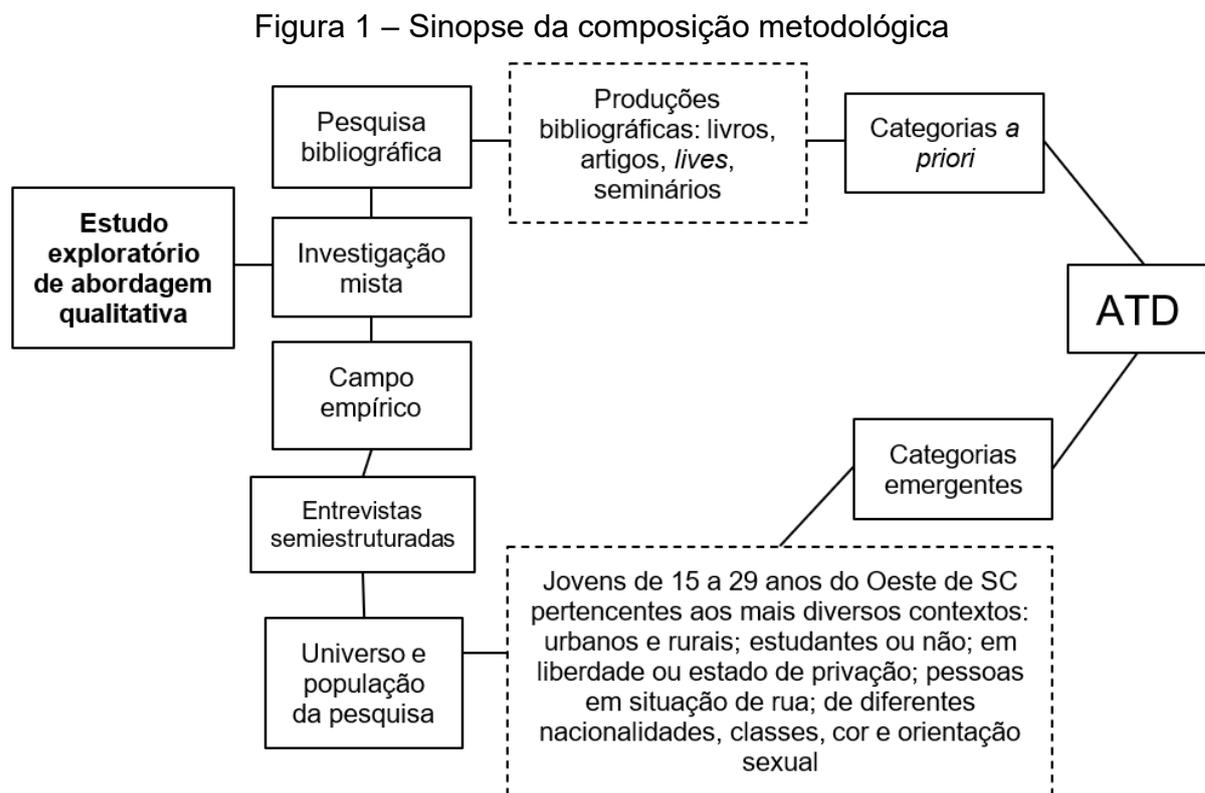
A pesquisa como ciência pressupõe a necessidade de elaboração de um universo de conhecimentos que possibilitará a apreensão aprofundada daquilo que, em um primeiro momento, se apresenta obscuro. Por isso, o ato da pesquisa como ciência possui características peculiares, já que pretende estabelecer referências que permitam elaborar uma compreensão mais aproximada da natureza, do humano, das diversas relações. Ao mesmo tempo que se busca a aproximação mais segura possível do conhecimento gerado, admite-se que não há conhecimentos ou verdades definitivas.

Desse modo, uma pesquisa surge de uma necessidade transformada em problema que precisa ser investigado, porque ainda não há respostas válidas e pertinentes nos saberes acumulados. Embora se tenha uma diversidade de opiniões sobre o problema e alguns saberes relacionados a ele, uma questão de pesquisa emerge a partir de conflitos, necessidades e dúvidas concretas. Contudo, para que uma pesquisa se torne um processo concreto, Gamboa (2007) aponta para a necessidade de localizá-la no campo problemático, considerando as dimensões de espaço, tempo e movimento, denominando-a “situação-problema”.

Considerando a situação-problema desta pesquisa, compreendo que sua área de interesse envolve um campo vasto de público a ser investigado. No entanto, é preciso reconhecer os alcances e limites que envolvem um processo investigativo. Por isso, para a realização deste estudo, considereei necessário um recorte mais concreto, no sentido de delimitar a pesquisa a uma dimensão viável de ser praticada, sem esquecer que o cenário escolhido é parte de uma totalidade mais ampla e complexa, envolvendo múltiplas dimensões e uma trama de relações.

Nesse sentido, em face dos objetivos definidos e para elucidar o problema apresentado, a figura que segue apresenta uma sinopse da composição metodológica proposta para esta pesquisa, com vistas às fases de seu desenvolvimento. Do ponto

de vista da abordagem do problema de pesquisa, contempla um estudo qualitativo; no que se refere aos objetivos, tem característica exploratória; no que diz respeito aos procedimentos, configura-se como sendo de investigação mista, pois se utiliza das pesquisas bibliográfica e de campo; como instrumento de coleta de dados, utiliza-se a entrevista semiestruturada. Os dados, por sua vez, foram analisados por meio da análise textual discursiva.



Fonte: dados da pesquisa (2022).

Na sequência, discorro, em detalhes, cada fase deste desenvolvimento: a composição metodológica; o universo da pesquisa e a população pesquisada; o instrumento de dados; a análise textual discursiva como fundamento analítico dos dados da pesquisa; as categorias de análise.

4.1 A COMPOSIÇÃO METODOLÓGICA

Diante do problema apresentado e tendo em vista os objetivos propostos para esta pesquisa, elegi uma composição metodológica que me oportunizasse refletir sobre o processo civilizatório contemporâneo e as diversas variáveis que nele

interferem (desigualdade social; fome; pandemia; desemprego; aquecimento global; consumo exacerbado; mídias sociais; preconceitos; entre outras tantas). A intenção foi analisar como tais variáveis influenciam a vida dos jovens em termos sociais, educacionais e humanos, pois considero de significativa importância a busca de fundamentos que promovam análises críticas dos problemas da atualidade e acerca das repercussões que essas questões múltiplas provocam no modo de vida desses indivíduos. Compreendo que os objetos de análise se arquitetam no campo das relações sociais, sendo permeados, portanto, por determinantes históricos, culturais, ideológicos, econômicos, políticos e sociais.

Ao valer-me da abordagem qualitativa da pesquisa, tenho como fonte de dados as narrativas de jovens contemporâneos, pertencentes aos mais diversos contextos sociais e inseridos “em uma realidade histórica, que sofre toda uma série de determinações” (LÜDKE; ANDRÉ, 2013, p. 6). Trata-se de um estudo que analisou o contexto real dos participantes, no sentido de “compreender e explicar a dinâmica das relações sociais que, por sua vez, são depositárias de crenças, valores, atitudes e hábitos” (MINAYO, 1994, p. 24). Ao mesmo tempo, trabalhou-se com a vivência, com a experiência, com a continuidade e também com a compreensão das estruturas e instituições como produto da ação humana.

Ao considerar o ser humano como constructo das relações históricas e sociais, aproximo-me do pensamento do filósofo Savater (2012), que concebe a constituição humana para além da sua matriz biológica, levando em consideração as vertentes sociológicas, antropológicas e existenciais. Ou seja:

Os outros seres vivos já nascem sendo o que são, o que não de ser irremediavelmente, aconteça o que acontecer, ao passo que nós, humanos, o que parece mais prudente dizer é que nascemos para a humanidade. Nossa humanidade biológica necessita uma confirmação posterior, algo como segundo nascimento no qual, por meio de nosso esforço e da relação com outros humanos, se confirme definitivamente o primeiro. É preciso nascer humano, mas só chegamos a sê-lo plenamente quando os outros nos contagiam com sua humanidade e com sua cumplicidade. (SAVATER, 2012, p. 24).

Por isso, não basta habitar neste mundo, é preciso compreender a realidade que nos cerca e o que ela significa. Ou seja, “processar informações não é o mesmo que compreender significados” (SAVATER, 2012, p. 33).

Ao trazer para a pauta a problemática *como as variáveis contemporâneas do processo civilizatório atingem os jovens em termos educacionais, sociais e humanos*,

propus-me a olhar para este universo considerando os pressupostos trazidos por Savater (2012). Isso implica considerar a existência do ser em sua completude, tendo em vista as demandas e as percepções advindas das diferentes variáveis presentes em seu universo vivencial. Do mesmo modo, é importante considerar que outras linhagens precedem nossa existência; aparecemos num mundo em que a marca humana já está vigente ao longo de sua evolução, fez história, criou tradição, constituiu valores, mitos, técnicas, tecnologias, transformou e vem se transformando, influenciando e sendo influenciada por condições postas pelo meio social. Todos esses elementos são constituintes da nossa condição humana e, por sua vez, moldam nossos comportamentos, a maneira como agimos, pensamos e nos posicionamos em relação às problemáticas do mundo.

Essas questões exigem que o processo de pesquisa tenha relação dinâmica entre o mundo real e o indivíduo, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do indivíduo. Assim, é preciso compreender que a constituição do conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados ou a uma teoria explicativa, mas estende-se ao fato de o indivíduo ser parte integrante do processo de produção de conhecimento e interpretação dos fenômenos, atribuindo-lhe um significado. Pode-se dizer que a pesquisa qualitativa investiga o mundo em que o ser humano vive, assim como investiga o próprio ser humano. O fenômeno analisado não é um dado inerte e neutro; está embebido de significados e relações que indivíduos concretos criam em suas ações (CHIZZOTTI, 2010).

É a partir desta percepção da abordagem qualitativa do problema de pesquisa que se definiram os objetivos deste estudo, pretendendo “analisar, investigar, identificar e compreender” as questões relacionadas ao problema. Por isso, utilizou-se a pesquisa exploratória para conhecer um universo de informações sobre o objeto de estudo, mapear suas condições de manifestação e delimitar o meu campo de trabalho. Este percurso ocorreu no sentido de interrogar preliminarmente sobre o objeto e os pressupostos, assim como elencar teorias pertinentes. Esse movimento produziu o que Freire (2005) denomina de “cerco epistemológico”, e ao encontro da substancialidade do objeto, buscando decifrar algumas de suas razões de ser. Nessa operação, procurou-se compreender o objeto no interior de suas relações.

Penso que este processo já vem acontecendo muito antes do meu ingresso no Doutorado, haja vista que as questões postas em torno do problema do estudo decorrem das minhas inquietações em diferentes campos de atuação, dos processos

de leitura e reflexão sobre inúmeras questões que envolvem o universo do estudo. Tal intento foi potencializado e tomou proporções mais aprofundadas, especialmente, pelas motivações geradas a partir de novas leituras e de debates realizados nas aulas de diferentes disciplinas ofertadas pelo PPGET e em reuniões no grupo de pesquisa NEPET. A preocupação central foi a de interpretar as questões que envolvem o fenômeno pesquisado e aprofundá-lo no sentido de torná-lo mais explícito.

Ao fazer referência à pesquisa exploratória, Gil (2019, p. 27) menciona que essa modalidade tem como finalidade “proporcionar mais familiaridade com o problema”, com vistas a torná-lo mais claro, no sentido de explorar todos os aspectos referentes ao fato estudado. A pesquisa bibliográfica, por sua vez, oportunizou o acesso ao conhecimento por meio da contribuição de diversos autores que discorrem sobre assuntos diretamente ligados à temática. Esse processo foi fundamental, pois se constituiu no ato de ler, selecionar, fichar, organizar e compreender (GIL, 2019). Nesta pesquisa, alguns autores foram elencados como principais: Bauman (2010, 2013), Bazzo (2019, 2020, 2021b, 2022), Beck (2018), Berardi (2019), Bridle (2019), Campos Júnior (2019), De Masi (2019), Dubet (2020), Postman (1994), os quais, somados a muitos outros, compuseram o rol das leituras mais importantes, que vieram a constituir o cerco epistemológico em torno do objeto de estudo e ofertaram conceitos estruturantes que sustentaram o levantamento de minhas hipóteses.

Já a pesquisa no campo empírico utilizou-se da entrevista semiestruturada – apêndice D – como instrumento de coleta de dados. Recorreu-se à entrevista justamente pela necessidade de aproximação com os fatos sociais, as experiências individuais e coletivas, que enfatizaram a compreensão dos fenômenos a partir da realidade histórica, em que o particular foi considerado uma instância da totalidade social (MINAYO, 2013).

A opção pela entrevista como instrumento de coleta de dados levou em consideração, além do objeto investigado, as diversidades dos participantes da pesquisa e os diferentes cenários em que estavam localizados. Na entrevista semiestruturada, como uma entrevista guiada, há uma orientação mais qualitativa, buscando maior interação entre entrevistador e entrevistado. Buscou-se, por meio da entrevista, uma conversa face a face, a fim de mapear e compreender o mundo e a vida dos participantes. A técnica da entrevista forneceu dados básicos para uma compreensão detalhada sobre crenças, atitudes, valores dos indivíduos sociais e de seus contextos específicos (MINAYO, 2008).

Na entrevista, teve-se uma estratégia de interação social. A fala, por sua vez, constituiu-se como uma modalidade de comunicação privilegiada, que trouxe a expressão da experiência dos indivíduos, possibilitando a aproximação do entendimento da subjetividade e do social. A palavra apresenta-se como uma representação ímpar, embora seja indissociável das outras configurações de comunicação não verbal, sendo capaz de trazer evidências objetivas e subjetivas, bem como normas, valores, crenças, inquietudes e conflitos. Como um componente que enriquece o campo da expressão das relações, a fala/a palavra é considerada elemento fundamental para representar as narrativas individuais e coletivas (SILVA *et al.*, 2018).

Desse modo, observando o campo de possibilidades que a entrevista contempla, considerei-a como um dos métodos mais apropriados para a construção do *corpus* analítico desta pesquisa. A partir das entrevistas, analisei como as diversas variáveis influenciam e interferem no cotidiano/na vida desses jovens, de maneira que as ressonâncias e dissonâncias de sentidos emergentes das falas fossem problematizadas a partir da correlação entre as narrativas que constituem a trama e os fatos vivenciados, que se encontravam entrelaçados.

4.2 POPULAÇÃO E UNIVERSO DA PESQUISA

A definição dos participantes da pesquisa partiu do princípio de que a realidade empírica tem caráter histórico e social; foi representada pelas relações entre os indivíduos e os diferentes grupos sociais, que, por meio de representações simbólicas e verbais, exprimem semelhanças, contradições, conflitos e inter-relações. Para tanto, é imprescindível ter em mente que o indivíduo não se reduz à fala e ao contexto em que vive e experiencia, pois a vida é muito mais que ações pontuais e circunstâncias determinadas. Por isso, o desafio foi o de compreender a complexidade que permeia o seu universo e todas as questões implicadas.

Para efeitos desta pesquisa, os jovens foram considerados a partir de contextos sociais marcados pelo desenvolvimento tecnocientífico, reconhecendo-se que a constituição desses indivíduos ocorre a partir de uma rede de inter-relações e conexões que envolvem aspectos biológicos e psíquicos, os quais são influenciados por fenômenos sociais. Ao mesmo tempo que se assumiu um recorte geracional abrangendo indivíduos que nasceram num mesmo período histórico, embora se

reconheça a presença de diversas condições existenciais, admite-se que eles vivenciam experiências comuns e convivem com processos semelhantes nas diversas etapas do ciclo de vida.

Respeitando essas caracterizações, o recorte etário delimitado para esta pesquisa levou em consideração os marcos legais para a juventude no Brasil⁸, que definem como jovem a pessoa com idade entre 15 e 29 anos. Dito isto, delimitou-se um recorte temporal de maneira a contemplar a geração nascida por volta dos anos de 1993 até os anos de 2008, que corresponde ao que denominamos, nesta pesquisa, de “jovens contemporâneos”, os quais possuem, atualmente, idade entre 15 e 29 anos.

No que se refere aos cenários sociais escolhidos para esta pesquisa, é necessário considerar que eles decorrem do recorte do objeto investigado, atrelado à percepção da necessidade de ampliar o leque de possibilidades dentro do campo das pesquisas, além dos espaços estritamente acadêmicos e institucionalizados.

É preciso reconhecer que a universidade pública brasileira é um centro de pesquisa de referência internacional. Isso, contudo, não nos exige de reconhecer também os limites que ainda possui quanto a transgredir as fronteiras cognitivas, metodológicas e burocráticas, no sentido de contemplar o desenvolvimento de pesquisas que extrapolem os limites da academia e de espaços puramente educacionais, contemplando indivíduos que não necessariamente participam desse universo.

Em vista disso, buscando romper barreiras institucionais e puramente acadêmicas, esta pesquisa teve como propósito promover o processo de escuta de jovens pertencentes aos mais diversos cenários sociais situados no lócus territorial do Oeste do estado de Santa Catarina. Deste modo, teve como critérios de inclusão: jovens com faixa etária entre 15 e 29 anos; vinculados aos cenários sociais selecionados para a pesquisa; pertencentes à população identificada como jovens urbanos, jovens rurais, jovens imigrantes, jovens universitários, jovens em liberdade assistida, jovens em situação de rua.

Para efeitos legais, a busca pelos participantes da pesquisa obedeceu aos regramentos solicitados pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da

⁸ Estatuto da Juventude, Lei n. 12.852, de 5 de agosto de 2013 (BRASIL, 2013).

Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH/UFSC). O primeiro passo foi a submissão e aprovação do projeto no CEPSH/UFSC; em seguida, a proposta foi apresentada para instituições que possuíam alguma relação ou um certo grau de responsabilidade sobre esses indivíduos. Dando seguimento aos aspectos legais, um Termo de Concordância lhes foi encaminhado, declarando que a execução da pesquisa se desenvolveria dentro do que preconiza a Resolução CNS 466/12, de 12 de setembro de 2012 (BRASIL, 2012), e demais leis complementares. O responsável legal de cada um desses espaços assinou o documento autorizando a sua execução.

Cenários da pesquisa:

- a) Centro de Acolhimento ao Imigrante (CAI);
- b) Central de Resgate Social;
- c) Centro de Referência de Assistência Social (CRAS);
- d) Espaço de Medida Socioeducativa Inovamente;
- e) Sindicato dos Trabalhadores da Agricultura Familiar de Chapecó e Região (Sintraf/SC);
- f) Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – representando as instituições de ensino da região Oeste.

O Centro de Atendimento ao Imigrante (CAI) é vinculado à Secretaria de Assistência Social do município de Chapecó, Santa Catarina. No local, é oferecido atendimento multidisciplinar e são realizados encaminhamentos dos imigrantes de diversas nacionalidades, nas mais distintas demandas, como elaboração do processo para legalização, renovação documental, inclusão em programas sociais e para a concessão de benefício eventual, encaminhamentos ao mercado de trabalho, atendimento psicossocial a conflitos familiares, situações de violência, dentre outros.

A Central de Resgate Social é um espaço destinado às pessoas que utilizam as ruas como local de moradia ou sobrevivência. Tem a finalidade de dar encaminhamentos para a rede socioassistencial, demais políticas públicas e órgãos de defesa de direitos, de modo a contribuir para a inserção social, acesso a direitos e proteção social das pessoas em situação de rua. O acesso dos usuários ao Serviço Especializado para Pessoas em Situação de Rua, Resgate Social, ocorre por meio de demanda espontânea, por encaminhamentos realizados pelo Serviço Especializado em Abordagem Social, programas ou projetos da rede socioassistencial e das demais políticas públicas setoriais ou órgãos de defesa de direitos da localidade. A Central de Resgate Social do município de Chapecó conta com um espaço físico onde oferece

abrigo provisório, alimentação, *kits* de higiene e vestuário, passagens, documentações, contatos familiares, diversos atendimentos e encaminhamentos multidisciplinares. A central realiza em média 300 atendimentos por mês.

O Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) é uma unidade do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), responsável por oferecer serviços, programas e benefícios voltados a prevenir situações de risco, fortalecer os vínculos familiares e comunitários. Os CRAS são espaços compostos por uma equipe multidisciplinar, que tem como objetivo principal desenvolver as potencialidades, o protagonismo e a autonomia dos indivíduos. O município de Chapecó possui sete unidades de CRAS.

O Espaço de Medida Socioeducativa Inovamente é um serviço vinculado à Secretaria Municipal de Assistência Social de Chapecó e realiza a execução de medidas socioeducativas em meio aberto. Trabalha com o acompanhamento das medidas de liberdade assistida e as medidas de prestação de serviço à comunidade. Tem como público-alvo adolescentes de 12 a 18 anos e jovens, excepcionalmente até 21 anos, com famílias residentes no município de Chapecó (SC), encaminhados pela Vara da Infância e Juventude. Tem uma equipe composta por coordenação, assistentes sociais, psicólogos, advogado, pedagogos, monitores sociais e setor administrativo. O serviço tem como objetivo promover um conjunto de ações que proporcionem aos adolescentes um processo de reflexão e educação acerca de suas práticas. Todo o projeto é acompanhado pela Vara da Infância e Juventude e pelo Ministério Público.

O Sindicato dos Trabalhadores da Agricultura Familiar de Chapecó e Região (Sintraf) vincula-se à Federação Catarinense da Agricultura Familiar de Santa Catarina (Fetraf-SC). Foi fundado em 1957 e representa as famílias agricultoras de Chapecó e de outros municípios do seu entorno. Em todo o estado, são mais de 168 mil estabelecimentos de agricultores familiares. No Oeste de Santa Catarina, a agricultura constitui um dos mais importantes segmentos da economia. De acordo com os dados do Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de 2010, os empreendimentos familiares correspondem a 89,5% do total, ou seja, das 82.140 propriedades, 73.476 são enquadradas como unidades familiares.

A Universidade Federal da Fronteira Sul é uma instituição de educação superior pública federal, *multicampi* e interestadual. Possui seis *campi* localizados nos três estados do Sul do Brasil: no Paraná, nas cidades de Laranjeiras do Sul e Realeza;

no Rio Grande do Sul, nas cidades de Cerro Largo, Erechim e Passo Fundo; em Santa Catarina, na cidade de Chapecó, onde também está situada a sede da Reitoria. A universidade conta com mais de 40 cursos de graduação e atende a mais de 10 mil alunos. Possui também cursos de pós-graduação em nível de especialização (*lato sensu*), mestrado e doutorado (*stricto sensu*). Nesta pesquisa, a UFFS representa as demais instituições de ensino da região Oeste de Santa Catarina.

A seleção dos participantes da pesquisa aconteceu de forma aleatória, mediante consulta de interesse em participar deste estudo. Nos espaços do CAI, CRAS, Espaço de Medida Socioeducativa Inovamente e Central de Resgate Social, a consulta sobre o interesse na participação foi realizada por integrantes da equipe multidisciplinar que tinham conhecimento dos detalhes do projeto da pesquisa. Por envolver jovens menores de idade, em alguns casos, o contato com os pais também foi realizado, com antecedência, pela equipe multidisciplinar.

Os jovens agricultores foram selecionados a partir da participação no Projeto de Formação “Jovens na sucessão familiar: perspectiva de permanência na agricultura”, organizado pela Fetraf-SC em parceria com o Instituto de Cooperação da Agricultura Familiar (ICAF). O convite para participar da pesquisa foi extensivo a todos os jovens envolvidos no projeto de formação, porém as entrevistas foram realizadas com os que se prontificaram a colaborar. As entrevistas com jovens agricultores aconteceram em horários noturnos, como eles próprios sugeriram, considerando a rotina de trabalho dentro das propriedades. Além disso, devido à distância das propriedades, as entrevistas aconteceram, em comum acordo entre pesquisador e entrevistado (a), de forma *on-line*, por meio da plataforma do *Google Meet*⁹.

Os jovens estudantes, de um modo geral, foram selecionados em circunstâncias diferentes, como nos corredores da UFFS, na rua principal do centro da cidade de Chapecó.

Na UFFS, a abordagem ocorreu de maneira aleatória nos corredores da universidade, contemplando-se estudantes dos períodos matutino e vespertino. A pesquisa foi apresentada ao mesmo tempo que se fez o convite para participar. Os estudantes consultados prontamente dispuseram-se a colaborar com as entrevistas,

⁹ *Google Meet* é uma plataforma virtual que permite aos usuários se conectarem à distância por meio de reunião *on-line* por vídeo e áudio. (Disponível em: <https://meet.google.com/>. Acesso em: 2 fev. 2022.)

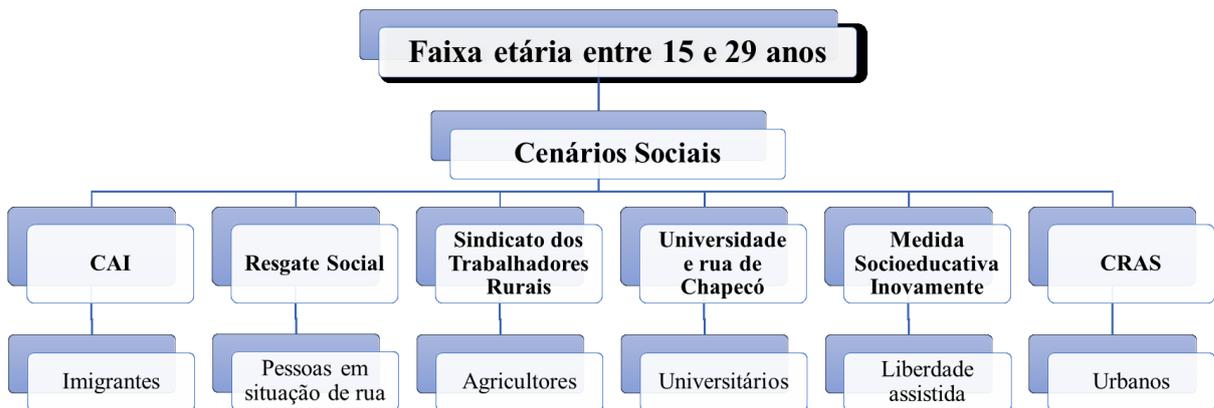
as quais foram agendadas dentro da disponibilidade de horário de cada um, em sala disponibilizada pela universidade.

Com a pretensão de fazer uma busca aleatória por estudantes sem considerar um vínculo específico à determinada instituição, alguns jovens foram abordados na Avenida Getúlio Vargas, localizada no centro da cidade de Chapecó (SC), local que concentra um fluxo significativo de pessoas circulando diariamente, especialmente no período diurno. A busca aconteceu de maneira aleatória, por meio de contatos informais, sempre levando em consideração a faixa etária e os critérios determinados para a pesquisa. A abordagem era precedida pela apresentação da pesquisadora, seguida da intenção e contextualização da proposta da pesquisa, e, por conseguinte, o convite em participar das entrevistas. Nem todos os convidados estavam dispostos a colaborar, alguns por estarem apressados no momento, outros por manifestarem várias demandas de trabalho naquela circunstância. Os que se dispuseram a participar disponibilizaram contatos telefônicos para confirmação de data e horário para as entrevistas, as quais foram marcadas com antecedência, sempre respeitando a disponibilidade dos participantes. As entrevistas foram previamente agendadas e realizadas em data, horário e local combinados.

A faixa etária de 15 a 29 anos foi o principal critério estabelecido para a seleção dos participantes, comum a todos os jovens pesquisados. O segundo referiu-se aos cenários sociais, de modo que estivessem diretamente ligados à população da pesquisa.

A figura que segue traduz a sinopse dos critérios de seleção.

Figura 2 – Critérios de seleção



Fonte: dados da pesquisa (2022).

Os dados do perfil sociodemográfico correspondem a gênero; raça/cor; orientação sexual; grau de formação; se estuda atualmente; e trabalho.

A tabela 1 sintetiza o perfil dos participantes da pesquisa, envolvendo tanto os critérios de seleção como os dados sociodemográficos.

Tabela 1 – Perfil dos participantes da pesquisa

(continua)

Jovens	Faixa etária 15 a 29 anos	Cenários sociais	População	Nacionalidade	Gênero	Cor	Orientação sexual	Grau de formação	Estuda	Trabalha
J1	17	CAI	Imigrantes	Venezuelano	F	Preta	Heterossexual	4º ano incompleto	Não	Sim
J2	24	CAI	Imigrantes	Venezuelano	M	Branca	Heterossexual	5º ano incompleto	Não	Sim
J3	20	CAI	Imigrantes	Haitiano	F	Preta	Heterossexual	3º ano incompleto	Não	Não
J4	26	CAI	Imigrantes	Haitiano	F	Preta	Heterossexual	Ensino médio	Não	Sim
J5	23	Resgate Social	Situação de rua	Brasileiro	F	Branca	Heterossexual	Ensino médio	Não	Não
J6	24	Resgate Social	Situação de rua	Brasileiro	M	Preta	Heterossexual	4º ano incompleto	Não	Sim
J7	24	Sindicato dos Trabalhadores Rurais	Agricultores	Brasileiro	F	Branca	Heterossexual	Graduação	Sim	Sim
J8	29	Sindicato dos Trabalhadores Rurais	Agricultores	Brasileiro	M	Branca	Heterossexual	Graduação	Sim	Sim
J9	28	Sindicato dos Trabalhadores Rurais	Agricultores	Brasileiro	F	Branca	Heterossexual	Mestrado	Não	Sim
J10	21	Universidade e rua de Chapecó	Universitários	Brasileiro	F	Branca	Heterossexual	Graduação	Sim	Não
J11	25	Universidade e rua de Chapecó	Universitários	Brasileiro	F	Branca	Heterossexual	Mestrado	Sim	Sim
J12	20	Universidade e rua de Chapecó	Universitários	Brasileiro	M	Branca	Heterossexual	Graduação	Sim	Sim

Tabela 2 – Perfil dos participantes da pesquisa

(conclusão)

Jovens	Faixa etária 15 a 29 anos	Cenários sociais	População	Nacionalidade	Gênero	Cor	Orientação sexual	Grau de formação	Estuda	Trabalha
J13	24	Universidade e rua de Chapecó	Universitários	Brasileiro	F	Branca	Bissexual	Graduação	Sim	Não
J14	16	Socioeducativa Inovamente Medida	Liberdade assistida	Brasileiro	M	Pardo	Heterossexual	Ensino Fundamental	Não	Sim
J15	16	Socioeducativa Inovamente Medida	Liberdade assistida	Brasileiro	F	Branca	Heterossexual	Ensino Fundamental	Sim	Não
J16	15	Socioeducativa Inovamente Medida	Liberdade assistida	Brasileiro	M	Preta	Heterossexual	Ensino Fundamental	Sim	Sim
J17	17	Socioeducativa Inovamente Medida	Liberdade assistida	Brasileiro	M	Pardo	Heterossexual	Ensino Fundamental	Sim	Sim
J18	18	CRAS	Urbano	Brasileiro	F	Branca	Bissexual	Graduação	Sim	Sim
J19	20	CRAS	Urbano	Brasileiro	M	Branco	Homossexual	Graduação	Sim	Sim
J20	18	CRAS	Urbano	Brasileiro	M	Amarelo	Homossexual	Graduação	Sim	Não

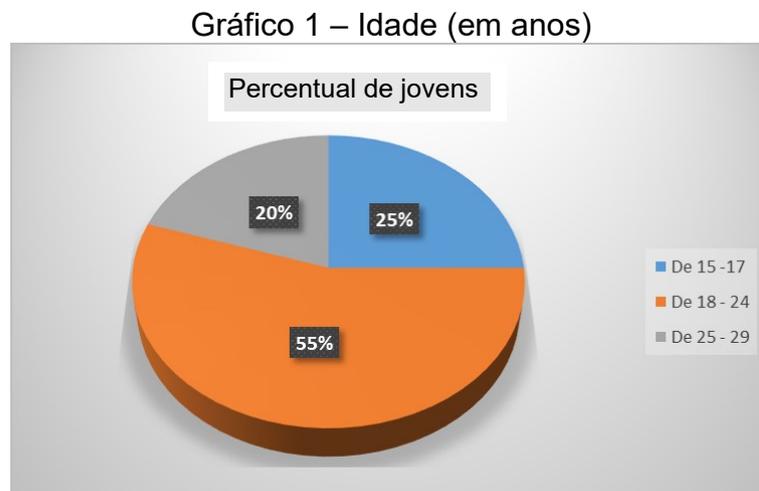
Fonte: dados da pesquisa (2022).

No decorrer do desenvolvimento das entrevistas, buscou-se atentar para que o quantitativo de participantes fosse semelhante, de 3 a 4 jovens, em cada cenário social. Porém, no cenário do Resgate Social, durante os períodos da realização das entrevistas, a população que ocupava o estabelecimento era composta por pessoas acima da faixa etária estabelecida, por isso, só foi possível contemplar 2 jovens em situação de rua. No que se refere aos imigrantes, o maior fluxo na região Oeste de Santa Catarina é de venezuelanos e haitianos; neste sentido, optou-se por entrevistar os que possuem maior representatividade.

É válido ressaltar que foram entrevistados 20 participantes, porém esse número não foi tomado como definitivo, pois, caso houvesse a necessidade de novas entrevistas, estas seriam realizadas. No entanto, ao longo do desenvolvimento das análises, avaliou-se a relevância das narrativas considerando os objetivos a serem alcançados; tendo o conteúdo das entrevistas suprido as necessidades, descartou-se a possibilidade de novas entrevistas. Segundo Minayo (2007), essa é uma característica da pesquisa qualitativa, sendo que o objetivo do pesquisador não é o estudo somatório das narrativas. O que definiu o total de participantes da pesquisa foi a saturação do conteúdo empírico, de maneira a atender os objetivos definidos, sem deixar de considerar as divergências, as diferenças e as especificidades representadas nas narrativas coletadas.

4.2.1 Os jovens participantes desta pesquisa

Os dados referentes ao perfil dos participantes da pesquisa são trazidos como parte desta seção por avaliar-se que se trata de um referencial importante no sentido de compreender o contexto real dos participantes e suas peculiaridades. No instrumento de coleta de dados, foram contempladas questões que correspondem a idade, nacionalidade, gênero, orientação sexual, cor/raça, grau de formação e se estuda atualmente, nível de escolarização, se atuou ou atua em alguma atividade profissional. Nos gráficos e na tabela que seguem, estão representados os dados mencionados.



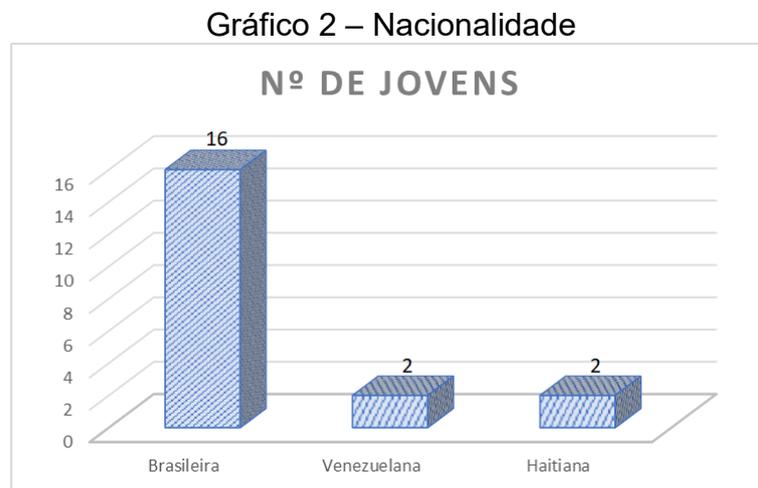
Fonte: dados da pesquisa (2022).

Considerando as recentes transformações econômicas, sociais e tecnológicas, e suas conseqüentes influências no modo de viver da juventude, tanto a Organização Internacional do Trabalho (OIT) como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) ponderaram que a juventude deve compreender um recorte etário entre 15 e 29 anos. O Brasil seguiu essa tendência mundial e, desde 2005, a Secretaria Nacional da Juventude (SNJ) e o Conselho Nacional da Juventude (Conjuve) passaram a adotar esses mesmos critérios etários, considerando os seguintes subgrupos: de 15 a 17 anos – jovem adolescente; de 18 a 24 anos – jovem jovem; e de 25 a 29 anos – jovem adulto. Conforme se observa no gráfico 1, a maioria dos jovens participantes da pesquisa (55%) tem entre 18 e 24 anos; na sequência, os que têm entre 15 e 17 anos; e, em menor quantidade, os de 25 a 29 anos.

É possível constatar também que os jovens envolvidos nasceram entre os anos de 1993 e 2007, recorte geracional que se aproxima da faixa etária correspondente ao que Twenge (2018) denomina de Geração Z – *Centennials* ou *iGen* –, que são jovens nascidos entre 1995 e 2012.

Nesta pesquisa, adotou-se o critério etário para considerar o período da juventude dentro de um recorte geracional. Muito embora a juventude se apresente como delimitador demográfico específico, reconhece-se que ela também constitui um importante processo de maturação física, emocional, psicológica para inserção na vida adulta.

No gráfico 2, expressa-se a nacionalidade dos participantes.



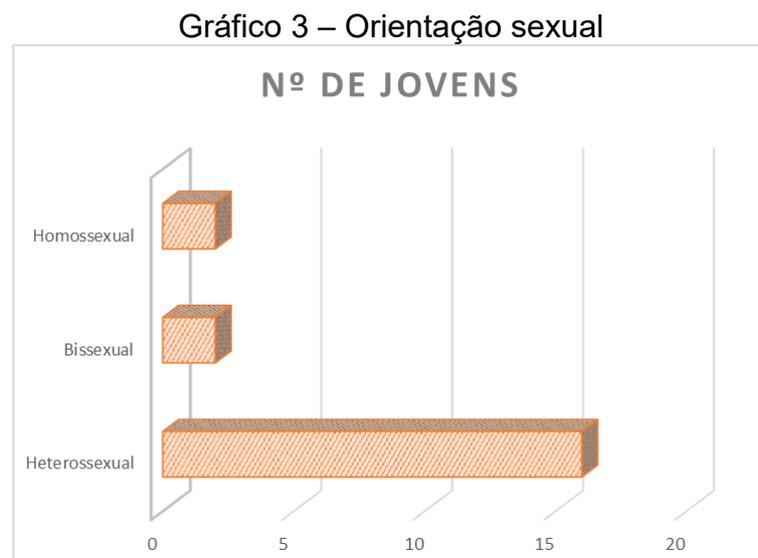
Fonte: dados da pesquisa (2022).

Tendo em vista os processos migratórios em curso em todo o mundo, e considerando que, no final do ano de 2021, foram contabilizados aproximadamente 14 mil imigrantes de 44 nacionalidades em Chapecó, esta pesquisa não poderia deixar de promover o processo de escuta desse público. Nesse sentido, buscou-se contemplar as duas nacionalidades que têm maior representatividade na região Oeste de Santa Catarina: os venezuelanos e os haitianos.

O estado de Santa Catarina possui atualmente 12.289 venezuelanos; Chapecó possuía, em fevereiro de 2022, um total de 1.976, aparecendo em 6º lugar entre as cidades brasileiras que mais receberam imigrantes dessa nacionalidade, à frente de capitais como Rio de Janeiro e Belo Horizonte (BRASIL, 2022). No que se refere à população haitiana, Chapecó possui em torno de 7 mil imigrantes atualmente, segundo dados da delegacia da Polícia Federal de Chapecó, que atende 84

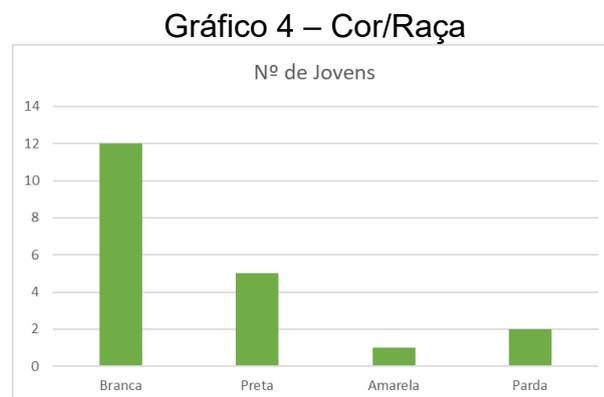
municípios do estado, obtidos por meio do Grupo de Apoio ao Imigrante e Refugiado do Oeste de Santa Catarina (2022). Desse modo, entre os pesquisados, foram contemplados 10% de venezuelanos e 10% de haitianos.

Quanto à questão de gênero, 11 pessoas se declararam como sendo do sexo feminino, e 9 do sexo masculino. Em relação à orientação sexual, dois se declararam bissexuais; dois, homossexuais; e 16, heterossexuais.



Fonte: dados da pesquisa (2022).

Com relação à cor, como mostra o gráfico 4, 60% dos participantes se autodeclararam da cor/raça branca; 25%, preta; 10%, parda; 5%, amarela.



Fonte: dados da pesquisa (2022).

A tabela 2 apresenta os dados referentes ao grau de formação dos participantes.

Tabela 3 – Grau de formação

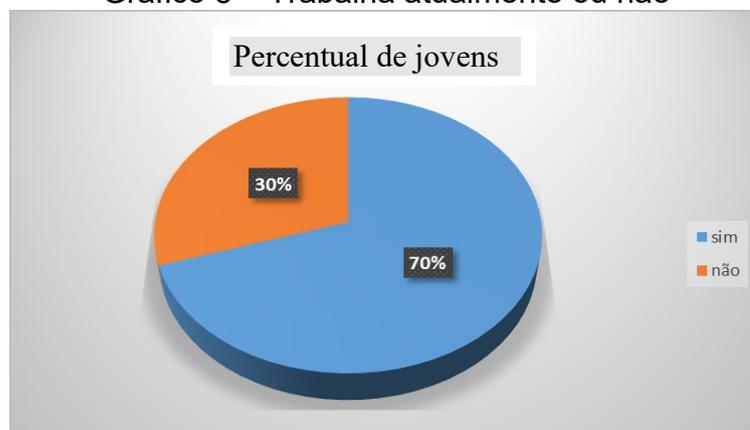
Grau de formação	Nº de jovens
3º ano incompleto (Ensino Fundamental)	1
4º ano incompleto (Ensino Fundamental)	2
5º ano incompleto (Ensino Fundamental)	1
Ensino Fundamental	4
Ensino Médio	2
Graduação	8
Mestrado	2

Fonte: dados da pesquisa (2022).

Observa-se que 25% dos participantes não concluíram o primeiro ciclo do Ensino Fundamental e, quando questionados, informaram que não estão estudando no momento. Outros 25% têm apenas o Ensino Fundamental, mas três deles estão cursando o Ensino Médio. Destaca-se que 50% deles estão frequentando o Ensino Superior: 40% estão na graduação, e 10%, na pós-graduação.

O gráfico 5 representa o quantitativo de jovens que estão trabalhando.

Gráfico 5 – Trabalha atualmente ou não



Fonte: dados da pesquisa (2022).

Percebe-se que a maioria dos jovens – 70% – desenvolve alguma atividade profissional. Dentre elas, estão as de garçom, repositor de mercadorias em supermercado, vendedor, lavagem de carros, em frigorífico, professor, agricultor, na construção civil, assistente social, médica. São jovens que estão inseridos no mercado de trabalho e que manifestaram conciliar uma rotina entre estudo e atividade profissional.

Na próxima seção, registram-se os passos utilizados para a coleta de dados da pesquisa.

4.3 O INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

O conjunto dos participantes da pesquisa é composto pela representação do contexto no qual se insere a realidade empírica pesquisada. Os dados analisados e que compõem o *corpus* da pesquisa emergem, fundamentalmente, das aproximações com essa realidade. Desse modo, as questões que constituem o instrumento de coleta de dados baseiam-se nos objetivos e pressupostos teóricos da pesquisa, a fim de atender o problema investigado.

O roteiro de perguntas elaborado para guiar a entrevista (apêndice D) é composto, primeiramente, por indagações referentes aos critérios de seleção, seguidas das que traçam o perfil dos jovens da pesquisa; por conseguinte, as questões possibilitaram ao participante falar livremente sobre cada tema proposto, sem, contudo, prender-se à indagação formulada. Nesse sentido, as entrevistas realizadas seguiram um roteiro preestabelecido, com possibilidade de intercalar outras questões, numa conversa flexível entre pesquisadora e participante. Conforme Lüdke e André (2012), o uso da entrevista para coleta de dados permite ao pesquisador aprofundar as informações obtidas, uma vez que poderá fazer as correções, os esclarecimentos e as adaptações que achar necessárias, para torná-la eficaz na elaboração das respostas que deseja e busca em sua pesquisa.

O estudo-piloto foi o primeiro passo para a qualificação do instrumento utilizado na realização das entrevistas. Nesse caso, o estudo-piloto¹⁰ envolveu jovens imigrantes, agricultores e universitários, que, gentilmente, se prontificaram a colaborar com a atividade. Apesar de os resultados das entrevistas não terem servido como objeto de análise da pesquisa, eles foram de fundamental importância no sentido de

¹⁰ O estudo-piloto deve ser compreendido como “[...] uma pesquisa que realiza todas as etapas previstas: elaboração do roteiro; apreciação de roteiro para juízes (profissionais mais experientes); realização da entrevista; transcrição e elaboração de um sistema de categorias. Ao final do estudo piloto é possível afirmar ou não se os dados coletados responderam ao objetivo inicial. O estudo piloto pode ser realizado com duas ou três entrevistas com entrevistados que não irão participar da pesquisa principal, mas que possuem características semelhantes à população que fará parte da pesquisa.” (MANZINI, 2012, p. 167).

qualificar e ajustar o instrumento de coleta de dados, a fim de corresponder aos objetivos elencados.

Antes da realização das entrevistas, os participantes foram convidados a ler o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), apêndices A, B e C; no caso dos menores de idade, o termo foi enviado com antecedência aos pais e responsáveis, que, mediante consentimento, foram solicitados a assinarem o documento, dele recebendo uma cópia assinada.

A realização das entrevistas aconteceu de forma individual, com horário e local previamente agendados, respeitando a disponibilidade de tempo de cada participante. Todas as entrevistas foram gravadas, com autorização verbal do participante, também expressa no TCLE. Durante a coleta de dados, não foram realizadas interferências significativas sobre o que foi sendo expresso, porém, sempre que algum elemento relevante emergiu na fala, prontamente, foi feita uma mediação no sentido de motivar o participante a fornecer detalhamento das informações e, quando necessário, incorporando-se novos questionamentos. Tudo isso ocorreu levando-se em conta os objetivos delimitados. Ao final, as falas obtidas na entrevista foram transcritas na íntegra, assegurando o anonimato dos participantes. Como fundamento analítico dos dados da pesquisa, utilizou-se ATD, conforme descrevemos a seguir.

4.4 ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA COMO FUNDAMENTO ANALÍTICO DOS DADOS DA PESQUISA

Compreendida como um dispositivo de análise de dados qualitativos que se desenvolve em um processo auto-organizado de construção e de compreensões sobre os fenômenos investigados, a análise textual discursiva se alicerça em um ciclo de operações que envolve uma sequência recursiva de três componentes principais: a desconstrução dos textos do *corpus*: a unitarização; o estabelecimento de relações entre os elementos unitários: a categorização; o captar o emergente em que a nova compreensão é comunicada e validada (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 12). Em síntese, esse processo se organiza em torno de quatro focos principais: desmontagem dos textos; estabelecimentos de relações; captação do novo emergente; um processo auto-organizado.

A unitarização, primeira fase, constitui o momento de desconstrução dos dados da pesquisa, de identificação e expressão de unidades de análise obtidas a partir do material do *corpus*. Trata-se de interpretar e isolar ideias de sentido sobre a temática investigada. Envolve leitura sensível, atenta e cuidadosa dos textos e/ou discursos dos sujeitos da pesquisa, momento no qual o pesquisador não pode deixar de assumir suas interpretações (MORAES; GALIAZZI, 2016).

Moraes e Galiazzi (2016) afirmam que a leitura e a significação produzidas no instante da unitarização residem em um espaço decisivo no processo de análise. Os textos e/ou discursos analisados viabilizam uma diversidade de leituras que serão construídas de acordo com experiências e conhecimentos de quem a desenvolve. Não existe leitura única e objetiva, pois um texto lido viabiliza uma infinidade de significações. Convém reforçar que a leitura e a significação acontecem no decorrer desse processo.

O *corpus* desta pesquisa é constituído por produções bibliográficas, livros, artigos, *lives* e seminários que tratam sobre as variáveis da pesquisa, assim como os textos das entrevistas realizadas com os jovens nos diferentes cenários sociais. Em um primeiro momento, buscou-se, a partir dos estudos bibliográficos, analisar as complexas transformações do processo civilizatório e as principais variáveis que permeiam o universo contemporâneo. Nos textos das entrevistas, foram analisadas as principais problemáticas que figuram nas narrativas dos jovens contemporâneos e como elas incidem na vida desses indivíduos. Esse movimento de unitarização dos textos foi sendo feito no sentido de identificar as unidades de sentido: quais as principais questões que se constituiriam em categorias da análise.

Como resultado do processo de unitarização, revelou-se um conjunto de unidades de análise que, em parte, reflete discursos representativos e auto-organizados, aptos a dar origem a significados coletivos e a novas combinações de compreensões, ampliando as condições para a emergência de novos conhecimentos sobre o objeto investigado. Uma vez finalizado o processo de unitarização, iniciou-se o momento da categorização, segunda fase descrita por Moraes e Galiazzi (2016).

O processo de categorização, como descrevem Moraes e Galiazzi (2007, p. 90), se “constitui como estratégia de movimento da pesquisa que vai do empírico ao abstrato, dos dados coletados para as teorias construídas ou reconstruídas pelo pesquisador”. Esse movimento é caracterizado pelas constantes comparações entre as unidades definidas no processo introdutivo das análises, que conduz à união de

elementos semelhantes, formando estruturas mais complexas, as quais, dadas as significações, se constituíram em categorias de análise. A categorização é, portanto, um momento de síntese e organização das informações obtidas sobre o objeto investigado. Realiza-se a partir das leituras do pesquisador mediada pelas interlocuções teóricas que fundamentam o processo da pesquisa.

É preciso ter em mente que “as categorias não saem prontas, exigem um retorno cíclico aos mesmos elementos para sua gradativa qualificação”, como entendem Moraes e Galiazzi (2006, p. 125). No que se refere aos objetivos da pesquisa e da análise, segundo os autores, “O pesquisador precisa avaliar constantemente suas categorias em termos de sua validade e pertinência [...]” (MORAES; GALIAZZI, 2006, p. 125), e as categorias são validadas “quando é capaz de propiciar uma nova compreensão sobre o fenômeno pesquisado” (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 26).

Na terceira fase do processo de análise de dados qualitativos na pesquisa com a análise textual discursiva, acontece o que Moraes e Galiazzi (2016) denominam “comunicação”. As produções derivadas desta fase são registradas em documentos concebidos como metatextos. Os metatextos “são constituídos de descrição e interpretação, representando o conjunto um modo de teorização sobre os fenômenos investigados” (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 32). Sua estrutura textual se desenvolve por meio das categorias e subcategorias. A produção de um metatexto constitui-se num esforço de imprimir compreensões atingidas com respaldo na impregnação intensa do material analisado.

No âmbito da ATD, nota-se a importância do ato de pensar e dos sentidos de cada indivíduo da pesquisa, pois se intenciona, nas análises dos enunciados, compreender o dito e o não dito, o explícito e o não explícito. A escrita e a reescrita dos metatextos à luz da contribuição teórica dos autores qualifica as análises no sentido de produzir o texto final, o qual trará as possíveis respostas para o problema da pesquisa (MORAES; GALIAZZI, 2011).

É válido acrescentar, ainda, que a comunicação produzida e materializada no metatexto não se constitui em simples montagens de dados. Ela é consequência de processos auto-organizados e se produz a partir de intensos esforços que o pesquisador desenvolveu na análise, ou seja, traz as marcas de realidades coletivas, mas também de quem o construiu. O metatexto, contextualizado na pesquisa, é um esforço construtivo no que se refere a ampliar a compreensão dos fenômenos

investigados. Trata-se, porém, de um movimento nunca acabado de busca de sentidos, de aprofundamento da compreensão do objeto estudado.

4.5 SOBRE AS CATEGORIAS DE ANÁLISE

Nesta pesquisa, tem-se um processo que envolve categorias *a priori* e categorias emergentes, que se caracterizam como categorias principais, as quais também denominamos “variáveis contemporâneas”. A definição dessas categorias veio precedida da leitura exaustiva do conteúdo do material empírico, na busca pelas primeiras aproximações entre os dados levantados e os objetivos propostos no estudo. Esse movimento, que envolveu a pesquisa bibliográfica e a interpretação dos recortes das unidades de análise das falas dos jovens entrevistados, foi submetido à luz da contribuição teórica de diferentes autores e propiciou ampliar a compreensão do fenômeno investigado.

As categorias/variáveis elencadas *a priori* – **desigualdade social; consumo desenfreado** – e seus elementos constitutivos encontram sustentação nas produções bibliográficas, em livros, artigos, *lives* e seminários que foram utilizados como fundamentos teóricos, epistemológicos e que serviram de base para a elaboração dos metatextos da comunicação. Essas categorias já vinham sendo tratadas ao longo da produção do texto da tese, considerando o corpo teórico do estudo e os argumentos de sustentação.

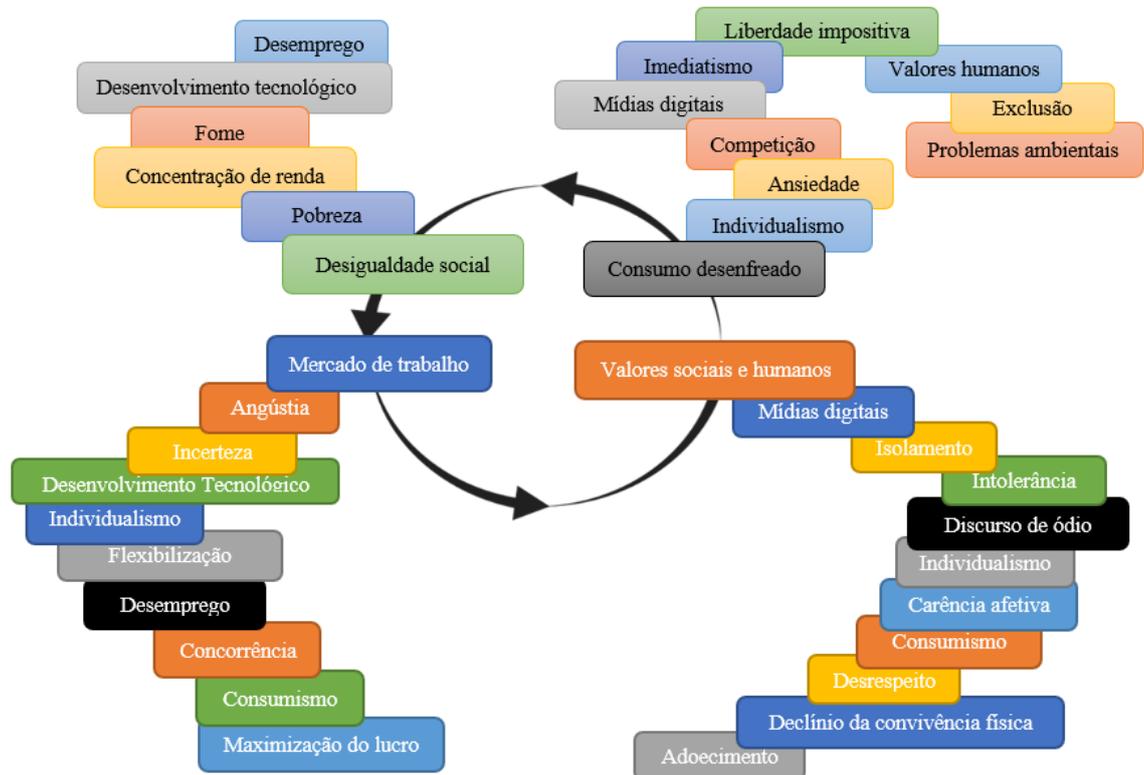
Já as categorias/variáveis emergentes – **mercado de trabalho; valores sociais e humanos** – constituíram-se a partir da análise das informações do *corpus* da pesquisa e, nesse caso, elas emergiram do material bibliográfico e das entrevistas com os jovens. A definição, tanto das categorias *a priori* como das emergentes, exigiu um retorno periódico aos mesmos elementos para sua contínua qualificação. O esforço foi no sentido de imprimir as compreensões resultantes de processos auto-organizados, que se constituíram diante do trabalho incessante da pesquisadora com o material analisado.

As categorias principais, que são tratadas com mais ênfase no desenvolvimento das análises, são consideradas a partir de um tempo e de um contexto, e foram elencadas como centrais, do ponto de vista do estudo, por serem as mais representativas no que concerne ao problema da pesquisa e aos objetivos delimitados.

No decorrer da pesquisa, observou-se, porém, que não seria possível tratar apenas das categorias principais sem mencionar e discutir a diversidade e a dinamicidade das variáveis que perpassam os diferentes cenários da realidade, e que se encontram, de certa forma, entrecruzadas. Ou seja, ligadas às categorias principais, outras categorias surgem como consequência das primeiras, formando assim estruturas de análises mais complexas. Seria como um efeito dominó ou, no sentido etimológico da expressão, eventos que se sucedem em cadeia, em que o resultado de um é a causa do outro, como um efeito cascata.

A figura que segue ilustra a representação das variáveis que de alguma forma aparecem pontuadas nas análises.

Figura 3 – Representação das categorias/variáveis da análise



Fonte: dados da pesquisa (2022).

O capítulo que segue é dedicado à tessitura das análises propriamente ditas. O texto é produzido e materializado nos metatextos que representam a teorização do fenômeno investigado. A estrutura textual é dividida em quatro seções, que se desenvolve a partir de cada uma das categorias/variáveis principais, e se constitui num esforço de imprimir as compreensões atingidas com respaldo na impregnação intensa do material analisado.

5 CONJECTURAS E CONSTATAÇÕES

Neste capítulo, busco evidenciar os resultados obtidos a partir do *corpus* analítico desta pesquisa, à luz da contribuição teórica de diferentes autores. O texto é produzido e materializado nos metatextos que representam a teorização do fenômeno investigado. São analisadas quatro categorias principais, as quais também chamamos de variáveis do processo civilizatório: desigualdade social; consumo desenfreado; mercado de trabalho; valores sociais e humanos. Dessas, surgem outras tantas variáveis, que aparecem como consequência, formando assim estruturas de análise mais complexas. Na primeira seção, estão as análises das categorias *a priori*; na sequência, há as categorias emergentes.

5.1 CATEGORIAS A PRIORI

As categorias/variáveis *a priori* – **desigualdade social** e **consumo desenfreado** – encontram sustentação nas pesquisas bibliográficas que foram utilizadas como fundamentos teóricos e epistemológicos deste estudo. As referidas categorias já vinham sendo tratadas ao longo do processo da pesquisa; nesta seção, porém, passam a ser analisadas a partir da empiria.

5.1.1 Variável: desigualdade social

Desde o início desta pesquisa, ancorada em diferentes autores, venho defendendo com veemência que o principal problema que a humanidade precisa resolver é a questão da desigualdade social. As reflexões realizadas sobre o panorama geral da civilização contemporânea indicam um cenário cada vez mais alarmante que vem confirmando, infelizmente, uma tendência de enorme desigualdade social, principalmente no que se refere à distribuição de renda e aos elevados níveis de pobreza. Estamos em pleno século XXI, no auge do desenvolvimento tecnocientífico, e permanecemos expostos aos desafios de enfrentar a herança de injustiça social e histórica que avança vertiginosamente e exclui parte significativa da população do acesso às condições mínimas de dignidade e cidadania.

O termo “desigualdade” é uma palavra pouco precisa, em razão de ser capaz de designar qualquer hierarquização de diferenças. Neste estudo, no entanto, o termo

“desigualdade social” deriva do entendimento de Medeiros e Souza (2013). Serve, portanto, para caracterizar a situação social hierarquizada a partir da diferença na apropriação da riqueza produzida coletivamente no país e suas repercussões sociais – fome, pobreza, miséria, etc.; da diferença de acesso aos bens culturais e aos serviços; e das diferenças no atendimento aos direitos sociais por parte dos cidadãos. Porém, obviamente, tem-se conhecimento das diversas formas de desigualdade social. Entendida como sendo uma questão vinculada ao fenômeno socioeconômico, a desigualdade social é fator intrínseco ao próprio sistema capitalista, em que uma pequena parcela de pessoas detém os meios de produção e a concentração da riqueza, ao mesmo tempo que a maioria da população é detentora apenas de sua força de trabalho. O dogma da economia materialista impõe desigualdades sociais contundentes e, como um efeito cascata, produz uma sequência de outras tantas variáveis sociais, todas ligadas às sequelas adversas da economia capitalista.

O sociólogo Luis Henrique Paiva, coordenador de estudos em seguridade social do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), afirma que o Brasil está entre os dez países mais desiguais do mundo (EFFTING, 2021). Visto no topo da pirâmide social, é um dos países recordistas em concentração de renda no Planeta. O relatório da ONU divulgado no final de 2019 – antes da pandemia, portanto – revelou que o 1% da população mais rica concentrava 28,3% da renda do País, quase um terço do total (SASSE, 2021).

Para Campos Júnior (2019, p. 19), “[...] a fé materialista propagou-se pelo universo terrestre.” Para ele, o dogma econômico passou a dominar a maioria das nações, e tem sido o grande fator coercitivo das desigualdades sociais. A economia, que deveria ser um meio adequado à promoção dos direitos dos cidadãos, presta-se, tão somente, à consolidação do império financeiro que comanda o espetáculo. Populações inteiras iludidas são reféns de sonhos pecuniários que condicionam comportamentos coletivos em favor de interesses dominantes. Trata-se de sérias distorções que elevam o aumento das desigualdades, destruindo as condições de um desenvolvimento equilibrado, igualitário, humano e pacífico.

De fato, as desigualdades não param de multiplicar-se, e cada indivíduo é de certa forma afetado por várias delas (DUBET, 2020). Notícias que circulam ampla e demasiadamente mundo afora revelam a expansão de um cenário degradante para a civilização humana, em que a pobreza aumenta vertiginosamente e perpetuam-se as

desigualdades de todas as espécies. Não é necessário muito esforço para listar a infinidade de situações disparitárias vivenciadas pelos seres humanos diante do episódio da pandemia. Parece que a Covid-19 fez eclodir os problemas multifacetados da sociedade, a exemplo da fome e da miséria, os quais ficaram transparecidos pelas graves situações geradas e estampados a olho nu para quem quiser ver.

Como explicar tamanha desigualdade social? De um lado, 42 novos bilionários em plena pandemia; de outro, a pobreza extrema não para de subir. A matéria divulgada pela *Carta Capital* de 8 de setembro 2021 traz como manchete “Aumento de bilionários e volta da pobreza extrema no Brasil simbolizam impacto desigual da crise” (RFI, 2021). O texto traduz o retrato do Brasil que temos hoje. Ou seja, a divulgação da nova lista da revista *Forbes*¹¹ destaca a alta no número de bilionários no Brasil, e a veiculação acontece semanas depois daquela de cenas de pessoas comprando ossos e chafurdando no lixo atrás de comida para seus filhos.

Estes são apenas alguns exemplos que trago para ilustrar o grave cenário do mundo contemporâneo, sobre o qual Dubet (2020, p. 8) destaca: “[...] mais que a amplitude das desigualdades, é a transformação do sistema de desigualdades que explicam as cóleras, os ressentimentos, e as indignações dos nossos dias.” Segundo o autor, vivemos “o tempo das paixões tristes”, como se intitula seu livro no qual explica o momento atual a partir do aumento das desigualdades, mas, sobretudo, pela transformação da natureza dessas desigualdades. O autor nos convida a refletir: “Como é possível que, numa sociedade que arrecada e redistribui quase a metade de sua riqueza, os indivíduos possam ter sentimento de ser esquecidos e desprezados?” (DUBET, 2020, p. 122).

Para Dubet (2020), as desigualdades agora se diversificam e se individualizam; o sofrimento social não é mais experimentado como uma provação que requer lutas coletivas, mas como uma série de injustiças pessoais, discriminação, experiências de desvalorização, hesitação da autoestima. O autor investiga os mecanismos que, em um período de notórias desigualdades sociais, se inserem na linha de frente das reações sociais: o ressentimento, o sentimento de raiva e, em muitos casos, a disputa com aqueles que estão mais próximos de nós na pirâmide social.

¹¹ *Forbes* – revista estadunidense de negócios e economia.

Diante disso, não é possível imaginar que os jovens estejam alheios e despreocupados perante os inúmeros fatos que tanto afetam os seres humanos no mundo todo. Nesse sentido, um dos interesses desta pesquisa foi promover a escuta de jovens contemporâneos para analisar como figura a variável desigualdade social nessas narrativas, ou seja, como esses jovens percebem, sentem, analisam e vivenciam esse problema da sociedade. Para isso, os jovens foram convidados a falar livremente sobre o assunto.

Foi possível constatar que 100% dos participantes afirmam que a desigualdade social é uma realidade presente no mundo. E todos eles, em algum momento da narrativa, atrelaram a questão da desigualdade social aos fatores econômicos, ou seja, à concentração de riqueza e poder por uma pequena parcela da população. Isso pode ser observado em fragmentos de falas:

Tem pouca gente rica e muita gente pobre. (J6, EM SITUAÇÃO DE RUA, 2022).

Poucos têm muito dinheiro e muitos têm pouco dinheiro, é muita ganância das pessoas. (J4, IMIGRANTE, 2022).

Na verdade, todos deveriam ser iguais. Tendo ou não tendo (dinheiro, posses), todos deveríamos ser iguais. (J5, EM SITUAÇÃO DE RUA, 2022).

Para mim, assim, a própria palavra fala: DESIGUALDADE SOCIAL [**fala em tom elevado**]. Por que eu falo? Porque é econômico, não tem o que a gente falar. A desigualdade social infelizmente é feita pela economia, de quem tem dinheiro e de quem não tem dinheiro. Para mim é só isso, porque as pessoas que têm dinheiro, não vou falar todos, mas a grande maioria está pensando nela, na família dela. Eles não estão pensando naqueles que não têm dinheiro. (J14, EM LIBERDADE ASSISTIDA, 2022, grifos meus).

Vivemos a desigualdade social de todas as formas, mas é na questão econômica é que ela se torna mais complicada na sociedade. Quando você não tem dinheiro, tudo se torna mais difícil. (J12, UNIVERSITÁRIO, 2022).

Muito embora as alocações tenham ficado restritas às poucas palavras, é importante destacar que elas derivam de uma constatação muito importante. Em seu livro *Uma história de desigualdades*¹², Souza (2016, p. 20) afirma que “somos um país

¹² O livro do pesquisador do Ipea Pedro Ferreira de Souza analisa a concentração de renda no País entre 1926 e 2013. A obra é a adaptação da tese de doutorado do pesquisador, premiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs) em 2017 e aclamada entre estudiosos do tema. (Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2019/07/21/A-hist%C3%B3ria-da-desigualdade-no-Brasil-segundo-este-autor>. Acesso em: 12 maio 2022.)

com um alto grau de desigualdade, cuja característica mais marcante e visível é precisamente a concentração de renda e riqueza em uma pequena fração da população”. Desse modo, sendo a mais marcante e perceptível, podemos dizer que ela se converte também em ser a mais sentida, ao passo que sintetiza todas as outras. Muito embora o autor afirme que a discussão em torno da desigualdade tem acontecido em nosso país, ele reforça: “[...] o foco recai com muito mais frequência sobre os mais pobres e o que lhes ‘falta’. Não obstante uma pequena e valiosa produção nacional, os mais ricos e o que lhes ‘sobra’ ainda são assunto relativamente pouco explorado.” (SOUZA, 2016, p. 20).

Outras narrativas ousaram e ampliaram suas análises em torno da questão:

Eu não consigo entender como tem pessoas que tem tanto dinheiro, que não consegue nem contar o que tem, e gente que não tem nada. Isso, para mim, é a desigualdade escancarada. A gente vê que os problemas são muito mais sistemáticos e muito mais intencionais do que a gente pensa. Em algum momento todos partimos do mesmo lugar, todos tínhamos as mesmas coisas, as mesmas condições. Hoje tem pessoas que morrem na rua, de frio, de fome, enquanto tem pessoas que não conseguem nem contar os bilhões que têm disponível. A gente teria, por exemplo, comida para oferecer para todo mundo, mas porque isso não acontece? Só o Brasil produziria alimento para todo mundo, e tem pessoas em vários países passando fome. (J7, AGRICULTORA, 2022).

Ao analisar as questões colocadas pela jovem agricultora, é possível notar seu entendimento sobre os problemas gerados pela desigualdade à medida que problematiza a situação controversa existente entre a riqueza exorbitante e a pobreza extrema; ainda, menciona outras tantas variáveis que atingem a humanidade em decorrência das desigualdades econômicas. A participante é provocativa quando se refere aos problemas como sendo sistemáticos e intencionais, pois vê a desigualdade como determinante do lugar dos desiguais, situação que coloca alguns indivíduos em condições estruturalmente mais vantajosas do que outros. Além disso, instiga-nos a pensar sobre as rupturas históricas e sociais que ocasionaram os multifacetados problemas que existem hoje na sociedade. Cita o caso do Brasil como um grande produtor de alimento capaz de abastecer o mundo, e a contradição do cenário da fome que continua a vitimar pessoas em todo o Planeta.

A fome é um problema histórico no Brasil, fruto da desigualdade social. A combinação das crises econômica, política e sanitária causadas pela Covid-19; a política agrária existente no País que produziu a concentração fundiária; e, por extensão, a desigualdade e a pobreza no meio rural: esses são fatores que agravaram

um problema sério no Brasil, o aumento da pobreza e da miséria. Hoje, 116 milhões de pessoas – 55,2% das casas brasileiras – não têm acesso pleno e permanente a alimentos, e 19 milhões de brasileiros enfrentam a fome em seu dia a dia (COSTA, 2021). Para ilustrar, menciono novamente o fato amplamente noticiado em julho de 2021: o caso de as pessoas formarem filas para disputar ossos para ter o que comer. Estamos adentrando alguns anos do século XXI e, enquanto alguns canais noticiam que “o Brasil é capaz de produzir alimentos para o mundo inteiro” (SIQUEIRA, 2019), outros destacam que “dezenove milhões de brasileiros acordam atualmente sem saber se conseguirão alguma refeição para o dia” (FANTÁSTICO, 2021), número este que quase duplicou nos últimos dois anos. Dados contraditórios, no mínimo.

Ao tratar das transições ocorridas entre o século XX e o século XXI, De Masi (2019) destaca algumas rupturas importantes que marcaram a história da humanidade e que foram decisivas na constituição da sociedade que temos hoje: a descoberta da agricultura e todas as transformações decorrentes dela; a Revolução Industrial e a descoberta de novas energias, também a produção em grande escala que modificaram em todos os termos o sistema social; a era pós-industrial marcada pela descoberta de novas tecnologias, que busca estabilização de um novo modelo econômico, voltado à produção de bens imateriais, como informações, serviços, símbolos, valores e estética. Dentre as características mais acentuadas apontadas pelo autor nesse cenário da transição do século passado para o atual, estão: a monopolização dos países de primeiro mundo sobre os emergentes; a centralização da riqueza e do poder cada vez mais nas mãos de poucos; o distanciamento entre ricos e pobres que acentua-se cada vez mais; o papel central da economia nas decisões políticas.

Assim como De Masi (2019) trata das questões marcantes deste tempo, uma das falas das entrevistas trata das características do momento atual de um modo concreto:

Nós temos muitas coisas para pensar quando se trata de mundo. Olha o quanto tem aumentado a desigualdade, isso eu acho que vem da ganância, porque recursos, alimentos teria, mas não tem essa divisão. Gastam milhões e milhões em algumas coisas, mas ainda há pessoas passando necessidades, principalmente agora pensando em Brasil, o quanto isso tem aumentado. Eu me arrepio, porque é muito triste, sabe? A pandemia revelou muito essa parte da desigualdade, seja na questão tecnológica, no acesso aos serviços. Uma coisa é tu ver uma pandemia quando tu tem a sua família, sua casa, um pouco de estabilidade, agora quem perde emprego e quem tem que alimentar a família. Talvez parte muito dos governos nessa questão das

políticas públicas. Às vezes fico pensando, eu sei que é importante certas tecnologias, estudos de pesquisas sobre os planetas lá longe, eu acho muito importante isso, só que é gasto muito dinheiro com umas coisas, e outras que são essenciais não são pensadas, que é a vida das pessoas, o bem-estar, a dignidade que tem as pessoas. Então eu acho que o mundo está um pouco reverso nessa parte, e há muita desigualdade, eu acredito que sim. Parte muito de os governos pensarem ações para melhorar a vida das pessoas, eu acho que a principal função que tem um governo é de diminuir a desigualdade que aumenta cada vez mais. Eu acho que estamos indo ladeira abaixo, impressionante! (J7, AGRICULTORA, 2022).

Essa narrativa, de uma jovem agricultora e liderança sindical, faz uma analogia mais ampliada no que corresponde às questões decorrentes da desigualdade social e reforça o quanto isso tem aumentado em se tratando de Brasil. Muitos são os problemas que precisam ser pensados, segundo a jovem; a partir disso, ela lista um conjunto de variáveis que se fazem presentes na civilização contemporânea: ganância, pobreza, má distribuição de renda, pandemia, tecnologia, problema do acesso aos recursos e serviços, fome, desemprego, políticas públicas, bem-estar humano e dignidade. Tenciona os problemas que foram endossados em virtude da pandemia e demonstra o quanto a crise pandêmica vem sendo vivenciada de maneira ainda mais difícil por quem tem pouco ou, às vezes, nem tem nada. Além de fazer uma análise de conjuntura do País e atrelar ao governo a principal função de promover políticas para melhoria das condições de vida das pessoas, a participante se mostra impressionada com o cenário político brasileiro e avalia que estamos em uma situação totalmente desfavorável. Outro ponto que chama muito a atenção no excerto é o fato de a agricultora manifestar preocupação diante do desenvolvimento tecnocientífico e destacar a necessidade de pensá-lo no sentido de melhorar a vida das pessoas, tendo em vista o bem-estar e a dignidade humana – questão esta que é amplamente defendida por Bazzo (2019, 2020) ao longo do desenvolvimento de suas pesquisas e extensivamente difundida pelo grupo de pesquisa NEPET.

Ao estabelecer uma metáfora, por meio da equação civilizatória e suas variáveis contemporâneas, Bazzo (2020) procura valer-se exatamente da tentativa de reunir uma ferramenta possível para contextualizar as questões prementes relativas a um determinado comportamento, questionando de que vale o conhecimento de tudo que nos cerca se as questões fulcrais, tal qual a desigualdade humana, não prevalecerem nas prioridades de um futuro que possa ser digno para todos os seres vivos habitantes do “volume de controle”, termo utilizado pelo autor ao se referir ao Planeta Terra. Nesse sentido, instiga-nos a pensar sobre o real significado do

“progresso tecnológico” diante de uma civilização que segue sendo tão degradante. “Como mudar este comportamento avassalador, cruel e cada vez mais individualista, onde as pessoas, ao apostar nisso, pensam muito mais no eu do que no nós?” (BAZZO, 2021b, p. 31).

De fato, não se pode dizer que há progresso na sociedade humana enquanto há a perpetuação das desigualdades. J6 é uma jovem que vive em situação de rua; ela retrata não só o que pensa em termos de desigualdade social, mas, principalmente, o que sente e vive diariamente:

[...] eu sempre vim de baixo, a minha vida é uma luta diária, o pouco que consegui foi sempre trabalhando muito, lutando, sabe! Poucas pessoas têm bastante, a grande maioria tem menos. Foi assim na história e continua sendo! Quem veio debaixo tem menos oportunidade. O que eu acho é que quem tem mais precisava ajudar os que tem menos. Quem têm dinheiro, têm como ajudar as outras pessoas, mas muitos não se importam com o próximo. Existe muita ganância neste mundo. (J6, EM SITUAÇÃO DE RUA, 2022).

A desigualdade social ultrapassa os limites da materialidade e se expressa em todas as esferas da vida humana. O que o participante observa não significa necessariamente que ela tenha uma percepção aguçada sobre a conjuntura social, mas ela exprime suas experiências cotidianas. O que ela constata é que o fenômeno da desigualdade se manifesta no acesso aos direitos, mas, principalmente, no acesso às oportunidades, e esse é um problema histórico que persiste na sociedade atual. Pessoas de classes sociais e econômicas mais favorecidas têm acesso às melhores oportunidades, usufruem de boas escolas, boas faculdades e, conseqüentemente, bons empregos. Trata-se de um ciclo vicioso: os mesmos grupos mantêm-se com seus privilégios num círculo restrito, relacionando-se social e economicamente por gerações a fio; ao passo que as pessoas que vivem à margem disso sofrem os efeitos contrários desse processo.

A narrativa seguinte, de um jovem agricultor, atribui ao Estado a responsabilidade pela desigualdade social:

[...] eu acho que a desigualdade social existe, e é muito grande, é só a gente olha para o lado e a gente vê em qualquer lugar. Então, eu acho que a desigualdade social é enorme, só cresce a distância entre ricos e pobres, mas eu acho que cresce por culpa do Estado, por ser ainda uma instância que atua distante da realidade. O Estado tem um papel fundamental no sentido de trazer políticas públicas e de fornecer educação. É pela educação que a gente vai conseguir superar essas dificuldades, assim como a desigualdade. (J8, AGRICULTOR, 2022).

Essa passagem tece críticas com relação à visão social do papel do Estado, como instituição responsável por reduzir ou maximizar a desigualdade social. Para J8, é dever do Estado zelar pela sociedade, por meio da implementação de políticas públicas voltadas a dirimir os problemas sociais; todavia, ele é visto como uma instância superior inoperante, pois segue distante dos problemas do cotidiano dos indivíduos. Apesar disso, o jovem aposta na educação como principal mecanismo de transformação social.

Campos Júnior (2019) denomina a instância Estado como produto de uma intenção histórica para estruturar uma sociedade de cidadão em seu respectivo país. Conceitos, leis e normas foram definidos para regular a convivência respeitosa e produtiva de seus habitantes. Princípios éticos e morais inspiram os preceitos legais, cujas transparência e objetividade devem ser o marco jurídico da nação. Portanto, se o objetivo é promover que os cidadãos tenham os mesmos direitos, as diferenças sociais não podem aparecer como aceitáveis. Ademais, o fim da desigualdade social só será possível com investimento universal e qualificado em educação.

Indubitavelmente, a dialética da vida humana é deveras complexa, como bem afirma Campos Júnior (2019). O ser humano já foi à lua, colocou em órbita satélites artificiais, criou projetos espaciais para anos longínquos, ou seja, desenvolveu escalas de progressos científicos inimagináveis para todos os campos do conhecimento. Por outro lado, o atraso comportamental segue em gigantesca proporção. Nunca houve na história da humanidade tantos recursos capazes de diminuir as desigualdades, e é justamente nesta época que elas parecem aumentar sem precedentes.

Para Bauman (2001), um dos grandes problemas da civilização moderna é que ela deixou de questionar-se, e o preço desse silêncio é pago a duras penas pelo sofrimento humano. Questionar as premissas supostamente inquestionáveis do nosso modo de vida é, segundo o autor, o serviço mais urgente que devemos prestar aos nossos companheiros humanos e a nós mesmos.

Os inúmeros problemas sociais exibidos continuamente pelos mecanismos de comunicação – desigualdade social, fome, miséria, pandemia, guerra, dentre tantos outros – provocam ansiedade e, muitas vezes, desesperança nos jovens estudantes, especialmente por tais assuntos estarem tão dissociados dos herméticos projetos escolares. O real e o material não são trabalhados nos espaços educacionais. Manter o *status* comportado de uma educação apassivada, em geral, é mais comedido

quando não se sabe o que fazer, por que e para que fazê-lo. Sair da zona de conforto dá muito trabalho (BAZZO, 2019). Assim:

[...] segue-se a lógica da reprodução dos ditames metricamente elaborados para perpetuação do progresso e da ordem social já estabelecida desde os primórdios da instituição da propriedade privada e da acumulação de riquezas. A base política da educação nacional (e por que não mundial?) jaz adormecida e refém de um sonho utópico de globalização, que mais parece uma aceitação sem vistoria da lógica do capital sem pátria. Treinar para prosseguir. Prosseguir o quê? Para quê? Para quem? Sem pensarmos sobre as variáveis que abastecerão a nova equação civilizatória, nós nos comportaremos como uma engrenagem que mantém a educação de acordo com o poder hegemônico e com as mentes já corrompidas, gerando em passos cada vez menores e numa velocidade descomunal as desigualdades sociais entre povos e nações. (BAZZO, 2020, p. 38).

O baixo nível educacional é o meio mais comum para indicar a pobreza, problemas de saúde e quase todos os demais sinais de fracasso na e da sociedade. E esses princípios valem em qualquer país que assume o capitalismo selvagem como meio de desenvolvimento. Nesse sentido, parece descabida a opção pela política linear de mais segurança privada, mais policiamento nas ruas e incentivo às políticas de armamento, enquanto seguimos alheios às incógnitas de nossa equação de desenvolvimento e das culturas predominantes em todos os cantos do Planeta. Precisamos entender o que Bazzo (2019) nomeia de “volume de controle” para solucionar essa equação. E isso requer que sejam englobados todos os problemas do Planeta Terra, já que as mazelas de uma nação logo refletem na outra, desestabilizando o todo.

De maneira concisa, as percepções oriundas de realidades diversas demonstram que os jovens pesquisados reconhecem a desigualdade como uma realidade presente no mundo. Trata-se de uma problemática fortemente relacionada aos fatores econômicos, que refletem como efeito cascata em outros tantos problemas sociais. Ou seja, há a crença entre esses jovens de que a desigualdade social e as outras tantas variáveis do processo civilizatório, que nos acantonam como seres humanos perante os valores puramente econômicos, serão supridas especialmente por meio da educação.

Como tentativa de síntese, ousou dizer que os jovens de hoje têm nas mãos uma tarefa bastante complexa e desafiadora, pois eles precisam optar entre reproduzir a lógica posta, isto é, uma sociedade de aprofundamento das desigualdades, ou romper com algumas tradições e vícios já consagrados pela sociedade dominante.

Nesse viés, é urgente ampliar os níveis de formação educacional da população de todas as idades, no sentido de se constituírem humanos dispostos a contribuir com o presente e um futuro mais igual e adequado para todos os seres vivos do Planeta.

5.1.2 Variável: consumo desenfreado

O consumo desenfreado é mais uma das variáveis que vem recheiar a equação civilizatória. Esse consumo se caracteriza pelo exagero, ou seja, pelo hiperconsumo: os indivíduos são levados a adquirir produtos e serviços muito além daquilo que seria considerado essencial para a sua sobrevivência. O apelo é de que a sociedade deixe de consumir o que é o necessário e passe para o “querer”, para um consumo que satisfaça os desejos dos indivíduos, já que os produtos carregam em si uma identificação simbólica.

Na obra *Modernidade líquida* (2001), Bauman frisa o fato de que esta “sociedade de consumo” é caracterizada por ser aquela da satisfação dos gostos individuais, em que existe a ilusão de que o ato de consumir de forma insaciável é condição *sine qua non* para que se forje uma identidade própria, autônoma. “[...] o desejo tem a si mesmo como objeto constante, e por essa razão está fadado a permanecer insaciável qualquer que seja a altura atingida pela pilha dos outros objetos (físicos ou psíquicos) que marcam seu passado.” (BAUMAN, 2001, p. 88).

Trata-se de um comportamento que ocorre na esfera do valor simbólico, não pelo valor de uso. O valor simbólico, situado propriamente no âmbito ideológico, faz com que o indivíduo consuma não apenas um produto, mas um estilo de vida, uma representação, que está relacionada também ao *status* social e de pertencimento a uma determinada sociedade – neste caso, uma civilização dominada pela supervalorização do consumo.

Não há como negar que o modelo econômico em vigor tem sido um dos grandes motivadores desse comportamento, já que impõe a civilização contemporânea à frenética lógica materialista. Então, na sociedade marcada pelo consumo em massa, o objetivo principal não reside em almejar um mundo melhor para a coletividade; pelo contrário, o essencial está em melhorar a própria posição individual dentro desse mundo.

Nesse cenário, ao contrário da sociedade descrita por George Orwell em *1984*¹³, na qual o indivíduo tinha consciência de que era vigiado e dominado, na atual sociedade, os indivíduos, em sua grande maioria, desconhecem que são manipulados para consumir ou para pensar de determinada maneira. É como se vivessem no *Admirável Mundo Novo* do clássico romance descrito por Aldous Huxley (1932)¹⁴, em que a vontade livre fora abolida por meio de um condicionamento metódico. Na sociedade imaginada por Huxley, o domínio não era mantido pela repressão ou violência, mas pelo incentivo dos comportamentos que o Estado julgava corretos e pelo controle dos sentimentos humanos através de uma substância, o “Soma”, que induzia as pessoas a se sentirem felizes e conformadas com os desígnios do Estado autoritário. Atualmente, na sociedade de consumidores, para fugir das dores, das angústias e dos medos, os indivíduos são motivados por doses diárias de produtos a serem consumidos como se fossem pílulas instantâneas de felicidade, ou mesmo por *likes*¹⁵ em suas redes, que medem a própria autoestima e o *status* dentro dessa sociedade.

A cultura do ter, característica da sociedade consumista, tem manipulado de maneira intensa e persuasiva o comportamento dos indivíduos, a fim de transformá-los em produtos eficientes para sustentar o sistema econômico vigente em plena atividade. Cada vez mais envoltos nas artimanhas do capitalismo e dos demais sistemas que dominam a modernidade, os seres humanos têm-se transformado, quase que roboticamente, em consumidores habituais, insaciáveis, com alto grau de ansiedade e insatisfação.

Entorpecidos com uma avalanche de produtos à sua disposição, os indivíduos são diariamente bombardeados com sugestões do que precisam consumir para que possam se equiparar a Outros a fim de alcançar determinada posição social ou defender sua autoestima. A onda de consumismo exacerbado, muito presente na sociedade atual, vem sendo fortemente impulsionada com o advento das TDIC – grande parte delas, a serviço da economia capitalista.

¹³ Cf. <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/cristina-graeml/george-orwell-previsoes-do-livro-1984-parecem-descricao-de-2021/>.

¹⁴ Escrito por Aldous Huxley em 1931 e publicado em 1932, *Admirável Mundo Novo* é uma obra da chamada *Social Science Fiction* e considerada um clássico da literatura até os dias atuais.

¹⁵ Em inglês, o uso do verbo *like* é equivalente ao uso do verbo “gostar” em português. Dar *like* significa curtir nas redes sociais.

Nunca na história da humanidade o ser humano teve acesso a tantas informações e por tantos veículos, de forma tão rápida. Esse processo está totalmente relacionado à era digital, em que as relações entre as pessoas, as informações, as compras e os desejos se encurtam e se propagam em tempo recorde. A multiplicidade de meios, em especial a internet, os *smartphones* e as redes sociais são ferramentas com um indubitável poder de formatação e manipulação do entendimento dos potenciais consumidores.

As redes sociais impuseram de forma sutil, mas não discreta – afinal cada vez mais tais redes pautam a vida *on* e *off-line* –, que tudo o que é diferente fique fora da bolha, pois, assim, os comportamentos humanos são cada vez mais previsíveis e também mais facilmente mapeados por empresas que visam lucrar com as ações e os interesses dos indivíduos. Além de regular e moldar comportamentos, esses mecanismos restringem os indivíduos a círculos específicos, limitando-os, portanto, a um declínio na interação social ao vivo. É por isso, inclusive, que as culturas individualistas focam mais no Eu e menos nas regras sociais.

O comportamento consumista não é um ato que se restringe a um público distintivo. No entanto, Maria Helena Martins Pires, autora do livro *O prazer das compras – o consumismo no mundo contemporâneo* (2016), afirma que o jovem é essencialmente mais suscetível aos apelos desta sociedade. Por estar constantemente conectado às mídias digitais, esse público desenvolve um comportamento consumista, com vistas aos padrões de vida desejáveis projetados por tais mecanismos. Em entrevista, Pires (*apud* PAIVA, 2017) afirma que a ostentação, o consumismo, a conquista de bens materiais e a ambição são formas que o público jovem adota para ser reconhecido socialmente.

Segundo Twenge (2018), o acesso aos celulares, quase junto a mamadeiras, ou no lugar de outros brinquedos, determina uma série de hábitos jamais vistos nos jovens. Hoje em dia, a internet e a sociedade em geral promovem uma positividade inflexível. Para a autora, navegar na internet expõe os jovens a mais anúncios publicitários e a um estilo de vida com muita ostentação e menos estímulos intelectuais. É muito provável que o desejo por muito dinheiro, de vencer a corrida econômica, esteja ligado ao gasto de tempo despendido diante das telas.

Para Bauman (2008), a sociedade moderna de produtores foi gradualmente se transformando em uma sociedade de consumidores. Nesta nova organização social, os indivíduos, ao mesmo tempo, se tornaram promotores do mercado e

também as próprias mercadorias. A invasão e a colonização da rede de relações humanas têm sido moldadas aos padrões de conduta do mercado consumista. No caso dos jovens, o grau de atenção despendido a eles refere-se ao potencial de contribuição à demanda da economia capitalista; as evidências de que os interesses do sistema operam no sentido de adestrá-los para o mercado consumidor são explícitas. Por meio da força educacional de uma cultura que espetaculariza todos os aspectos da vida dos mais jovens, através da internet e das TDIC, as instituições empresariais buscam emergir os jovens num mundo de consumo em massa, da maneira mais vasta e direta vista até então. “Pensa-se em juventude, e logo se presta atenção a ela como um novo mercado a ser codificado e explorado [...]” (BAUMAN, 2013, p. 52).

Movida pelo pensamento materialista predatório, a sociedade tem sido incapaz de respeitar as novas gerações. Quanto mais se globaliza a economia, maior é o poder da ideologia consumista. As gerações atuais nascem, crescem e são preparadas unicamente para perpetuar o consumo (CAMPOS JÚNIOR, 2019). Nesta corrida, fortaleceu-se o individualismo em todos os níveis sociais, e o único índice que diferencia os indivíduos do mundo atual é o perfil de consumidor alcançado por cada um.

Embora concirna a todos os indivíduos, interessa-nos, nesta pesquisa, analisar posicionamentos de jovens em relação ao consumo desenfreado. Importa-nos saber o que esses indivíduos pensam, sentem e como estabelecem suas relações nesta sociedade altamente consumista.

Os primeiros ditos são de uma jovem universitária, que retrata suas experiências na sociedade atual:

[...] hoje em dia parece que para ser feliz, tem que consumir, comprar e postar, se eu não estiver bem-vestida, não tenho valor na sociedade. Depende de mim, o que eu vejo é eu preciso ganhar mais do que o outro. O que eu ganhei, preciso torrar, mostrar para todo mundo que eu estou ostentando e que eu tenho do bom e do melhor, mesmo que para isso eu tenha que parcelar em mais de 20 vezes um Iphone. Nesse momento que a gente está vivendo, as vidas não importam (desculpa falar dessa forma), importa é ganhar dinheiro. (J10, UNIVERSITÁRIA, 2022).

As reflexões expressas pela estudante demonstram o grau de consciência que ela possui ao falar sobre o tema, pois expressa em sua narrativa elementos que figuram como característicos da civilização contemporânea: o individualismo; a

constituição da identidade; a competição; como se estabelecem as relações na sociedade do consumo. São apontamentos que encontram sustentação em vários autores, mas especialmente nos escritos de Bauman, em seus livros *A ética é possível num mundo de consumidores?* (2011), *Amor Líquido* (2001), *Vida Líquida* (2009b), *Vida para Consumo* (2008).

O mundo contemporâneo está voltado à fluidez de valores e à desumanização, o que resulta não somente do menosprezo ao altruísmo, mas igualmente da valorização acentuada do respectivo Eu. Vive-se, hoje, na era do imediatismo, do egocentrismo e da preponderância dos interesses pessoais, acentuando-se a indiferença com o próximo – traços presentes na sociedade atual e que estão bem explícitos na narrativa da universitária. Segundo Bauman (2001), o mal não está preso às guerras ou às ideologias totalitárias; ele se manifesta com mais frequência quando uma pessoa deixa de reagir diante do sofrimento de outra, quando se recusa a compreender, quando fica insensível e desvia o olhar ético silencioso. São indivíduos que crescem voltados totalmente para si próprios, não aceitam frustrações ou ideias contrárias às suas. Dessa forma, há a perda da sociabilidade e a imersão da individualidade narcisista, comportamento predominante no atual modelo de sociedade, sobretudo no que se refere à realização dos desejos mais individuais. Infelizmente, o indivíduo “narcisista é cego na hora de ver o outro” e, sem esse outro, isola-se, “matando” o cidadão, um ser que se preocupa com seu semelhante.

Não obstante, o excerto da narrativa da jovem universitária retrata como essa sociedade é composta, em sua grande maioria, por pessoas pouco empáticas e completamente individualistas. A estudante refere-se à competição do mundo contemporâneo, que coloca o indivíduo na busca constante em ser melhor que o Outro. Ela descreve a situação de liberdade impositiva que vive quando diz que precisa mostrar, ostentar, consumir o objeto, não pela sua utilidade ou pelo seu valor, mas em razão do *status* social que ele confere. Para isso, às vezes, é necessário pagar em várias prestações, condição que mostra a realidade do indivíduo contemporâneo, que necessita autoafirmar-se constantemente para torna-se aceito socialmente, mesmo que isso lhe cause o endividamento.

O consumo desenfreado e inconsciente faz com que muitos sofram por falta de dignidade, passem por sofrimentos e atinjam a miséria. Na procura por satisfazer seus desejos imediatos, os consumidores não mensuram as consequências; fogem

de qualquer controle capaz de frear a prática consumista e tornam-se cegos diante das ofertas e das propagandas que invadem seus lares. Pelo sistema capitalista, a insatisfação permanente do consumidor é que faz a sociedade prosperar (BAUMAN, 2011).

Ao relatar que precisa consumir para ter valor na sociedade, a universitária revela, na prática, o que Bauman (2008) discorre sobre o valor do indivíduo na sociedade do consumo. Cabe considerar que a valorização do indivíduo, da satisfação pessoal ou da necessidade de atingir determinado *status* social é tida como algo que o distingue dos demais, e o consumo abundante é sinônimo de sucesso. O ser humano, nesse caso, é medido pela sua capacidade de consumir, sendo esse o principal termômetro que reconhecerá ou não a sua importância em tal escala social. Sendo assim, o seu espaço será garantido diante do exercício de sua competência como consumidor, movimento que deve ser praticado sem pausas, de forma voraz e incessantemente.

A jovem supracitada, ainda, faz uma análise crítica sobre o valor da vida na sociedade contemporânea, destacando o quanto as questões econômicas despontam como prioritárias nesta civilização. Ela ratifica o pensamento de Bauman (2008), Bazzo (2020), Campos Júnior (2019), dentre outros autores, de que nesta sociedade tudo tem cunho econômico, focalizando inclusive materialidade nas relações interpessoais. As interações sociais e os laços afetivos estão cada vez mais fragilizados, pois a atividade de consumo busca atender anseios individuais, por isso trata-se de um ato solitário. É importante ressaltar que a sociedade, em geral, apresenta a fluidez de valores, a fragilidade das relações sociais, a futilidade dos laços afetivos, a individualidade, a preocupação demasiada com a própria imagem, o egoísmo e a ausência de empatia com o outro. Conforme Byung-Chul Han (2021), em uma sociedade na qual não interagimos com nada que é diferente, acabamos apenas endossando as opiniões que nos são confortáveis e não saímos de nossas bolhas: “Nas experiências encontramos o outro; mas nas vivências, ao contrário, sempre encontramos a nós mesmos [...]” (HAN, 2021, p. 82).

Neste universo, portanto, a disposição consumista desponta como uma forma compensatória de o indivíduo vir a obter um razoável nível de prazer em sua vida cotidiana, já que se trata de uma sociedade marcada pela agitação, pela ansiedade e, acima de tudo, pela incapacidade de obter uma experiência profunda de felicidade

e bem-estar. O consumo, nesse caso, serve principalmente para o indivíduo fixar seu lugar na sociedade e distinguir-se das outras pessoas.

O ato de consumo é o que estabelece as relações de poder. Isso pode ser observado nas narrativas transcritas a seguir da jovem em situação de rua, do jovem em situação de liberdade assistida e da jovem urbana:

Às vezes é tudo uma questão de oportunidade, né? Porque se não tens dinheiro, não podes fazer nada. (J5, EM SITUAÇÃO DE RUA, 2022).

Então, vou te dizer, tem muitas coisas que eu gostaria de ter, mas eu não posso. Nossa família não tem condições de sair comprando tudo. Às vezes, não tem condições de comprar nem o básico. As oportunidades são diferentes para as pessoas. (J14, EM LIBERDADE ASSISTIDA, 2022).

[...] eu convivo bastante com gente que tem mais poder aquisitivo, aí é bem constante, consumo o tempo inteiro, gente postando coisas e tal, aí eu acho que até certo ponto é bom você consumir coisas que você gosta e se sente bem, mas às vezes é um abuso de consumo, o que é muito ruim, pois você acaba tendo uma visão que pode tudo. (J18, URBANO, 2022).

Nessas falas, os jovens reconhecem as disparidades sociais existentes nas relações de consumo. Alguns indivíduos, enquanto se sentem inseridos na atual dinâmica social, por meio do poder de consumo que possuem, percebem que se distinguem daqueles que não conseguem adquirir o mesmo patamar. Os excluídos, por sua vez, além de não satisfazerem sequer suas necessidades básicas de consumo, continuam existindo dentro de um cenário que sustenta justamente o que eles não podem ter ou fazer, provocando uma sensação de inadequação social. O consumismo ostensivo, por parte de alguns, provoca ressentimentos naqueles que não têm condições de competir em pé de igualdade; por outro lado, tem como efeito imediato a demonstração de poder, de prestígio. Vive-se num mundo de comparações, e olhar para o Outro é o principal parâmetro.

Para os “consumidores excluídos”, tradução contemporânea dos que não têm, segundo Bauman (2013), não comprar é a marca desagradável de uma vida sem realizações, de ser uma não entidade e de não servir para nada. “Significa não somente a falta de prazer, mas a falta de dignidade humana. De significado na vida. Em última instância, de humanidade e de quaisquer outras bases para o autorrespeito e para o respeito das pessoas à sua volta [...]” (BAUMAN, 2013, p. 83).

Do ponto de vista da sociedade capitalista, o pobre é sinônimo de desprezo e inutilidade por ser falho como consumidor; por isso, na perspectiva mercadológica, os

pobres causam prejuízo e não valem qualquer investimento público. É o que esclarece Bauman (2008):

Os pobres da sociedade de consumo são inúteis. [...] Nada têm a oferecer em troca das despesas dos contribuintes. Dinheiro transferido para eles é mau investimento, que dificilmente será recompensado, muito menos trará lucros. [...] A sociedade ficaria melhor se os pobres queimassem em seus barracos e se permitissem queimar junto com eles – ou apenas sumissem. Sem eles o mundo seria muito mais afetuoso e agradável de viver. Os pobres são desnecessários, portanto, indesejáveis. (BAUMAN, 2008, p. 160-161).

Para o autor, a massa que sofre pelo sentimento de inadequação é gigantesca e cresce na mesma velocidade que a ação consumista. Quanto maior a demanda de consumo, maior e mais próspera é esta sociedade. E isso ocorre ao mesmo tempo que mais alargada e profunda se torna a lacuna entre os que podem realizar seus desejos e os que foram seduzidos e estimulados porém são incapazes de prosperar. A mensagem da tentação de consumir é transmitida e dirigida indiscriminadamente a todos que se disponham a ouvir, no entanto o número de pessoas capazes de ouvir é maior do que o daquelas que podem reagir. Exemplo temos quando o jovem afirma “tem muitas coisas que eu gostaria de ter, mas eu não posso” (J14, EM LIBERDADE ASSISTIDA, 2022): ele ouve, mas sua condição não lhe dá poder de reação. Ou seja, a sedução do mercado é mais um divisor social extremamente eficaz.

Outra questão que apareceu fortemente nas narrativas de jovens desta pesquisa refere-se à influência dos aparatos tecnológicos e seus mecanismos como instrumentos potencializadores do consumo. No cenário atual, as TDIC, grande parte delas a serviço do capitalismo, se apresentam como principal elemento constituinte desta sociedade. Uma das participantes avalia:

Eu acho que os jovens, que estão mais ligados às tecnologias, estão mais propensos ao consumo. Esse estímulo ao consumismo, aos bens não duráveis, a ter tudo, a ter o celular do ano, a ter o carro do ano, a roupa que a “fulaninha” tá usando [...] é resultado do estímulo constante que se vê nas mídias, nas propagandas, para atender o mercado. (J10, UNIVERSITÁRIA, 2022).

Segundo dados do censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de 2010 (*apud* SILVA; SILVA, 2017), jovens lideram o *ranking* de uso de celulares e internet. Na obra *Sobre Educação e Juventude*, Bauman (2013) também apresenta

um estudo orientado pela *Kaiser Family Foundation*¹⁶, o qual descobriu que jovens dos oito aos dezoito anos podem chegar a um total de onze horas por dia conectados em seus diferentes instrumentos tecnológicos. Graças à despreocupada e radiante autoexposição ao *on-line*, esses indivíduos são facilmente captados pelos gigantes do *marketing* a fim de realizar os desejos mais íntimos, pessoais e singulares, ajustados à personalidade única, sendo quase impossível resistir à tentação.

Imagens poderosas, 'mais reais que a realidade', em telas ubíquas estabelecem os padrões da realidade e de sua avaliação, e também a necessidade de tornar mais palatável a realidade 'vivida'. A vida desejada tende a ser a vida 'vista na TV'. A vida na telinha diminui e tira o charme da vida vivida: é a vida vivida que parece irreal, e continuará a parecer irreal enquanto não for remodelada na forma de imagens que possam aparecer na tela. (BAUMAN, 2001, p. 99).

No livro *iGen*, Twenge (2018) também destaca o envolvimento dos jovens com a internet, até porque esta geração não reconhece um tempo antes dessa ferramenta. A autora considera que esses indivíduos estão introduzindo valores, pontos de vistas, emoções, relações de consumo, dentre outras coisas, a partir de condutas ditadas pelos ambientes virtuais. Nas entrevistas, estas foram algumas das percepções:

Eu sou muito consumista, apesar de pensar de muitas maneiras.... As tecnologias, elas influenciam, não adiante negar. O capitalismo é muito mais acelerado com a tecnologia, a gente é muito mais incentivado, e como eu já peguei um celular desde pequeno, uma TV muito forte, a gente aprendeu que o natural é assim, praticamente, então essa é visão que eu tenho, meu cérebro "acha" isso, sabe? Que o natural é desse jeito, e não é! Então eu tento me controlar muito com consumos que não tem sentido, mas as vezes eu não consigo, já foge do meu controle, porque é uma coisa que me afetou muito na minha formação, minha constituição, que parece que é normal é consumir, sendo que não tem sentido para várias coisas, literalmente. Você consegue ter acesso a produtos que são necessários mais fáceis, mas você não para por aí, você vai querer mais e é muito, a propaganda, muito em cima, muito imediato, né? (J18, URBANO, 2022).

Não tenho dúvidas que o consumo cresceu bastante graças as tecnologias do mundo de hoje. Temos tudo na nossa mão, podemos comprar a qualquer

¹⁶ Fundada em 1948, a KFF É uma organização sem fins lucrativos com foco em questões nacionais de saúde, bem como no papel dos EUA na política global de saúde. Produz análises e pesquisa políticas. Atua como uma voz e fonte de informação de especialistas confiáveis e independentes em um sistema de saúde dos EUA dominado por interesses comerciais, políticos e ideológicos; um lugar onde as pessoas podem recorrer a análises imparciais e não partidárias, fatos básicos e explicação das maiores questões de política de saúde doméstica e global e a opinião pública que as molda. (Disponível em: <https://www.kff.org/more-about-the-kaiser-family-foundation/>. Acesso em: 4 nov. 2022.)

momento, ainda mais com as ofertas que aparecem toda hora na nossa tela. (J16, EM LIBERDADE ASSISTIDA, 2022).

É possível perceber em ambos os excertos que os jovens reconhecem a influência dos mecanismos tecnológicos no comportamento consumista, especialmente pela publicidade ostensiva que eles disseminam por meio de diferentes recursos. O estímulo constante é entendido como estratégia que eleva o consumo, ao mesmo tempo que a principal pretensão é atender ao mercado capitalista. A vida “agorista” e apressada, conforme sugere Bauman (2011), é agora ainda mais efêmera diante da tecnologia. Isso pode ser constatado nas duas falas, mas é amplamente exemplificado no relato da jovem urbana supracitado, quando destaca que o acesso aos recursos tecnológicos, desde a infância, moldou seu comportamento consumista que se tornou incontrollável e naturalizado, diante da facilidade de obter os inúmeros produtos, a partir do que também se desenvolve seu processo formativo. Ou seja, “[...] a forma de vida em que esta geração jovem de hoje nasceu, de modo que não conhece nenhuma outra, é uma sociedade de consumidores [...]” (BAUMAN, 2013, p. 34).

O desenvolvimento tecnológico, agora também voltado para decifrar as emoções humanas, é fator que trará ainda maiores consequências ao consumismo. Por meio da inteligência artificial, a máquina começou a superar os humanos inclusive na habilidade de compreender suas emoções, seus desejos e suas escolhas. Utilizando-se de sofisticados mecanismos de inteligência, liderados pelos gigantes da tecnologia, dentre os quais *Google* e *Meta*¹⁷, primeiro capturam a atenção dos indivíduos, fornecendo-lhes gratuitamente informações, serviços e entretenimento; em seguida, revendem a atenção desses indivíduos aos anunciantes. O verdadeiro negócio não só reside em vender anúncio, mas também captar atenção. Com isso, conseguem acumular uma imensa quantidade de dados a respeito de seus clientes, que, no fim, não são seus clientes, mas seu principal produto. Com efeito, os gigantes dos dados penetram nos mais profundos segredos da vida humana, através da qual qualquer pesquisa efetivada pelo usuário é conectada a outras semelhantes e repassada para os mais diversos segmentos de mercado. A partir daí, as constantes

¹⁷ A Meta é a nova empresa controladora do Facebook, Instagram e Whatsapp.

ofertas sedutoras insistirão em surgir prioritariamente nas diversas telas de navegação, estimulando o consumo desenfreado e direcionado (HARARI, 2018).

A narrativa que segue descreve o que Harari (2018) explica:

Quando eu olho para a realidade de hoje, eu vejo que faço parte de uma geração que as coisas passam tão rápido, a evolução está muito rápida, em tudo. Cada dia tem uma coisa nova para gente consumir, seja roupa, tecnologia, eletrônico, carro, etc. As redes que a gente acessa parecem ler nossos pensamentos, você pesquisa algo e aquilo se multiplica, chega a minar, é algo que me preocupa. (J9, AGRICULTORA, 2022).

O mundo digital fez emergir como força potencializadora todas as liquefações do universo contemporâneo: da fluidez acelerada, da novidade interminável e da obsolescência de todos os sentidos. De fato, os algoritmos estão presentes no cotidiano, influenciando nas decisões de consumo, nos aspectos comportamentais, nos processos políticos, interferindo diretamente na vida e na sociedade de forma silenciosa. As pessoas passaram a ocupar-se com sua agenda própria, e com pouca ou nenhuma preocupação de agir a partir de uma consciência coletiva. Diante de tal organização individual e não societária, as pessoas não formam um “nós” preocupado com a *pólis*; portanto, não há mais a “voz única” e sim um grande barulho “comunicativo” – aspecto que paira como preocupação na narrativa da jovem agricultora anteriormente transcrita.

Segundo Harari (2018, p. 68), a “[...] perda de controle sobre a nossa vida é um cenário cada dia muito mais assustador.” Nas mais recentes décadas, a pesquisa em áreas como neurociência e economia comportamental permitiu que cientistas “hackeassem” humanos e adquirissem uma compreensão muito melhor de como os humanos tomam decisões. Constatou-se que todas as escolhas, desde comida até parceiros sexuais, resultam não de algum misterioso livre-arbítrio, mas de bilhões de neurônios que calculam probabilidades numa fração de segundo. A tão propalada “intuição humana” é na realidade a capacidade de reconhecer padrões.

A principal estratégia das grandes corporações é a utilização da neurociência para descobrir o que os indivíduos realmente pensam sobre os produtos e qual a melhor forma de divulgá-los. Por isso, cada vez mais utilizam-se de instrumentos eficientes, invisíveis e sinestésicos. O que está em jogo é a questão econômica e, para dar conta do mercado capitalista, são adotadas estratégias a fim de reconhecer os gostos, os desejos, os sonhos e as fraquezas dos indivíduos, informações que são

utilizadas não apenas para oferecer produtos, mas visando estabelecer estilos de vida.

Para a sociedade consumista, importa sempre uma produção excessiva, de desperdício, de irracionalidade e de manipulação de desejos. A vida do consumidor é ávida por novas experiências; a razão em se apressar não é para adquirir e armazenar tanto quanto for possível, mas descartar e substituir o quanto puder, estratégias do sistema para manter a máquina em pleno funcionamento. Em relação ao consumo, dois participantes da pesquisa assim avaliam:

É preciso ter muito mundo para dar conta do nosso consumo. Eu acho que o jovem de hoje é muito beneficiado... é muito consumista né, a gente consome muito na questão de tecnologia, celulares e aí a todo momento saem celulares novos, e aí a todo momento trocam celulares, etc. O próprio consumo alimentar também, é um consumo totalmente desregulado, não tem nenhuma preocupação com a saúde e nenhuma preocupação com o meio ambiente. A gente vê o ponto de uma cidade pequena, uma cidade do interior está vendendo laranja descascada! Veja isso como exemplo, é uma coisa assim: é uma fruta, mas é uma fruta que está dentro de uma caixa, que está dentro de uma bandeja, envolvida com um plástico, o que acaba gerando um custo muito grande para meio ambiente. Então, eu acho que o nosso consumo, e eu me enquadro nisso também, mesmo a gente tendo consciência a gente acaba sendo consumista. Eu acho que se a gente não refletir meio logo, isso vai gerar um problema enorme para a humanidade. (J8, AGRICULTOR, 2022).

Eu acho que tem muito isso nos dias de hoje, é um consumo enorme, gigantesco e um consumo inconsciente, isso está refletindo com certeza em todos, de modo amplo, enquanto ambiente, enquanto universo. Com certeza vai impactar, já está impactando isso, né? (J3, IMIGRANTE, 2022).

O jovem agricultor faz uma analogia extremamente importante sobre os padrões de consumo global e as implicações desse comportamento sobre o Planeta. Ao afirmar que é preciso “muito mundo” para dar conta do consumismo desta sociedade, ele denuncia a magnitude dos riscos a que esta civilização está exposta, diante dos excessos, dos desperdícios e dos descartes gerados pela massificação e pela propagação de ideais equivocados de consumo. A praticidade ofertada diante da laranja descascada do supermercado demonstra a exposição constante dos indivíduos modernos à criação de novas e superficiais necessidades geradas pela força ideológica do mercado, no sentido de ofertar conforto e versatilidade, já que neste mundo acelerado não há tempo a ser desperdiçado descascando-se uma laranja. Enquanto isso, tal praticidade faz crescer exponencialmente a produção de dejetos, descartes e resíduos, aumentando sem precedentes os danos ao meio ambiente.

Aliás, em ambas as narrativas supratranscritas, existe a preocupação quanto aos impactos que esse consumo desenfreado vem causando em âmbito global e quanto à necessidade de refletir sobre isso. De toda sorte, cabe ressaltar que, por mais ínfimo que seja o produto adquirido por qualquer indivíduo, ele terá, necessariamente, um futuro descarte, sendo que a simples aquisição sem a preocupação com a sua destinação, conforme incentiva o sistema econômico dominante, tem gerado custos sem precedentes ao Planeta Terra.

Logo, o consumo desenfreado e o crescimento econômico a qualquer custo não refletem bem-estar e qualidade de vida para seres humanos. Os indivíduos dessa nova configuração social estão consumindo o Outro como um espetáculo, com a fronteira entre o público e o privado sendo encurtada cada vez mais. Nesse universo, o digital permite cada vez menos: tudo é imagem à medida que é exposto na prateleira das redes, ou seja, as pessoas passaram a ser produtos e foram convencidas de que precisam exercer cotidianamente o “automarketing”. Portanto, o comportamento consumista, mais que a consequência de uma simples escolha individual, possui raízes bem profundas e amplas, a serviço de grandes interesses econômicos, os quais são destinados a poucos, embora prometidos a muitos. Por isso, é cada vez mais necessário compreender como estão arquitetadas as propostas de segregação do poder hegemônico e como elas estão programadas para massificar as pseudoverdades.

De todo modo, a solução inadiável para evitar o trágico desfecho que se esboça para a humanidade é a mudança do atual modelo de sociedade. Nesse cenário de ignorância, é fácil sentir-se perdido e sem esperança, e é ainda mais fácil sentir-se perdido e privado de esperança quando não se tem capacidade de compreender aquilo que acontece (BAUMAN, 2008). Por isso, a educação, sem vínculo com interesses materialistas, se constitui como o principal caminho para o renascimento da humanidade.

No ambiente líquido moderno, a educação e o aprendizado – não importa o uso que se faça deles – devem ser contínuos e vitalícios. O motivo determinante para o qual a educação deve ser contínua e permanente está na natureza da tarefa que se propõe desenvolver. A educação deveria ser para o bem dos homens e mulheres líquido-modernos, capazes de procurar alcançar os próprios objetivos com, ao menos, um pouco de independência, segurança de si mesmos e esperança de sucesso. Mas há outro motivo que é definitivo: trata-se de não adaptar as capacidades humanas ao

ritmo desenfreado das mudanças do mundo, mas especialmente de tornar o mundo, em contínua e rápida mudança, mais hospitaleiro para toda a humanidade (BAUMAN, 2011).

Vale lembrar que o “o consumidor é um inimigo do cidadão” (BAUMAN, 2011, p. 195). E hoje, infelizmente, para muitos indivíduos da sociedade contemporânea, as ações de cidadania se limitam a aquisição e venda de bens, em vez de aumentar o alcance de sua liberdade e dos seus direitos a fim de ampliar os atos de uma verdadeira democracia. Talvez aqui resida a principal razão para que, no cenário líquido moderno, a educação seja permanente. Para Bauman (2011),

As liberdades dos cidadãos não são propriedades que se adquirem uma vez por todas; elas não estão seguras, encerradas nas suas caixas-fortes. São plantadas e enraizadas no terreno sociopolítico, que precisa ser cotidianamente fertilizado e que se torna árido até ficar gretado, se não for cuidado dia após dia com as ações informadas de um público preparado e comprometido. Não é preciso atualizar só as capacidades técnicas, não é só a educação voltada para o trabalho que precisa ser permanente. O mesmo vale, com uma urgência ainda maior, para a educação para a cidadania. (BAUMAN, 2011, p. 195).

Ao debater sobre as questões de cunho político-econômico, todos aqueles que veem na educação a grande possibilidade de reversão, neste ponto de inflexão civilizatória, carecem começar a montar e, em certas situações, desmontar uma nova equação que possa sempre sustentar contextualizada a educação crítica, reflexiva e libertadora. Sabe-se que, para qualquer mudança significativa nos resultados que definirão o comportamento e a sobrevivência das gerações presentes-futuras, necessita-se conhecer o que está implícito à educação no âmago dos interesses da classe dominante, e de que maneira pode-se seguir construindo uma nova e mutante equação civilizatória (BAZZO, 2016b).

As culturas instituídas e, continuamente, intensificadas pelo poder de mando e de controle das mentes e dos corpos dóceis, aliadas de modo inseparável à política, à economia, à mídia, ao território e à língua oficial dominante, entre tantos outros elementos, são fortíssimas auxiliares nessa empreitada de educar integralmente os jovens estudantes. O ponto de ruptura com o equivocado processo civilizatório vigente exige a pertinência de uma educação desobediente; do contrário, a humanidade poderá ter consequências nefastas e irreversíveis. É improtelável, portanto, uma reinvenção em rede colaborativa entre os profissionais da educação: não somente dos procedimentos, mas, sobretudo, dos assuntos a serem versados.

O consumo desenfreado, as desigualdades sociais e os outros tantos problemas exibidos diariamente pela mídia mundial provocam ansiedade e, muitas vezes, desesperança nos jovens estudantes, principalmente por tais assuntos não se constituírem como pauta dentro dos projetos educacionais. E este é um dos pontos cruciais nos debates de Bazzo (2020), ao sustentar que as variáveis em todos os espaços do Planeta, em algum momento, terão de se constituir em objetos de trabalho educacional, o que ajudará a ultrapassar os apassivados projetos de educação no mundo inteiro e, ao mesmo tempo, colaborará para a formação de uma mentalidade que privilegie o bem-viver e a equidade social. Importa elucidar que, se não tivermos uma base ética com esses propósitos, provavelmente, os indivíduos se extinguirão pelas próprias mãos.

Trata-se de defender a educação emancipadora de Freire (1996). O indivíduo emancipado é capaz de tomar suas próprias decisões com consciência, sem que se deixe doutrinar, ou meramente repetindo o que já está determinado pelo Outro. Afinal:

[...] nos tornamos capazes de intervir na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptar a ela. [...] ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra. Não posso estar no mundo de luvas nas mãos constatando apenas. A acomodação em mim é apenas caminho para a inserção, que implica decisão, escolha, intervenção na realidade. (FREIRE, 1996, p. 30).

Os espaços educacionais, ou qualquer outro espaço que desenvolva atividades com seres humanos, precisam ser lugares de construção de relações efetivamente sólidas, que viabilizem redes de conhecimento mútuo, que tenham como pauta os tantos problemas sociais. Um lugar de compromisso e de diálogo, em que os indivíduos se sintam encorajados a utilizar a fala, a crítica e a articulação; em que a ideia do outro possa, através do diálogo, integrar-se adjacente às demais narrativas para o vislumbre de uma sociedade mais digna para toda a humanidade. Freire (1981, p. 82) alerta que “[...] não há o diálogo verdadeiro se não há nos seus sujeitos um pensar verdadeiro. Pensar crítico. Pensar que, não aceitando a dicotomia mundo-homens, reconhece entre eles uma inquebrantável solidariedade.”

Dessa forma, assegurar educação para a cidadania às novas gerações é a providência mais consistente a fim de desencadear as mudanças inadiáveis com vistas à reconstrução da sociedade humana. Os objetivos essenciais da mudança edificante a ser procedida para a civilização contemporânea devem incluir, com

infalibilidade, as iniciativas voltadas para a restauração da sociedade genuinamente humana. A base sólida para dar sustentação à reconstrução da consciência coletiva há de ser a educação, idealizada na completude dos valores civilizatórios tão necessários à garantia de sobrevivência do Planeta como um todo.

5.2 CATEGORIAS EMERGENTES

Muitos temas emergiram das entrevistas, e abrem um leque de discussões importantes para a civilização deste tempo; importa, porém, esclarecer que, dadas as proporções deste trabalho, seria muita pretensão dar conta de esgotar as tantas pautas. Por isso, privilegiaram-se as variáveis **mercado de trabalho** e **valores sociais e humanos**, que vêm ao encontro dos objetivos propostos.

5.2.1 Variável: mercado de trabalho

Os desafios vividos em escala mundial, decorrentes das transformações sociais, econômicas, tecnológicas, geopolíticas e outras tantas, implicam o modo de ser e viver da civilização atual. Os indícios de mudanças estão por todas as partes e, em todas as esferas, os problemas se complicam dada a complexidade da vida global, consequência do sistema de desenvolvimento adotado pela grande maioria das nações. Ao mesmo tempo que a humanidade assiste ao seu aparentemente inexorável “progresso” tecnocientífico, também se vê cada vez mais envolta nas artimanhas do capitalismo e demais sistemas que dominam o poderio negocial fortemente entranhado na cultura da modernidade.

O desenvolvimento e o aperfeiçoamento das TDIC associados ao modelo capitalista promoveram transformações que aboliram as fronteiras do público e privado, entre casa e trabalho. A transição de modos básicos de referência para sistemas complexos, compenetrados de uma modificação estrutural assentada em processos altamente tecnológicos, perfez o delineamento de um cenário de incertezas e tendências paradoxais. Parâmetros originários que trouxeram em seu proveito o imperativo de uma nova forma de organização social, noções de espaço e tempo diferenciadas, hábitos padronizadores de condutas sociais. Os tempos hodiernos marcam o início de relações travadas a partir da superficialidade, da impessoalidade e de modos simbólicos de referência.

Ora, De Masi (2017) assinala que:

Na sociedade pós-industrial, as categorias do tempo e do espaço são modificadas: as primeiras em decorrência de máquinas cada vez mais capazes de poupar, enriquecer, estocar e programar o tempo; as segundas, em virtude de meios de transporte e de comunicação cada vez mais capazes de conjugar a presença com a ubiquidade, o nomadismo com o sedentarismo. Tudo isso indica uma ruptura epistemológica que desloca nossos processos cognitivos e existenciais [...] (DE MASI, 2017, p. 452).

Nesse sentido, Bauman (2009b) entende que as transformações contemporâneas, ao produzirem um contexto de incerteza, transitoriedade, descontinuidade e caos, atingem todas as estruturas da sociedade e desencadeiam uma série de consequências sobre como os indivíduos constituem seus valores. O ponto basilar em questão assenta-se nas características do mundo líquido moderno, em que fluidez aponta para a individualização, o imediatismo, a descontinuidade, a substituição da ética pela estética, do consumismo exacerbado. Observa-se um esfacelamento dos elos que entrelaçam as escolhas individuais e coletivas, fenômeno que impacta o ser humano de modo global.

Entre as mudanças paradigmáticas pontuadas por Bauman (2009b) e De Masi (2017), há o interesse, nesta seção, em privilegiar as teorias produzidas por eles, por Berardi (2019) e Sennet (2019), dentre outros autores contemporâneos, no que se refere a reflexões em torno do mundo do trabalho. Tal decisão decorre, principalmente, de o tema mundo do trabalho ter surgido na condição de categoria emergente que desponta como uma das grandes preocupações dos jovens desta pesquisa.

Ao serem suscitados a relatar sobre as principais preocupações que vêm à mente quando pensam no futuro, jovens em número significativo sinalizam questões que envolvem o mundo do trabalho como sinônimo de angústia e inquietação. A base na análise das narrativas produzidas leva em conta as percepções e interpretações que eles possuem quando se referem ao mundo do trabalho.

No futuro, me preocupa, primeiro em ter um trabalho. Sem trabalho a gente não consegue nada. Sem trabalho não tenho acesso aos bens materiais, a saúde, educação, a cultura. Não é possível se manter em uma sociedade sem trabalhar. (J2, IMIGRANTE, 2022).

Não tem como não ficar preocupado de como vou fazer para ter uma família e garantir o sustendo dela. Nada é possível sem ter um bom trabalho. No mundo cada vez mais competitivo, vejo que as oportunidades estão cada vez mais complicadas. (J14, EM LIBERDADE ASSISTIDA, 2022).

Me assusto em não ter mercado de trabalho. Não ser valorizada o suficiente e, de repente, ter que mudar de país para conseguir o valor que a minha profissão merece. Eu vejo que atualmente, infelizmente, nós não temos essas condições nem um pouco explícitas aqui no Brasil, é bem assustador. (J12, UNIVERSITÁRIO, 2022).

Eu só quero ter um trabalho para ter uma certa estabilidade, para resolver um pouco dos problemas que eu tenho hoje. Eu penso em uma profissão que me dê reconhecimento. (J3, IMIGRANTE, 2022).

A minha preocupação é que no futuro eu consiga ter um trabalho que garanta acessar as coisas que meus pais me disponibilizam hoje. Eu ficaria muito frustrado se tivesse que baixar o meu nível de vida por não ter capacidade de autossustento. (J19, URBANO, 2022).

Vejo que cada ano que passa temos mais dificuldades de achar um trabalho. Parece que o ser humano vem sendo cada dia mais dispensável. Já circulei em vários estados em busca de trabalho, o que tem me prejudicado a minha vida. (J5, EM SITUAÇÃO DE RUA, 2022).

Eu me preocupo com o rumo que estamos tomando. Já não temos certeza de nada, a vida de um modo geral vem mudando, seja nas relações entre as pessoas, no meio ambiente, no trabalho, em tudo, é outro estilo de vida. (J7, AGRICULTORA, 2022).

O entendimento dessa geração no que concerne ao universo do trabalho refere-se a este como sendo um importante elemento: meio de garantir a sobrevivência, para dar conta das necessidades, projetos da vida adulta, produzir independência financeira, autorrealização e crescimento profissional; ou mesmo para alavancar as possibilidades de consumo, de garantia de *status* e até, em determinadas circunstâncias, de reconhecimento dentro desta sociedade. Porém, nota-se que as indefinições e a incerteza em torno desse elemento social, embora se apresentem para toda a humanidade, são extremamente potencializadas quando se referem ao público jovem, já que o período de transição para a vida adulta no mundo atual não se encontra definido como em outros tempos. O percurso agora é imprevisível, cabe a cada um construir e reconstruir sua trajetória.

Em seu livro *Educação e Juventude*, Bauman (2013) reflete sobre o destino dos jovens diante do panorama contemporâneo:

Os jovens da geração que agora está entrando ou se preparando para entrar no chamado "mercado de trabalho" foram preparados e adestrados para acreditar que sua tarefa na vida é ultrapassar e deixar para trás as histórias de sucesso de seus pais; e que essa tarefa (excluindo-se um golpe cruel do destino ou sua própria inadequação, eminentemente curável) está totalmente dentro das possibilidades. Não importa aonde os pais conseguiram chegar, eles chegarão mais longe. Pelos menos é assim que foram ensinados e doutrinados. Nada os preparou para a chegada do novo mundo inflexível,

inóspito e pouco atraente, o mundo da degradação dos valores, da desvalorização dos méritos obtidos, das portas fechadas, da volatilidade dos empregos e da obstinação do desemprego; da transitoriedade das expectativas e da durabilidade das derrotas; um novo mundo de projetos natimortos e esperanças fraturadas, e de oportunidades mais notáveis por sua ausência. (BAUMAN, 2013, p. 45).

Ao longo destes últimos anos, tem sido difícil deixar de notar as inúmeras alterações que se fizeram presentes na sociedade, especialmente no que se refere ao desenvolvimento econômico global caracterizado dentro de um modelo laboral altamente tecnológico e digital. Mudanças abruptas e aceleradas que transformaram substancialmente entendimentos, condutas e concepções da geração atual, sobretudo no que diz respeito ao mundo do trabalho, são percebidas pelas atuais gerações.

O excerto que segue traduz o sentimento de insegurança vivido no momento presente pela jovem universitária:

Para mim a incerteza em torno do mundo de trabalho é o que tem me gerado ansiedade, não saber muito sobre o dia de amanhã. Quando eu entrei na faculdade, na primeira semana, já estava preocupado em não conseguir arrumar emprego no futuro. Realmente, eu penso que a profissão deixou de ser uma opção de escolha, não basta eu me formar, eu preciso vislumbrar antes de qualquer coisa se esta profissão vai me dar as perspectivas de me manter dentro do mercado, por isso precisa ser muito rentável. (J11, UNIVERSITÁRIA, 2022).

A falta de perspectiva no longo prazo e a incerteza sobre o futuro, descritas pela estudante, estão completamente associadas aos valores que têm sido propalados pela estrutura social da modernidade. O que é singular nas dúvidas deste mundo é que tal estrutura está entremeada pelas práticas de um capitalismo vigoroso. Bauman (2009a) explica que as transições que levaram às alterações decorrentes do mundo do trabalho foram determinantes para a configuração da atualidade. Na modernidade sólida, o trabalho tinha uma relação estável com o capital, dada a ligação de mutualidade e dependência entre ambos: os trabalhadores dependiam de seus empregos para seu sustento, assim como o capital dependia de empregados para a reprodução e o crescimento. Existia um endereço fixo, o capital e o trabalho eram colocados face a face, mesmo que para supervisionar, canalizar esforços, administrar, controlar os trabalhadores; havia um vínculo de longo prazo e mútua dependência. Essas condições já não se observam mais na modernidade.

[...] o capital se livrou do peso dos custos exorbitantes de mantê-lo; o capital ficou livre da tarefa que o prendia e forçava ao enfrentamento direto com os agentes explorados em nome de sua reprodução e engrandecimento. O trabalho sem corpo da era do software não mais amarra o capital: permite ao capital ser extraterritorial, volátil e inconstante. A descorporificação do trabalho anuncia a ausência do peso do capital. Sua dependência mútua foi unilateralmente rompida. (BAUMAN, 2001, p. 141).

A fluidez e a flexibilidade basilares no mundo do trabalho, determinantes desta sociedade, deixam de lado, segundo Bauman (2001), qualquer preceito de ordem e regulação dos tempos sólidos, tomando corpo o indefinido, o imediato e os trabalhos de curto prazo. A absorção do tempo e do espaço nos mais variados planos e a comunicação imediata por meio das estruturas tecnológicas fizeram a atividade econômica dispensar raízes firmemente plantadas em territórios delimitados. Se antigamente o trabalho possuía uma dependência com o capital, hoje existe uma associação direta sua com a lógica do consumo.

Na mesma linha, Berardi (2019) afirma que, na nova economia, a flexibilidade evoluiu na fragmentação da atividade do trabalho. O ser humano não existe mais como indivíduo, uma vez que ele é pago por prestações pontuais, ocasionais e temporárias. O trabalho cognitivo tem total dependência da organização capitalista da rede global, dependência que as emoções e o pensamento têm do fluxo da informação.

Observa-se que o trabalho tem-se constituído desprovido de significados, e esse é um dos fatores que identificamos na fala do universitário, o que inviabiliza que os jovens de hoje desenvolvam uma narrativa linear sobre o trabalho. A desintegração da história política e das vidas individuais numa sucessão de projetos temporários, fragmentados, somadas às dúvidas com relação a carreira, profissão, sustentação dentro do mercado não permitem que esses indivíduos desenvolvam conceitos que poderiam ser significativamente aplicados. Além disso, os trabalhadores, em especial os jovens, atualmente muito mais virtuais, têm cada vez menos tempo, pois estão envolvidos em um número expressivo de tarefas mentais, não restando tempo para dedicar-se à própria vida, ao amor e aos afetos. Essas condições que alimentam a economia contemporânea indicam o que Bauman (2009a) chama de “colapso do pensamento”, efeito que, de acordo com Berardi (2019), é gerador da crise nervosa que afeta a mente global. Há uma ocupação permanente da vida material, e o efeito é a psicopatologização social, isto é, o adoecimento.

A esse respeito, Sennet (2019) diria que a narrativa do jovem reflete na verdade a experiência do tempo na moderna economia política; justamente a partir da ideia de que o capitalismo contemporâneo não permite que as pessoas desenvolvam perspectivas seguras e coerentes para suas vidas quando se referem ao trabalho, pois a habilidade de assumir uma postura suscetível a riscos converte-se em uma condição habitual em suas experiências laborais. Há um constante temor do trabalhador da atualidade de se tornar dispensável, por isso a geração contemporânea busca atender aos preceitos das corporações: adaptar-se às constantes mudanças, desenvolver de forma ágil novas habilidades e estar disposto a descartar velhas experiências. Ainda segundo Sennet (2019), o que se propala dentro das grandes estruturas é que os indivíduos devem ser moldados conforme os anseios de um ideal lucrativo. São valores que se disseminam para todas as instâncias da vida dos indivíduos e que, conseqüentemente, figuram como padrão nas narrativas dos jovens da atualidade, de modo que não há espaço para outros planejamentos.

Essas visões narrativas, às vezes chamadas “pós-modernas”, refletem na verdade uma experiência do tempo na economia política. Um eu maleável, uma colagem de fragmentos incessante vir a ser, sempre aberto a novas experiências – essas são as condições adequadas de experiência de curto prazo, as instituições flexíveis e ao constante correr risco. Mas há pouco espaço para compreender o colapso de uma carreira, se acredita que toda a história de uma vida é apenas uma montagem de fragmentos. (SENNET, 2019, p. 159-160).

Ainda sobre o depoimento supratranscrito do universitário, percebe-se também a materialização do que concebe o capitalismo flexível quanto à alteração do entendimento da natureza do trabalho, bem como de sua organização: a contemporização demandada aos trabalhadores que alterou o próprio significado da carreira, como algo contínuo e duradouro.

Ao analisar as características da sociedade atual e o mundo do trabalho, De Masi (2017) afirma que os jovens se encontram em dois tipos diferentes de precariado¹⁸:

[...] há uma faixa crescente, sobretudo de jovens, que entram e saem continuamente do mercado de trabalho realizando pequenos serviços de todo

¹⁸ O precariado é aquele setor em que se inserem os trabalhadores que passam horas no emprego com valores irrisórios para a quantidade de trabalho. (Disponível em: <https://www.metlife.com.br/blog/desenvolvimento-pessoal/precariado/>. Acesso: 11 nov. 2022.)

tipo sem um contrato ou com um contrato que permite ao empregador a máxima arbitrariedade em decidir sua duração, a remuneração e as modalidades... Ainda mais abaixo há outra faixa quantitativamente crescente, composta por jovens que concluíram os estudos, mas não encontram trabalho. Esse é o grupo cada vez mais numeroso dos Neet (*Not Engaged in Education, Employment or Training*), exposto à depressão, ao desespero, ao tédio, ao descio [sic] social. (DE MASI, 2017, p. 459).

Tais grupos, compostos em sua maioria por jovens, estão condenados a serem consumidores sem possuírem direito à cidadania. Tornam-se uma espécie de “indigentes” mesmo possuindo diplomas universitários, com pouco ou nenhum acesso a políticas públicas de seguridade social.

Segundo Sennet (2019), os indivíduos desta geração não conseguem construir por meio de seus empregos planos de vida longevos e de longa consecução, o que, automaticamente, dificulta a constituição de uma identidade a partir do trabalho, assim como inviabiliza relações interpessoais que favoreçam formações de interesses comuns. O entendimento em torno do sentido político do trabalho mudou; por ser concebido na esfera individual, completamente desvinculado do contexto coletivo, está do mesmo modo dissociado da definição de classe ou das demandas societárias mais complexas.

O autor também discute as implicações produzidas pelo capitalismo flexível, que agride especialmente as formas rígidas do trabalho e da rotina. Espera-se que os trabalhadores sejam ágeis, passíveis de mudanças imediatas, assumam riscos e cada vez menos dependam de leis e mecanismos formais. Na era da terceirização e uberização¹⁹ dos serviços, isso aparece muito mais otimizado; há aumento do trabalho informal, redução no número de empregos, rotinas exaustivas com jornadas longas de trabalho, exigências de múltiplas funções para dar conta das demandas capitalistas (SENNET, 2019).

Em nome de uma suposta racionalidade organizacional, ocorreu (e ocorre) uma destituição de tudo o que é emocional, já que, em nome da modernização tecnológica, os trabalhadores, em curto espaço de tempo, se tornam obsoletos e são colocados (na verdade, jogados) em uma vala comum de “excedentes”.

¹⁹ A atribuição do termo “uberização” não se resume ao modelo de atividades exercidas pela empresa Uber; a terminologia se refere ao *modus operandi* daquela empresa que ganhou visibilidade e foi largamente dissipado no mercado de trabalho via plataformas digitais. (Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/601659-uberizacao-da-vida>. Acesso em: 15 nov. 2022.)

A atual configuração social faz com que os indivíduos executem tudo o que puderem. Agindo assim, acreditam que alcançarão o “sucesso”, mesmo que seja às custas de si mesmos. O medo de não triunfar torna os indivíduos angustiados, e eles se submetem a um regime de trabalho exaustivo, tornando-se senhores e escravos de si mesmos. São circunstâncias que subjugam o trabalhador, pois favorecem a desqualificação em torno do sentido do trabalho como motor de ação humana para o desenvolvimento social e pessoal, conforme pode ser constatado nos relatos que seguem.

O meu medo do mercado de trabalho é de ter que baixar o padrão de vida. Por exemplo, se você tem uma família, tem que sustentar essa família, não é mais só você e/ou você ser sustentado. Vejo que na área que eu quero seguir, existe uma sobrecarga de pessoas que hoje já estão sem trabalho, e existe muita concorrência. Já não é possível visualizar carreira promissora, como satisfação pessoal, de gostar de exercer determinada profissão, precisa mais que isso. Eu vejo que para me destacar eu teria que oferecer mais, me aprimorar com cursos, ter um diferencial, especialmente agora que o mundo está cada vez mais tecnológico. (J18, URBANO, 2022).

O mercado de trabalho está difícil. Quando você é nova, que começa em qualquer profissão, você acha que você nunca é capaz, que você é muito crua para estar lá, que só estar trabalhando não vai ser o suficiente. Então, desde que eu ingressei no mundo do trabalho, vivo fazendo alguma coisa para me qualificar, na verdade a gente tem que oferecer algo diferente do outro, até para conseguir manter o emprego. Quando você está começando, você é “pau para toda obra”, me colocavam para fazer de tudo. Eu via no início, as pessoas duvidando que eu seria capaz de seguir, de conseguir fazer um bom trabalho. Isso fez que eu exigisse muito de mim mesma. (J10, UNIVERSITÁRIA, 2021).

A reestruturação do mundo do trabalho diante da economia globalizada ocasionou reformas estruturais; Sennet (2019) as pontua: o desenvolvimento das novas tecnologias em escala global; as mudanças organizacionais das corporações; as fragmentações; os perfis de capacitação. Todos esses aspectos podem ser identificados nas narrativas dos jovens, os quais refletem os padrões de condutas por eles assumidos. As situações sinalizadas refletem a instabilidade provocada pelo sistema adotado, especialmente nestas últimas décadas, em todos os aspectos relacionados ao universo laboral: na renda, na representação, no mercado, na profissão ou em outros aspectos. Tal circunstância faz prosperar condições sociais fragmentadas, o que incide também no modo de ser e pensar na vida e nos projetos futuros. Pode-se aferir, a partir disso, que as condições impostas pelo sistema baseadas no modelo de trabalho de curto prazo, em permanentes instabilidades e

pressões constantes criam um conflito entre caráter e experiência que ameaça a capacidade desses jovens de transformar seus ideais em narrativas sustentáveis.

As incertezas do presente, assim como as dúvidas no que diz respeito ao futuro do trabalho, colocam em teste o próprio senso de caráter pessoal desses jovens. Sennet (2019) explica isso no livro *A corrosão do caráter consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*, cuja primeira edição foi escrita há mais de duas décadas, porém é ainda muito pertinente para os dias de hoje.

Para ele, é muito natural que a flexibilidade cause ansiedade, pois as pessoas não sabem que riscos serão compensados e qual o caminho a seguir. As incertezas no ambiente de trabalho com ênfase nos trabalhos de curto prazo, que atacam as formas rígidas da burocracia, as consequências da rotina exacerbada e os sentidos e significados atribuídos ao trabalho não permitem que as pessoas desenvolvam experiências ou construam narrativas coerentes para suas vidas (SENNET, 2019). É o que afirma nesta passagem:

[...] caráter é o valor ético que atribuímos aos nossos próprios desejos e as nossas relações com os outros. [...] o caráter de alguém depende de suas ligações com o mundo. Neste sentido “caráter” é o termo mais abrangente que seu rebento mais moderno de “personalidade”, pois este se refere a desejos e sentimentos que podem apostemar por dentro, sem que ninguém veja. O termo caráter se concentra sobretudo no aspecto a longo prazo de nossa experiência emocional. É expresso pela lealdade e o compromisso mútuo, pela busca de metas a longo prazo, ou pela prática de adiar a satisfação em troca de um fim de futuro. (SENNET, 2019, p. 10).

Vive-se, diante disso, o capitalismo mais nefasto e incerto, em que a segurança foi eliminada sob o altar do risco e da aposta de maior liberdade para os indivíduos moldarem suas vidas. Trata-se, porém, de uma liberdade ilusória e/ou falsa. Esta nova ordem impõe novos controles, que são difíceis de entender, causando impactos sobre o caráter pessoal do ser humano.

Os indivíduos da sociedade atual se tornaram “multitarefa”. Essa transformação se deu com a sobrecarga de trabalho (“autoexploração”) somada ao excesso de informações e estímulos para o consumo enunciados pelo aparato midiático, responsáveis pela fragmentação. Esse “sujeito de desempenho” experimenta a contradição de viver uma liberdade coercitiva (HAN, 2017).

Ainda segundo Han (2017), neste regime, a exploração não está associada diretamente à alienação e, sim, à liberdade e à autorrealização. Não é mais o Outro como explorador, mas Eu próprio que exploro a mim mesmo, de boa vontade, na

crença de que possa me realizar. “E me realizo na direção da morte. Otimizo a mim mesmo para a morte.” (HAN, 2017, p. 115-116).

Com olhar crítico em torno da sociedade capitalista, Beck (2011) corrobora o entendimento dos demais autores de que o mundo do trabalho é extremamente incerto. Para o autor, as alterações em esfera global diluíram valores essenciais da sociedade do trabalho, assim como romperam a relação histórica entre capitalismo, Estado de bem-estar e democracia, de modo que, no contexto contemporâneo, localiza-se o capitalismo que não tem outros objetivos senão o lucro, a exclusão social e o desdém com o ser humano produtor de mercadorias. O objetivo final desse sistema dominador, sustentado na maximização do lucro, situa-se na universalização de uma espécie de analfabetismo democrático, bestializando em massa os seres humanos.

Na sociedade contemporânea, outras capacidades suplementares tornam-se cruciais para a sobrevivência, já que o indivíduo é o único responsável pelo seu triunfo ou frustração, cabendo a ele mesmo investir em si. Os excertos que seguem exemplificam tal condição.

De um modo geral não vejo nenhuma profissão que me dê segurança. Nenhuma faculdade que você vai fazer é seguro que você vai ter um trabalho bom e que você irá ganhar dinheiro. É muita gente concorrendo no mercado, para a gente que é jovem e precisa ingressar é difícil. Tem que correr atrás. (J17, EM LIBERDADE ASSISTIDA, 2022).

Hoje o mundo do trabalho é como uma corrida, muito competitivo. Então não resta outra alternativa senão estar em constante qualificação. Não importa qual a profissão você escolher, você precisa ser melhor. (J19, URBANO, 2022).

Em ambos os relatos, a flexibilidade no que se refere à qualificação é uma das características necessárias para a sobrevivência diante deste cenário cada vez mais competitivo. O sucesso e o fracasso na corrida pela singularidade dependem da fugacidade de seus competidores, de sua capacidade de adaptar-se ao novo e desfazer-se do ultrapassado. Trata-se, de acordo com Bauman (2008), de fazer de si mesmo uma mercadoria vendável, elevando o poder de atração do consumidor final, neste caso, as empresas. A sociedade de consumo não está apenas relacionada à compra de objetos; compram-se competência, experiência, perfil profissional, dentre muitas outras habilidades. “Há muitas áreas em que precisamos ser mais competentes, e cada uma delas requer uma ‘compra’. ‘Vamos às compras’ pelas

habilidades necessárias a nosso sustento e pelos meios de convencer nossos possíveis empregadores de que as temos.” (BAUMAN, 2001, p. 88).

Tal cenário faz com que a produtividade seja crescente e, conseqüentemente, que os indivíduos busquem sempre o desempenho em detrimento de qualidade de vida. Essa aceleração acaba deixando as conquistas individuais do hoje se tornarem obsoletas amanhã, num ritmo frenético de descartes.

Os tempos atuais são definidos por Han (2017) como “sociedade do desempenho”:

É precisamente a impossibilidade – condicionada pela sociedade – de formas objetivamente válidas e definitivas de conclusão que leva o indivíduo para dentro de uma repetição narcisista, de tal modo que não consegue alcançar qualquer configuração, imagem estável de si mesmo nem caráter. O sentimento de ter alcançado uma meta não é “evitado” deliberadamente para aumentar a autoestima. Antes, o sentimento de ter alcançado uma meta jamais chega a se estabelecer. (HAN, 2017, p. 65).

A vida do trabalho sempre foi de grandes incertezas, porém o destaque dado às incertezas da modernidade constitui-se pelo fato de que, na atualidade, ela se direciona à individualidade. A partir do momento que se dissolvem os interesses comuns, as ansiedades e as angústias passam a ter tendência de resoluções individuais, e não por uma classe unificada. Como Bauman (2009a), Beck (2018) comunga da ideia de que nos tempos atuais há uma cisão entre o capital e o trabalho, o que traduz outras incertezas diferenciadas daquelas oriundas dos tempos anteriores.

Avançando ainda mais no que diz respeito ao tema no contexto das transformações tecnológicas, há que se considerar o quanto isso repercutiu na forma e na concepção do trabalho, fora o que envolvem, entre outras, as questões de automatização e substituição da mão de obra. Este é um dos grandes temores das gerações atuais, tratado por Sennet (2019) como “fantasmas da inutilidade”: o desenvolvimento tecnológico que substitui o trabalho humano, somado à ampliação do desemprego, à redução de salários e à gestão do envelhecimento. Em suas análises, assim como Sennet (2019), tanto Bauman (2009a) como Beck (2018) comungam da ideia de que a dependência do trabalho em relação ao capital fez sucumbir as regras, e a profundidade dessas experiências seguiu contra toda a lógica humana, não poupando nem mesmo os mais estreitos laços de afinidade entre as pessoas.

Dentro de uma sociedade sob o regime de aleatoriedade, de valores flutuantes, a precariedade manifesta-se como uma impossibilidade de traduzir as interações em ações e comportamentos, o que abala a formação da nova geração. Desse modo, o futuro passa a ser uma ameaça quando a imaginação coletiva se torna incapaz de enxergar possibilidades alternativas para eliminação da exploração, da miséria e da violência. E esta parece ser a situação atual, porque a economia se converteu em sistemas de automatismos tecnoeconômicos aos quais a política está intrínseca (BERARDI, 2019).

Para Berardi (2019), o sistema econômico em desenvolvimento nas últimas décadas do século passado não é a causa da transformação que surpreendeu as formas de trabalho e subverteu as políticas conquistadas ao longo de um século e meio de história. Trata-se da legitimação ideológica e da implementação de um processo que se desenvolve nos interstícios da infraestrutura técnica digital nas profundezas do psiquismo coletivo. Nesse sentido, o autor esclarece:

Pensemos no que era o trabalho na época industrial. O trabalhador era uma pessoa jurídica, um indivíduo, um corpo que emprestava o seu tempo [...] ao capital para que este pudesse sugar ao máximo de valor possível. Mas, naquele âmbito, a pessoa era portadora de direitos políticos e sindicais, e o corpo físico era movido por pulsões, instintos, desejos e fraqueza. Em uma luta-negociação ininterrupta, o capital e o trabalho entravam em conflito, faziam acordo e estabeleciam regras. Reconheciam-se direitos [...]. Quando o processo de produção se transforma em rede digital [...], não há mais nenhuma necessidade da pessoa jurídica do trabalho nem de seu corpo físico [...]. A pessoa é apenas um resíduo irrelevante, incambiável, precário do processo de produção de valor. [...] Não pode reivindicar nem um direito nem se identificar como singularidade. (BERARDI, 2019, p. 139).

Em outras palavras, o que está explícito é que o “progresso” tecnológico da inteligência artificial, da internet das coisas e da robótica avança a dissolução das relações de assalariamento, do chamado emprego formal que sustentou essas relações ao longo dos séculos de evolução da denominada economia de mercado. Amplia-se a subordinação das grandes estruturas monopolistas que emergem das transformações tecnológicas e organizacionais.

Grande parte dos seres humanos vivem dominados pelas preocupações decorrentes das relações cotidianas advindas das pressões do mercado, dos seus chefes, colegas e até clientes, carregando-os consigo aonde quer que vão, por meio dos seus laptops, telefones celulares e outros meios de comunicação digital. Não há mais justificativa para a ausência de respostas, já que a todo momento se está sempre

as ordens, conectado. A fronteira que divide a jornada de trabalho e o tempo livre, o lar e o espaço laboral fora quase eliminada. Na era digital, a todo e qualquer momento a vida pode ser demandada aos deveres do trabalho e às solicitações do capital, grande responsável por regular esse tempo.

Berardi (2019) entende que

Capital que se recombina e trabalho precário são as figuras dominantes na cena do nosso tempo. O capital não precisa mais usufruir de todo o tempo de vida do trabalhador, precisa apenas de fragmentos isolados de seu tempo, instantes de atenção e operatividade. O capital quer se ver livre para transitar para todos os cantos do mundo com o fim de encontrar todo fragmento de tempo humano disponível para ser explorado pelo salário mais miserável. (BERARDI, 2019, p. 137).

Dessa forma, o indivíduo contemporâneo, em benefício de um consumismo e do materialismo, abre mão do espírito comunitário para tornar-se individualista e narcísico, entregando sua liberdade e sua privacidade em troca da promessa de uma “autorrealização”. Esse comportamento muito comum em jovens do mundo todo nos permite compreender a formação da nova subjetividade, a fragilidade política dessa geração precária e conectada. Para Berardi (2019), a tendência que se percebe nesses indivíduos é o isolamento, a recusa, pois é como se não houvesse mais nada para fazer com a vida social fundada na competição, na violência psicológica e na frustração.

Como consequência, abrem-se os caminhos da individualização dos riscos e das contradições sociais institucionalmente produzidos (BECK, 2018). Nesta sociedade, resta aos indivíduos tratar de si mesmos, pensar em si mesmos, pois são os únicos responsáveis pela sua situação individual, seja uma situação de bem-estar, uma situação de abandono, de humilhação, etc. Os jovens, neste caso, necessitam aprender, sob pena de dispêndio irreversível, a identificar-se como foco de ação, como gestores de planejamento no que concerne à sua carreira, às suas capacidades, enfim, eles mesmos passam a ser a unidade referencial do social. Sob essas condições, o desemprego, por exemplo, é como se fosse um destino pessoal, e os afetados têm que arcar por conta própria com as consequências, já que o destino coletivo se converteu em destino individual. Nas palavras de Bauman (2009a), deixa-se nas mãos dos indivíduos a busca por respostas e práticas de soluções individuais a problemas socialmente produzidos.

“O capitalismo marcou e codificou o corpo do intelecto geral em rede, segundo o modelo operacional baseado na acumulação de valor, e não em um modelo de utilidade social [...]” (BERARDI, 2019, p. 182). E, para que tudo funcione nesse sistema, é preciso tornar compatíveis todos os signos que entram em conexão. Seria como fazer uma espécie de reformatação da atividade mental, psíquica, cognitiva e tecnológica da época contemporânea. Essa reformatação da atividade mental tem aspectos técnicos digitais, mas tem também aspectos psicocognitivos, os quais se desenvolvem por diferentes vias: “a comunicação, a engenharia da imaginação, a psicofarmacologia e o processo de formação” (BERARDI, 2019, p. 141).

Ao tratar especialmente do processo de formação, o autor afirma:

A escola e a universidade são cada vez menos destinadas à formação de pessoas livres e cada vez mais à produção de terminais humanos compatíveis com circuito produtivo. A finalidade cada vez mais explícita da formação é o de tornar os seres humanos dependentes do processo de produção de valor. (BERARDI, 2019, p. 141).

Em outros termos, o que está posto não só para os jovens mas para a civilização como um todo é que, à medida que o sistema capitalista se modifica, tudo o que permeia o seu entorno precisa fluir na mesma frequência. Por isso são acionadas as diferentes vias de modo, nas quais o indivíduo esteja formatado para atender todas as demandas operacionais do sistema produtivo do mundo globalizado e altamente tecnológico. Obviamente, uma das vias mais importantes para que a máquina funcione efetivamente é a educação; as reivindicações em torno dela fluem no sentido de que venha a colaborar tão efetivamente com a criação de uma força de trabalho que favoreça a expansão e a acumulação do capital. As orientações do sistema produtivo modificaram-se ao longo dos últimos anos, dadas as reconfigurações oriundas dos novos formatos desenvolvidos pelas tecnologias de comunicação e informação. Essas implicações passaram a exigir um novo profissional e sua instrumentalização, de modo a operar em prol do crescimento da produtividade econômica.

É provavelmente por isso que os programas de “educação continuada” tendem a ser remodelados, impreterivelmente e sem explicação, como exortações à “aprendizagem ao longo da vida” - “repassando” desse modo a responsabilidade pela seleção e aquisição das qualificações, pelas consequências das escolhas equivocadas, para aqueles situados do lado do receptor do “mercado de trabalho”, reconhecidamente fluido e instável. [...] Permita-me também acrescentar que a mudança na ênfase da “educação” para a “aprendizagem” condiz muito bem com outra tendência, comum entre

os gerentes contemporâneos: a inclinação a “repassar” de seus ombros para os dos empregados a responsabilidade por todos os efeitos, principalmente os negativos, e de modo mais geral a responsabilidade por “não estar à altura do desafio”. (BAUMAN, 2009a, p. 160-161).

Muitos equívocos persistem no que diz respeito às prioridades da educação em diversos setores da sociedade, e, portanto, há objetivos meramente econômicos. As iniciativas dos grupos dominantes afeitos por propostas de segregação organizam-se cada vez mais no sentido de direcionar valores e princípios da formação humana dentro dos parâmetros da economia capitalista. Os processos formativos dos jovens têm-se desenvolvido em convergência com o mercado produtivo contemporâneo, com a função primordial de desenvolver habilidades humanas para atuarem dadas as mudanças tecnológicas do mundo digital. As intenções primordiais convertem-se para transformar a geração emergente em grande capital humano consumista.

Muitos espaços educacionais, embalados pelo desenvolvimento tecnológico, continuam aviltando, mesmo sem perceber, as questões humanas, as individualidades, as culturas não dominantes. Segundo Bazzo (2019), boa parte das instituições de educação, em seus diferentes níveis, para estarem de acordo com o ritmo do sistema, seguem inabaláveis na busca da competitividade demasiada calcada na relação custo-benefício, tendo como matriz algo abstraído do seu entorno. Os “conteúdos” seguem sendo “repassados” aos jovens como se fossem ferramentas de treinamento. A reflexão, a criticidade, a análise das diferentes questões que se mostram indispensáveis nos dias atuais não ganham espaço nos hermenêuticos currículos que assentam sua atenção apenas para as inovações tecnológicas e quase sempre dissociadas das questões sociais. De fato, o jovem que se encaminha ao mundo do trabalho passa a ser formatado tal qual uma linha de produção. Todo o sistema convém, ciente ou não, no sentido de moldar esses indivíduos às novas exigências dos mercados, padronizando modelos de formação e condutas, ideais ao sistema de negócios.

Por isso, dada a confusão de sensações em que a sociedade como um todo se encontra, como poderiam estes jovens, que possuem futuro longo, estabelecer perspectivas de vida com projetos duradouros? Qual o sentimento que sustenta o caráter deste indivíduo? Como este jovem vai decidir o que tem valor perdurável para si em uma sociedade impaciente e imediatista? Como traçará metas de longo prazo se a economia é imediata? Como estes jovens vão desenvolver uma narrativa de

identidade de uma vida em sociedade composta de episódios e fragmentos? Como sustentar um caráter de respeito mútuo se as regras da economia capitalista pregam que um indivíduo precisa ser melhor que o outro?

São muitas perguntas para poucas respostas. O que se sabe, porém, é que se vivem tempos sombrios e, se a mente humana decidir continuar letárgica diante dos inúmeros problemas desta civilização, certamente o futuro das gerações mais jovens estará fadado ao desastre.

Não resta dúvida de que a mudança no que concerne ao mundo do trabalho, assim como em relação às demais variáveis que nos acantonam mundo afora, depende substancialmente de transformações que envolvem o sistema como um todo. Ora, se para o sistema dominante fluir precisa configurar todos os signos de sua conexão, para que o oposto se concretize, uma reconfiguração total também se faz necessária. Portanto, não sejamos ingênuos a ponto de acreditar que apenas por uma via podemos alterar o percurso do destino. É sabido, portanto, que a refundação de uma nova proposta que venha equalizar e solucionar os problemas humanos necessita indubitavelmente de um projeto com princípios e valores coletivos. E quiçá, novamente, assim como a educação pode ser instrumento de treinamento alienado para o mercado de trabalho, ela pode ser também a principal ferramenta de transformação social capaz de reunir as partes universalmente interligadas no sentido de romper os ciclos viciosos da segregação e construir discernimentos reflexivos emancipatórios que estejam em consonância com a vida.

Na sociedade industrial do século XX, o poder pertencia aos donos dos meios de produção; atualmente, ele (o poder), segundo De Masi (2017, p. 474), “depende cada vez mais da propriedade dos meios de ideação e de comunicação”. A partir disso, o papel da informação torna-se crucial e, para os trabalhadores fazerem a balança pender para seu lado, é necessário que saibam utilizar os meios de informação e comunicação.

Falando claramente, é para isso que a educação e a aprendizagem têm alcance, para isso devem ser permanentes e realmente ocorrer ao longo da vida, de modo que concretizem o que Bauman (2009a) considera o verdadeiro sentido do “capacitamento”. Ou seja, “Não são apenas habilidades técnicas que precisam ser continuamente renovadas, nem é somente a educação voltada para o mercado de trabalho que precisa ocorrer ao longo da vida. O mesmo é exigido, e com mais urgência ainda, pela educação para a cidadania.” (BAUMAN, 2009a, p. 164).

Em suma, os fins decisivos para uma educação ao longo da vida têm de estabelecer vínculos pessoais, desenvolver habilidades de engajamento humano com esforço para transformar este mundo em um ambiente mais hospitaleiro de cooperação mutuamente enriquecedora, de homens e mulheres que lutam pela autoestima, pelo desenvolvimento de seu potencial e pelo uso adequado de suas competências. Também, para que possam perseguir seus objetivos existenciais com esperança e dignidade na vida; ou seja, há que tornar possível a mudança da atual cultura de consumo para outra que privilegia a solidariedade, os valores humanos e a felicidade de todos os indivíduos.

5.2.2 Variável: valores sociais e humanos

A civilização global atingiu em 2022 o marco de 8 bilhões de habitantes no Planeta Terra (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2022). Em tempo algum, a humanidade teve à disposição tanta capacidade analítica e imaginativa, tantos cérebros que despertam todos os dias e começam a pensar e a viver seus sonhos. Todavia, o mesmo potencial que essa imensa população tem de contribuir com as soluções resolutivas para este coletivo, tem também para criar problemas deveras cada vez mais complexos.

Ao fazer uma radiográfica da nossa civilização e das mudanças pelas quais esta sociedade vem passando, Llosa (2013) afirma:

Nunca vivemos, como agora, uma época tão rica em conhecimentos científicos e invenções tecnológicas, bem mais equipada para derrotar as doenças, a ignorância e a pobreza; no entanto, talvez nunca tenhamos ficado tão desconcertados diante de certas questões básicas como o que fazemos neste astro sem luz própria que nos coube, se a mera sobrevivência é o único norte que justifica a vida, se palavras como espírito, ideais, prazer, amor, solidariedade, arte, criação, beleza, alma, transcendência ainda significam alguma coisa, e, em sendo positiva a resposta, o que há e o que não há nelas. (LLOSA, 2013, p. 103).

Vivem-se tempos acelerados, em que se experimentam grandes transformações na cultura da modernidade. “A mudança é inevitável. Hoje sabemos que tudo é mutável e que tudo evolui.” (KELLY, 2019, p. 8). No centro das transformações da vida humana, encontra-se algum tipo de tecnologia, que altera não apenas as condições culturais e ambientais dos seres do Planeta, mas também os processos biológicos e subjetivos dos indivíduos. O desenvolvimento tecnológico não

é só responsável pelas transformações das coisas e dos objetos, mas sobretudo pelo destino da civilização. “A tecnologia é o acelerador da humanidade. Tudo está em fluxo. Nada está concluído. Nada está feito. Essa mudança sem fim constitui o eixo central do mundo moderno.” (KELLY, 2019, p. 8).

A tecnologia, indubitavelmente, surge como um expoente e insere-se na rotina dos indivíduos de maneira inexorável. É inegável que o desenvolvimento tecnológico beneficiou, e muito, a vida dos seres humanos globais. Porém, esse vasto e célere sistema, que afeta o mundo de maneira favorável, segue gerando uma infinidade de relevantes problemas, de modo a desestabilizar todas as estruturas da funcionalidade.

Assim como se tem ciência das vantagens desse desenvolvimento, tem-se também a consciência de que esses adventos, atualmente impulsionados pela TDIC, sobretudo pela presença maciça dos artefatos digitais em todas as esferas da vida humana, são rapidamente absorvidos pelas pessoas em seus cotidianos. As características sociais sustentadas sob esse processo deram novos *status* à maneira de os indivíduos se socializarem com outros indivíduos, com as instituições e consigo mesmos. As sucessivas ofertas de novidades e artifícios disponibilizados pelos meios digitais transformaram o mundo, mas principalmente a forma como os seres humanos se movimentam e pensam sobre ele. Comparativamente a outras épocas, em que grandes mudanças marcaram a história, a geração atual, em um tempo relativamente curto, se tornou rapidamente adepta ao consumo desses atraentes artefatos criados pela própria mente humana que, sem cessar, oferecem, com uma rapidez cada vez maior, a obtenção momentânea daquilo que supostamente falta.

Um dos grandes propósitos da vida contemporânea, apontado por Bauman em *A Arte da Vida* (2021), tem sido a busca incessante pelo prazer e pela felicidade. Pode-se dizer, de acordo com o autor, que a era moderna começou verdadeiramente com a proclamação universal da busca pela felicidade, e da promessa de asseverar sua superioridade em relação às formas de vida que ela substituiu – do mundo sólido para o líquido. Porém, o advento da felicidade como principal motor da ação humana agoura, como uma séria revolução cultural, social e econômica. Essa sociedade movida pelo agito do mundo digital tem provocado um mal-estar na civilização, não somente como efeito da economia e do consumo, mas também pelas rupturas dos padrões e pelas mudanças abruptas nos paradigmas existenciais.

O abismo factual criado pela civilização contemporânea, intensamente impulsionado pela era digital e todo seu aparato midiático, tem encontrado soluções nos mercados que materializam a ideia de felicidade, rompendo com o pensamento de felicidade subjetiva e convertendo-a em algo palpável, objetivo e real. O deslocamento desse sentido faz com que se apregoe a ideia de felicidade como um produto de mercado. Há uma fabricação midiática e publicitária dos sonhos e desejos, que podem ser adquiridos à vista ou em várias prestações, anseios que são traduzidos em produtos a serem almeçados para a conquista do *status*, da aprovação social medida pela quantidade de *likes* obtidos nas publicações em diferentes redes sociais e da felicidade.

Bauman (2009b) buscou formular o conceito de “felicidade”. Para isso, foi buscar aporte em autores como Aristóteles, Kant, Rustin, entre outros; porém nenhum deles atrela o sentido subjetivo da felicidade a algo que pode ser um bem ou uma mercadoria comprável. Para o autor, a felicidade é uma possibilidade, que não tem nenhuma relação com o lucro, com a acumulação de bens, ou com algo que vem pronto ou forçado; trata-se, sim, de um projeto de vida, que o indivíduo realiza consigo mesmo. O artista da vida rompe com a lógica do mercado, pois a felicidade humana não pode ser comercializada, não há uma coisa ou um objeto que traduza a felicidade.

Diversos estudiosos contemporâneos, e alguns deles citados ao longo desta tese, sustentam que os jovens da atualidade experimentam algo completamente diferente de outros tempos; justamente porque o modo como a internet e as mídias digitais se propagam em esfera global supera qualquer outra invenção em termos de tecnologia da informação. Isso faz com que os indivíduos contemporâneos constituam novas relações sociais, culturais, de valores; conseqüentemente, criam novas formas de experimentar o mundo, estabelecer vínculos e almejar perspectivas. A hiperexposição à qual esses jovens estão submetidos reverbera num estranhamento da realidade compartilhada. Eles são constantemente invocados a mostrar sua melhor versão às telas, preconizando o ideal perfeito de felicidade, desvirtuando a capacidade diligente, tão importante para a intelectualidade.

A psicanalista Sandra Niskier Flanzer publicou em 2020 a obra *Jovens em Tempos Digitais*. Doutora em teoria psicanalítica, ela analisa como o uso excessivo das ferramentas tecnológicas impôs, nos últimos anos, mudanças no comportamento dos jovens. Para essa autora, os novos laços sociais que se dão através das telas são fundamentados num jogo de espelhos: em transformar os jovens em possíveis

indivíduos autossuficientes e narcísicos. Segundo ela, o uso excessivo das ferramentas virtuais tem ocasionado uma inversão de valores. Aos poucos, o que despontou como oportunidade de inclusão tem-se encaminhado para um mecanismo ainda mais potente de exclusão – de segregação do próprio indivíduo, ou de sua relação com a cultura onde vive, e de seus laços sociais. Além disso, há consequências alarmantes de doenças mentais entre jovens: aumento de casos de automutilação e ideias suicidas, aumento de diagnósticos de Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), insônia, transtornos alimentares, irritabilidades – entre outros fenômenos observados. Com a pandemia, isso se acentuou e, dentre outras coisas, os recursos digitais passaram a ser os grandes aliados para a realização de atividades diárias – desde compras, passando por estudar, divertir-se – e para atravessar a solidão.

A psicóloga estadunidense Twenge (2018), que também estuda a geração dos nascidos a partir da década de 1990, os quais acessaram o celular/internet quase junto com a mamadeira, avalia que esse comportamento determinou uma série de hábitos inéditos entre os jovens. Ela elenca um conjunto de características apontando que esses indivíduos vivem menos felizes, mais ansiosos e são extremamente individualistas. São jovens que vivem hiperconectados, passando menos tempo com seus amigos e familiares, talvez por isso vivam altos índices de depressão, medos e solidão. Da mesma forma, as muitas horas despendidas ao mundo digital têm ocasionado dificuldades para determinar a própria identidade, a segurança com relação ao mundo, gerando pouca confiança nas pessoas e maior dependência.

De acordo com Berardi (2019), a fragilidade psíquica e a ultrapotência tecnológica destrutiva são a mistura que define a primeira geração videoeletrônica/conectiva. É na psicoesfera que se revelam hoje os efeitos de mais de duas décadas de infoinvasão, de psicofarmacologia de massa, de sedativos, estimulantes, insegurança social que se reverte em medo e solidão.

Para o filósofo sul-coreano Han (2017), o aceleração de hoje tem muito a ver com a carência do ser. Os seres de hoje vivem esgotados e deprimidos pelas inapeláveis exigências da existência à análise das novas formas de entretenimento que nos oferecem; da psicopolítica, que faz com que as pessoas aceitem ser dominadas mansamente à sedução do sistema; do narcisismo e do exibicionismo atuais, que proliferam, por exemplo, nas redes sociais – a obsessão por si mesmo faz com que os outros desapareçam e o mundo seja um reflexo da própria pessoa. O

autor reivindica que os contatos íntimos e cotidianos sejam restabelecidos para que a sociedade não reste composta por indivíduos doentes e cruéis.

Nas palavras de Bauman (2017, p. 47), “a vida da geração jovem é vivida hoje num estado de emergência perpétua”. As identidades flutuam no ar: algumas, por escolha própria; outras, infladas, espalhadas pelos indivíduos circundantes. As relações humanas mediadas eletronicamente são frágeis e fáceis de serem destituídas. Há uma ampla facilidade de desentendimentos, e cada vez mais os seres humanos perdem sua capacidade de estabelecer relações abertamente com pessoas reais, já que nos tempos atuais a moda é “surfar na rede”. As relações transitórias e instantâneas fazem com que cada um viva na individualidade suas angústias. Os nascidos em tempos líquidos vivem sem vínculos de relacionamentos, de compromissos e não estão seguros do que querem. A possibilidade de assumir uma coisa pelo resto da vida é absolutamente repulsiva e aterrorizante.

Do mesmo modo que para Bauman (2017) as fragilidades humanas não podem mais ser ocultadas, Flanzer (2020) refere que não haveria motivos para alardes se observássemos que a proliferação tecnológica digital comprovadamente evidenciasse mais felicidade, contentamento e realizações; sumariamente, se o retorno de todas essas transformações finalmente auxiliasse a tranquilizar a angústia milenar e incurável dos indivíduos. Mas não é o que a realidade mostra. Portanto:

Se, por um lado, não é possível exercitar um saudosismo em relação a essas mudanças, muito menos condenar os avanços tecnológicos radicais que inseriram alterações tão importantes em nosso comportamento; se não há caminho de volta, nem há utilidade no culto inócuo à nostalgia de antigos tempos ou ao modo como as relações funcionavam antes, por outro lado é inevitável, e urgente, que possamos reconhecer a necessidade e a importância de uma pausa. Pausa que, no mínimo, nos convoque a alguma responsabilidade sobre essas questões. (FLANZER, 2020, p. 34).

As condições impostas pela cultura contemporânea podem não ser passíveis de fáceis resoluções; por isso mesmo, são inadiáveis as respectivas discussões a respeito. Afinal, não podemos perder de vista as reflexões fundamentais que se encontram entrecruzadas no mundo contemporâneo. Embalados pelos deleites do “progresso tecnológico”, movidos pela publicidade ostensiva propagada pelo mundo digital, os indivíduos, em especial as gerações mais jovens, estão ficando cada vez mais letárgicos quanto a favorecimentos e malefícios, e estão entregando à própria sorte o que podem vir a enfrentar diante disso. O fato é que as mudanças planetárias,

alavancadas sobretudo pelo exibicionismo do mundo digital e todas as suas ferramentas midiáticas, têm desenvolvido um individualismo extremo, uma distorção de valores e o apego excessivo do ser humano a coisas, e menos a pessoas. Esse sistema que impõe produtos, dita as regras, é um obstáculo à criação de indivíduos seguros e independentes, capazes de decidirem por si mesmos o que apreciam, admiram, o que realmente importa para a vida, e que não tem valor comercial. Sobre essas questões, concordamos com a ideia de Llosa (2013, p. 16) quando afirma que “[...] a cultura-mundo, em vez de promover o indivíduo, imbeciliza-o, privando-o de lucidez e livre-arbítrio, fazendo-o reagir à ‘cultura’ dominante de maneira condicionada e gregária.”

Desse modo, propõe-se a reflexão: nestes tempos de constantes e universais mudanças, que lugar resta para o jovem do mundo moderno? O que esperar deste público se grande parte de suas inspirações decorrem do que visualizam diante das telas, e se suas identidades são demarcadas pelas instituídas leis do mercado? Em atenção a essas questões, nesta seção privilegiou-se contemplar narrativas que trouxessem as perspectivas dos jovens com relação ao seu futuro, como estabelecem seus laços sociais, valores, como projetam seus sonhos, desejos e o que consideram fundamental para uma vida feliz.

Cada época define a liberdade de forma diferente. Antigamente, a liberdade significava ser um homem livre, não um escravo. Na modernidade, a liberdade é internalizada como autonomia do assunto. É liberdade de ação. Hoje, a liberdade de ação é reduzido à liberdade de escolha e de consumo. O homem manualmente inativo do futuro se renderá à liberdade da ponta dos dedos [...] As chaves que tenho são tão numerosos que meus dedos nunca podem tocar todas. E assim tenho a impressão de estar completamente livre de decidir. A liberdade de usar a ponta dos dedos é, então, uma ilusão. A livre escolha é, na verdade, uma escolha do consumidor. Ele homem inativo do futuro realmente não terá outra chance de escolher, já que não vai agir. Ele viverá na pós-história. (HAN, 2021, p. 15).

A vida digital vai modificando as possibilidades de o futuro ser “algo a construir” para “algo previsível”, em que a emoção não está nos contatos e trocas com outros, mas, sim, nos produtos que consumimos.

O excerto que segue foi extraído da fala do jovem agricultor. Ele inicia sua reflexão com um questionamento, a partir do qual, por meio de exemplificação, traduz as modificações na forma como se estabelecem as relações sociais/culturais/de valores no mundo contemporâneo, que conseqüentemente alteram a maneira como o ser humano experiencia a vida.

Será que a gente vai ter condição de ter uma vida plena? Eu vejo assim, como eu já te falei anteriormente, a vida de agora mudou. Vou usar o exemplo da minha vizinhança que é bastante idosa, eu vejo os nossos velhinhos, com uma qualidade de vida fantástica, é baile de idoso, é sair fazer caminhada, fazer viagem, se reunir com os amigos tomar chimarrão, jogar baralho, contar histórias do passado, enfim. Eu me preocupo se a gente vai conseguir dar este mesmo sentido para a vida. Se hoje os jovens já nem se encontram mais, estão nos mesmos lugares falando pelo celular, a gente conhece mais a pessoa na rede social do que pessoalmente. Será que vamos ter um saúde mental e equilíbrio neste mundo louco que vivemos. A aceleração do dia a dia, a questão ambiental está complicada, a própria questão política assim, da liberdade da gente de pensar certas coisas e tentar praticar certas coisas também, então essas são algumas angústias que eu tenho, e em certo ponto me dá um pouco de medo também quanto ao futuro. (J8, AGRICULTOR, 2022).

Em Bauman (2008), encontra-se a explicação para o que a narrativa ilustra. Os nascidos em tempos sólido, “os mais velhos”, criaram suas bases sobre estruturas sólidas e permanentes, capazes de prevalecer para um futuro duradouro; pelo que parece, esse é um dos fatores que dá sentido à vida, no ponto de vista do jovem. Todavia, os nascidos em tempos líquidos não conseguem avistar a mesma perspectiva, já que, segundo o agricultor, a vida mudou e talvez falem equilíbrio e saúde mental para responder aos ensejos da modernidade liquefeita.

Se “antigamente” as relações humanas aconteciam em comunidade, agora, com tecnologia digital, elas se dão em rede, em uma condição na qual o tempo se sobrepõe ao espaço. As pessoas nunca têm tempo o suficiente, estão demasiadamente ocupadas a responder as infinitas mensagens, a consumir as intermináveis notícias que não param de chegar. Ocupam boa parte do seu tempo respondendo às demandas da virtualidade, distanciando-se das tarefas mais artesanais – um simples café, ou a visita a amigos. Os relacionamentos estão cada vez mais condicionados a conexões, que podem ser feitas e desfeitas a qualquer momento, basta um simples toque de conectar ou desconectar. Esse parece ser um dos grandes motivos pelo qual, principalmente, as gerações mais jovens têm dificuldade em manter laços seguros e duradouros. A prevalência do mundo virtual sobre o real, condição tão presente na vida do indivíduo, talvez explique, em parte, a força com que a tecnologia avançou, no sentido de cada vez mais potencializar a individualização do seu humano.

Hoje estamos na transição da era das coisas para a era das não-coisas. São as informações, não as coisas, que determinam a mundo em que

vivemos. Não habitamos mais a terra e o céu, mas *Google Earth* e a nuvem. O mundo torna-se cada vez mais intangível, nublado e espectral. Nada é sólido e tangível. As coisas estabilizam a vida humana, “e sua objetividade reside no fato de que [...] os homens, apesar de suas mudanças constantes da natureza, eles podem recuperar sua singularidade, isto é, sua identidade, relacioná-lo com a mesma cadeira e a mesma mesa.” As coisas são polos de resto da vida. Atualmente, eles são completamente coberto de informações. Os impulsos de informações são tudo menos polos de repouso da vida. Não é possível parar na informação. Tem um intervalo de recência muito reduzido. Ele vive do estímulo que é a surpresa, da transitoriedade que desestabiliza a vida. (HAN, 2021, p. 8).

Uma das principais questões que preocupam hoje, e que está implícita no relato do agricultor, é a tendência ao isolamento e à falta de convívio social. Vê-se muito: círculos de indivíduos ocupando o mesmo espaço porém presos às redes, tecendo sem parar, muitas vezes comunicando-se virtualmente com pessoas que estão a menos de dois metros de distância. A proliferação de mecanismos virtuais, aplicativos, plataformas digitais, etc., que supostamente outorgam mais autonomia, renuncia cada vez mais a presença física do Outro. Conforme Han (2021), os processos comunicativos realizados digitalmente promovem uma redução considerável nas relações humanas. Estamos nas redes porém sem estarmos interligados uns com os outros, pois não existe intensidade na comunicação digital e, portanto, estar em uma ou várias redes sociais digitais não é equivalente a estar relacionado.

Para Flanzer (2020), apesar de estarem isolados, esses jovens não estão sós; pelo contrário, encontram-se bastante acompanhados, o que de longe não significa um bom sinal. Fazem-lhes companhia as dezenas de mensagens que recebem por minuto, as ininterruptas falas que chegam de diversas fontes, os áudios (hoje com possibilidade de acelerá-los) originários de diferentes mídias, as incessantes notícias (inclusive as *fake news*²⁰), enfim, toda sorte de aparições alheias a eles mesmos, que acabam por lhes fazer companhia durante as 24 horas do dia. Suficientes em suas redes ou em ambientes específicos, e “protegidos” por telas, esses jovens estão perdendo as habilidades de leitura, escrita e interpretação, capacidade crítica, práticas de convívio social, definindo a musculatura dos exercícios básicos de civilização.

²⁰ Pode-se definir *fake news* como mensagens falsas que, embora pareçam verdadeiras, são intencionalmente produzidas com a intenção de influenciar pessoas ou grupos em prol de interesses específicos, majoritariamente políticos. Com essa definição, exclui-se erros de matérias jornalísticas ou boatos espontaneamente produzidos. (Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/9512>. Acesso: 13 fev. 2023.)

Assim, acabam por prescindir, ou deixam de adquirir, aquela resiliência necessária que passa pela experiência insubstituível da relação com o Outro.

O declínio da convivência física entre as pessoas faz com que se deixe de levar em consideração a existência do Outro e que, portanto, é necessário respeitá-lo. Perde-se a oportunidade da divergência salutar de ideias, da argumentação e da consistência na defesa de um ponto de vista. Existem exemplos triviais de como a falta de convívio tem provocado situações de resistência, ausência de solidariedade, carestia de limites diante de situações contraditórias, além da indiferença e inexistência de sensibilidade diante da dor do Outro. A carência de convívio social faz com que o indivíduo não se sinta pertencente a esta sociedade, da mesma forma que não reconhece que existem leis e regras sociais.

Para o jovem agricultor, a possibilidade de uma vida feliz, em partes, está condicionada à necessidade do contato pessoal entre os indivíduos:

[...] para ter uma vida feliz, eu acho que o contato com as pessoas é fundamental, ter a liberdade de encontrar, de abraçar, de conversar. Como a gente falava anteriormente, poder falar sobre o que a gente gosta sem medo, poder assumir o que a gente é, o que a gente faz, sem ter receio, essa liberdade é fundamental. Claro, ter condições de saúde. (J8, AGRICULTOR, 2022).

A substituição das relações em comunidade pelos ambientes virtuais é uma das constatações que fez com que o jovem considerasse o contato com as pessoas, o encontro, o abraço, a conversa condições indispensáveis para uma vida feliz. Porém, somado a isso, é importante destacar que, no período em que se desenvolveu esta pesquisa, o País viveu o auge da pandemia da Covid-19; uma mudança radical atingiu as várias esferas da vida humana, e tudo se transformou a partir daí. Diferentes decisões que limitavam o convívio entre as pessoas foram tomadas: fechamento de instituições educacionais, cancelamento de eventos sociais, comércio – assim como outras atividades que aglomeravam seres humanos. Em boa parte dos países, estados e municípios, o ficar em casa tornou-se uma providência obrigatória, como decreto de saúde pública. Toda essa retração, que ocasionou o isolamento social, a restrição no convívio familiar e entre amigos, fez tornar visível, literalmente, o que já vinha sendo pouco praticado: o encontro fisicamente, as conversas pessoalmente, o próprio abraço. Todavia, a hiperconectividade, condição predominante no mundo contemporâneo, se tornou indispensável durante o período de confinamento.

Entretanto, diante das circunstâncias vividas, teria esse episódio forçado o recuo transformando o comportamento das pessoas? Para Flanzer (2020), não seria possível viver mais do mesmo:

Teremos aproveitado o tempo de isolamento para desejar, mais do que antes, os encontros físicos, o olho a olho? Teremos aproveitado o susto para valorizar mais ainda os espaços públicos, o ar livre, a luz do sol, a convivência com os outros e toda a tolerância que isso requer (e que vínhamos desacostumados a exercitar)? Ou vamos sair dessa reforçando ainda mais a convicção de que os aparelhos eletrônicos são suficientes, de que os encontros remotos funcionam a contento e que o mundo digital basta para a nossa subsistência humana, já que sobrevivemos perfeitamente bem por um tempo apesar do distanciamento social? (FLANZER, 2020, p. 144).

Muito embora a ciência tenha cumprido seu papel com maestria, as mentes humanas continuam sem entender o real sentido da vida neste universo. Em muitos casos, continuam, sim, fazendo mais do mesmo, o que mostra que, apesar do sofrimento, houve pouco aprendizado. Obviamente é muito salutar que não se pratique um excesso de saudosismo, tampouco se dissemine um discurso de ceticismo diante do mundo em que vivemos; porém, por ocasião de um punhado de fatores, alguns deles muito bem pontuados por Flanzer (2020), faz-se necessário refletir, já que vida não contém um catálogo com guia prático de como se deve viver, mas nossas vivências nos indicam, principalmente, os caminhos mais tortuosos sob os quais é mais difícil seguir.

Em se tratando de convivência social, outra questão presente na narrativa do jovem agricultor, e que é recorrente no depoimento a seguir, é a oportunidade de viver com liberdade de expressão, de assumir uma identidade, assim como defender uma determinada posição sem medo de retaliações.

Penso que para ser feliz preciso viver com liberdade e segurança. Trago isso pois carrego resquícios do que eu passei ao assumir minha sexualidade. Tá, eu sou desse jeito, eu quero viver desse jeito, eu quero casar, ter um marido, eu quero ter uma família, mas a sociedade ao invés de avançar parece retroagir cada dia mais. Como vou manter minha liberdade com segurança? Será que vou ter uma velhice em paz do jeito que eu nasci para viver? Não pretendo chegar aos 80 ter ainda que estar lutando por isso. Entendeu? É desse jeito que eu fico pensando, que é o que mais me preocupa no futuro. (J19, UNIVERSITÁRIO, 2022).

Na Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH)²¹, documento proclamado pela ONU, as liberdades fundamentais são expressas para todos. Nas democracias atuais, há um ideal de igualdade, a fim de que ninguém possua seus direitos encolhidos por causa de suas crenças, ideias, origem ou sexualidade. O que acontece é que houve nestes últimos anos, no mundo todo, um crescente discurso antidemocrático, que se disseminou em tom ameaçador, e que tem impedido a sociedade civil de imaginar um futuro de possibilidades. Com a eclosão das TDIC e a popularização das mídias sociais, as manifestações de ódio se potencializaram ainda mais, alastraram-se de maneira frenética. Mensagens ofensivas e discriminatórias, antes restritas no espaço e no tempo, passaram a ser espalhadas em altíssima velocidade e a ter alcance global.

No Brasil, as manifestações se revelaram de diferentes formas, desde a disseminação do discurso de ódio, preconceito, intolerância, e todo tipo de desrespeito aos direitos humanos. A maior parte disso, incitada nas redes sociais como repercussão da desinformação motivada pelo fenômeno das *fake news*. O agravante, no caso brasileiro, é que grande parte da hostilidade foi instigada por discursos de líderes políticos, o que fez com que uma gama significativa de pessoas que se identificavam com as mesmas opiniões reproduzisse de modo violento as mesmas posturas, já que, tendo o respaldo de figuras centrais, o sentimento de impunidade prevalecera. Trata-se de movimentos não democráticos, que colocaram em risco a segurança, a liberdade e a própria democracia brasileira. São inúmeros exemplos: incitação ao ódio e à violência contra minorias sociais; ataques negacionistas à ciência; desrespeito ao sistema eleitoral; confronto do Governo Federal com outros poderes do Estado; descaso com povos indígenas; e uma vasta lista de problemas. Situações que, inclusive, culminaram nos atos terroristas de 8 de janeiro de 2023²².

Durante milhares de anos, a humanidade viveu sob regimes opressores que conferiam pouquíssimos direitos políticos, econômicos ou de liberdades aos indivíduos, bem como às suas ideias. Mas o povo lutou, e regimes democráticos tomaram lugar de ditaduras brutais. As pessoas passaram a ter autonomia e deixaram de acatar cegamente líderes fanáticos e inflexíveis. Apesar de tudo isso, grande parte

²¹ Cf. <https://brasil.un.org/pt-br/91601-declaracao-universal-dos-direitos-humanos>.

²² Cf. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-01/veja-como-ficou-o-stf-depois-de-invasao-na-tarde-deste-domingo>.

do Planeta segue dominada por tiranos, que com mão de ferro ensaiam novos tipos de falsas democracias ou francas ditaduras. Assim, sistemas protecionistas estão em voga novamente, e muitos cidadãos sofrem com violência, pobreza e opressão. Para Harari (2018, p. 22), embora haja obstáculos, já se sabe o que fazer para superar os problemas: “precisamos proteger os direitos humanos” e “dar às pessoas mais liberdade”.

Para Han (2017, p. 18), “vivemos numa sociedade sem respeito recíproco”, e a comunicação digital anônima é, em grande medida, a corresponsável pela cultura de indiscrição e desrespeito que está em disseminação globalmente. A possibilidade de anonimato e a velocidade na circulação das mensagens via internet encorajam manifestações preconceituosas de todo tipo. Há uma sensação de poder e de impunidade que, em conjunto com a ignorância e o preconceito, além de outros sentimentos, se espalha rapidamente. As interações da comunicação digital desmantelam a necessária distância entre o que é privado e o que é público, o que torna-se prejudicial ao respeito mútuo.

A vida na sociedade contemporânea obedece a lógicas bem díspares de convívio e interação social. Han (2017) ratifica que os novos meios de comunicação e as técnicas do mundo digital, pobres de alteridade e resistência, estão destruindo cada vez mais a relação com o outro. Nesses círculos virtuais, o “Eu” move-se praticamente desprovido do “princípio de realidade”, fazendo desaparecer a realidade que oferece resistência.

São inúmeros exemplos demonstrando que a geração atual perdeu o foco de interesse no mundo real, prevalecendo, pois, o virtual. Basta ver como estão se constituindo os laços familiares nas últimas décadas: por séculos, as famílias se reuniam em torno da mesa para fazer suas refeições e conversavam entre si, sentavam na sala para assistir coletivamente programas favoritos, compartilhavam assuntos do cotidiano do trabalho, escolar, etc. Hoje, porém, os núcleos familiares mais parecem agrupamentos de pessoas, cada uma com interesses particulares, nem sempre conseguem fazer suas refeições coletivamente e, em muitos casos, alimentam-se mirando um olho no prato e outro em seus aparelhos eletrônicos, itens que vieram ocupar lugar na mesa. Não há mais programas para serem vistos em conjunto, pois cada membro da família se isola em sua “alcova”, onde consegue dar mais atenção a suas inseparáveis telas móveis.

O que não se pode perder de vista neste cenário é a responsabilidade dos adultos na construção dessa realidade. O fato de as famílias não terem mais tempo disponível para a convivência com os filhos tem gerado uma espécie de carência afetiva e social que é muito marcante para as gerações atuais. O diálogo, imprescindível entre pais e filhos, fora cambiado pelo ruído oculto do universo virtual: uma miscelânea de imagens, sons e palavras que, muitas vezes, ocorrem estranhamente ao mundo real.

Por estes e outros motivos, acredita-se que, mesmo “inconscientemente”, ou sem terem a dimensão da real magnitude dos problemas aqui pontuados, muitos jovens desta pesquisa indicam a necessidade de fortalecimento dos laços familiares, como sinônimo de bem-estar e felicidade. Isso pode ser constatado nas falas a seguir:

Na vida a família é importante, porque se eu estou com toda a minha família aqui eu estou feliz, daí se não tem o que comer, ninguém tem para comer, mas estamos sempre juntos, nos apoiando. Então o que importa é estamos juntos. Hoje poucas vezes conseguimos estar reunidos, cada um trabalha em horário diferente, come em horário diferente, dorme em horários diferentes. A nossa rotina está diferente, temos que dar conta de muitas coisas. (J1, IMIGRANTE, 2022).

Sinto que é preciso aproveitar mais os momentos em família, poder estar junto com as pessoas que eu amo, eles estarem bem também, eu acho que isso é indispensável para a gente estar feliz. Hoje as pessoas passam muito tempo conectadas. (J9, AGRICULTORA, 2022).

Estar perto da família, estar perto dos amigos, eu acho que é importante. Ter condições de ter saúde, há muitas pessoas adoecendo. (J18, URBANO, 2022).

Estar perto da família, ter condições de me manter e manter as pessoas que moram comigo bem. E com certeza muito trabalho, ter estabilidade, acho que para mim é o suficiente para eu ser feliz. (J11, UNIVERSITÁRIA, 2022).

Estabilidade financeira, saúde, estar perto de pessoas que me fazem feliz e que eu amo. (J17, EM LIBERDADE ASSISTIDA, 2022).

A família junta. A família mais feliz do mundo. Todos reunidos. (J6, EM SITUAÇÃO DE RUA, 2022).

Para mim o amor é indispensável. Como eu falei, eu sou religioso, se a gente tem Deus na família tem amor no coração. Para mim o amor é a base fundamental da família. A gente que é pai sempre está querendo dar o melhor para os nossos filhos, ter a oportunidade de crescer, estudar, sair e não correr aquele risco na rua, aquele perigo que existe hoje em dia, não só na rua, mas dentro de casa também, é preciso proteger a família. (J1, IMIGRANTE, 2022).

Para ter uma vida feliz, preciso ter quem eu gosto junto comigo, me apoiando: minha família, meu namorado. Ter um emprego, reconhecimento na minha área de formação. (J20, URBANO, 2022).

Conforme Campos Júnior (2019), o surgimento da família na história da espécie humana foi muito relevante para a estruturação da sociedade. Foi a partir desse núcleo social que se originaram praticamente todos os valores que figuram a civilização. É preciso ressaltar também que os novos núcleos familiares presentes na sociedade atual representaram significativos avanços para os indivíduos; talvez os mais importantes refiram-se à maleabilidade nas relações e à liberdade de escolha entre os parceiros.

No entanto, Flanzer (2020) afirma que os jovens dos tempos atuais avançam no mundo adulto pertencendo a famílias com comportamentos individualistas. Como podemos identificar em algumas narrativas dos jovens supracitados, as famílias de hoje possuem rotinas específicas e particulares; cada membro separadamente executa individualmente atividades antes coletivas, como alimentação, lazer, sono, trabalho, e em horários diversos. São isolamentos experimentados desde a infância no núcleo familiar, que se prolongam ao longo da vida.

Para Campos Júnior (2019), isso decorre do fato de que, na sociedade atual, as famílias e as novas gerações estão perdendo espaço, ficando desprovidas de valores com sólidos alicerces. Diluem-se no cenário da robotização gradativa que vem ocorrendo em detrimento do componente *sapiens* da espécie. Acima de qualquer coisa, prevalecem os interesses econômicos, direcionados às novas versões de trabalho e concentração de riqueza. Com efeito, os valores constituídos a partir dos diferentes núcleos familiares estão sendo desmontados por serem discrepantes com o padrão comportamental que se propala mundo afora.

Quanto mais a sociedade avança em termos de artifícios eletrônicos, mais líquidas se tornam as relações humanas. Os usos de tais aparatos tomaram conta do ambiente familiar, e os sentimentos que vivificavam as relações entre os indivíduos, as trocas simbólicas e subjetivas, perderam seu valor emocional. A frieza que predomina no automatismo vem substituindo o contagiante calor antes transmitido por meio dos contatos pessoais. O compartilhamento de afetos, abraços, beijos, amor, contato físico possuem, na atualidade, um caráter totalmente digital.

Se não bastasse tudo isso, o declínio nas relações se prolonga inclusive para as responsabilidades educacionais. Os vastos repertórios de informações, de todo tipo e em formatos multidimensionais, concedem aos indivíduos as respostas rápidas e imediatas, dispensando o tão importante ato de pensar, essencial ao desenvolvimento intelectual humano. Em muitos casos, as fontes de busca como *Google*, mídias

sociais, *digital influencers* ganham maior credibilidade do que os saberes produzidos nas escolas, pelos pais ou responsáveis.

Existe nas relações humanas um crescente processo de mercantilização das relações entre pais e filhos. Na atualidade, esse laço, primitivo e essencial na constituição de relações vindouras, encontra-se quase que exclusivamente mediado pelo mercado de consumo. Quaisquer que sejam os laços que tenham prevalecido do amor parental, os mercados de consumo propõem-se a dirimi-los, sufocá-los e extingui-los, transformando quase todas as comemorações familiares em momentos para serem esbanjados com presentes, enquanto atizam os mais jovens à acirrada competição na busca de distinção a partir daquilo que pode ser adquirido em lojas (BAUMAN, 2017).

Pensar na juventude contemporânea requer, necessariamente, que se tenha em mente que a geração atual se constituiu a partir dos referenciais sociais a ela oferecidos. O que atormenta grande parte dos jovens de agora não são os excessos e as restrições, mas a vasta expansão das opções, fortemente impulsionadas pelo mundo digital, aptas a serem consumidas. O que acontece, na opinião de Flanzer (2020, p. 51-52), é que, “[...] em poucas décadas, a ascensão do consumismo e o progresso tecnológico caminharam paralelamente, e avante. Cresceram lado a lado, se retroalimentaram, somaram suas forças, e aqui estamos agora, percebendo tudo isso. Nossos jovens são o resultado desse recente encontro de gigantes.”

De qualquer forma, não importa qual seja a condição financeira do indivíduo, ele não encontrará em nenhum estabelecimento comercial o amor e a amizade, os prazeres da vida doméstica, a satisfação que vem de cuidar de entes queridos ou de ajudar um semelhante em dificuldade, a dignidade proveniente do trabalho bem-feito, o reconhecimento, a simpatia e o respeito das pessoas com quem convivemos e a quem nos associamos; assim como não encontrará lá a proteção contra as ameaças de desrespeito, desprezo, injúria e humilhação (BAUMAN, 2009b). Não obstante, não é criando a dependência nos farmacológicos, sequer comprando as roupas “da hora”, ou somando o número de seguidores ou *likes* nas redes sociais, que os indivíduos afastarão suas angústias do cotidiano. Não é possível fixar as expectativas de vida nas coisas supérfluas, muito menos procurar obstinadamente um estado duradouro de felicidade.

Tolhido de assumir uma postura ética, graças à tirania das invenções atuais, afastado de seus princípios mais básicos do bem viver, o indivíduo tem-se

transformado em um ser isolado, defendendo interesses particulares, sem mesmo ter clareza do que ele mesmo defende, em virtude de ser o representante inócuo de uma multidão fabricada e dominada pelos sofisticados mecanismos da tecnologia digital.

Há, entretanto, escolhas que podem ser feitas, pois, como bem pontua Bauman (2009b), o livre-arbítrio permanece à disposição do indivíduo. O autor sugere que o indivíduo seja o artista da vida e, mesmo em meio ao caos, busque fazer da vida uma obra de arte. Ou seja:

[...] minha busca pela felicidade pode se concentrar na preocupação com meu próprio bem-estar ou na preocupação com o bem-estar de outros [...] Preocupar-se com o bem-estar do Outro, “ser bom” para o Outro, também reforça o sentimento de “estar bem” e assim, presumidamente, a felicidade do sujeito da preocupação. Neste caso, a oposição entre egoísmo e altruísmo se dilui e desaparece. (BAUMAN, 2009b, p. 124).

O que o autor quer mostrar é que nesta ponte entre o autointeresse e o interesse pelo Outro reside a ética, e isso está intimamente ligado ao que ele chamou de “prazer dos prazeres”.

Esse prazer esquivo, mas muito real e extremamente intenso do “Eu-Tu”, do “vivemos um para o outro”, do “somos um só”. O prazer de “fazer uma diferença” que não interessa apenas a você. De causar impacto e deixar a sua marca. De sentir-se necessário – e insubstituível [...]. Esse sentimento só pode vir de um sedimento do tempo, do tempo preenchido com seus cuidados – sendo estes o fio precioso com que se tecem as teclas resplandecentes da ligação e do convívio. (BAUMAN, 2009b, p. 27-28).

Somente quando o “Eu” se deixar afetar pelo “Outro” e respeitar sua condição de existência é que sairá de seu universo narcisista e competitivo (HAN, 2017). Este fio de confiança, motivado tanto por Han (2017) como por Bauman e Donskis (2014), reside no verdadeiro encontro entre um indivíduo com o Outro. É nesse encontro entre os semelhantes que se estabelece a ética, a partir do exercício efetivo da responsabilidade dos seres humanos uns com os Outros. É necessário alimentar a chama da esperança nos indivíduos, para que se estabeleçam relações verdadeiramente humanas, que presem pelo contato físico, pelas conversas intensas entre os pares, pelas trocas de afetos, pela resistência e divergência de ideias, pela solidariedade, pelo respeito mútuo, pela busca dos valores humanos acima de qualquer interesse material.

Ao tratar especificamente da ética, Freire (2003) afirma que a ética universalmente humana não é a ética restrita, do mercado e que se curva obediente aos interesses do lucro. A ética da vida se constitui como algo absolutamente indispensável à convivência humana, e se concretiza em uma atitude amorosa entre os seres humanos, e destes com o mundo. Isso se efetiva quando o indivíduo tem consciência de sua existência como ser social, histórico e cultural, que se constitui a partir da sua relação dialógica. Em vista disso, há a necessidade de ouvir o Outro, de respeitá-lo, de ter responsabilidade e comprometimento com a transformação da realidade em uma perspectiva humanizadora e crítica diante dos atos de destruição da vida.

Nestes “tempos líquidos”, em que os problemas humanos persistem, novos dilemas surgem todos os dias e estão distantes de serem solucionados, a ética precisa ser revigorada, razão pela qual cada vez mais se justifica o debate em torno da relação entre ética e educação. A propósito, há na concepção de Freire (2003) que, pelas vias da educação, é possível uma mudança de postura e da prática da ética, a qual se estabelece genuinamente pela relação dialógica. Aliás, é esta mesma lógica que Bazzo (2020) defende quando apresenta a proposta da equação civilizatória. Para ambos os autores, a verdadeira tarefa da educação indissociável da ética que prioriza a vida é a de libertar o ser humano; torná-lo um ser humano crítico e independente; significa estimulá-lo para a tomada de consciência diante das imposições do equivocado processo civilizatório vigente.

Por esses tantos motivos, indubitavelmente, há que se restabelecer a ética que priorize a vida. Para isso, faz-se necessária uma educação que rompa com a lógica do treinamento e da segregação, e que busque desenvolver a capacidade de identificação e resolução dos tantos problemas da humanidade. A retomada de um caminho construtivo capaz de revogar as injustiças sociais em evidência nesta civilização tem como princípios basilares uma educação que estabeleça vínculos sociais, de engajamento humano, que persiga objetivos existenciais que respeitem a vida e a dignidade desta e das futuras gerações.

6 EPÍLOGO: A POSSIBILIDADE DE NOVOS CAMINHOS

Há saberes que têm um fim em si mesmos e que – graças a sua natureza gratuita e livre de interesses, distante de qualquer vínculo prático e comercial – podem desempenhar um papel fundamental no [...] crescimento social e cultural da humanidade. Neste sentido, considero *útil* tudo o que nos ajuda a nos tornarmos melhores. O saber apresenta-se por si mesmo um obstáculo ao delírio da onipotência do dinheiro e do utilitarismo. **Quase** tudo se pode comprar. [...] Mas não o conhecimento: o preço a ser pago para conhecer é de outra natureza. [...] Ninguém, senão nós mesmos, poderá realizar o cansativo percurso que nos permitirá aprender. [...] Não obstante, a única possibilidade de conquistar e de defender nossa dignidade de seres humanos nos é oferecida pela cultura e educação livre. (ORDINE, 2016, p. 9, 16, **grifos meus**).

Ao tecer as primeiras linhas desta tese, apresentei, por meio da epígrafe retirada da obra de Ordine (2016), os primeiros passos desta pesquisa. Aquele pequeno excerto, que em poucas linhas sintetiza a grande crise que vive a civilização deste tempo, foi escolhido, em meio a tantos outros autores tão importantes quanto, para iniciar a escrita e expressar o sentimento que me movia para esta caminhada.

Neste momento, ao redigir o fechamento deste ciclo, mirando novas possibilidades, retomo novamente Ordine (2016) quando, de forma contundente, nos mostra que, embora a lógica utilitarista e o culto da posse prevaleçam nesta sociedade, há algo que dinheiro nenhum pode comprar: o conhecimento! O saber despretensioso de vínculos comerciais, o entendimento das questões do mundo e a capacidade de aprender colocam o ser humano diante de seu compromisso com o futuro desta civilização.

Como afirmou Freire (1987), nossa existência não pode ser muda ou mentirosa; por isso, esta pesquisa conclui que não podemos simplesmente ignorar e fugir da nossa responsabilidade sobre as “contas que não fecham”, assim como não é possível aceitar passivamente a destruição sistemática de todas as formas de existência, que traz consigo o risco progressivo de se cancelar definitivamente o pouco de respeito que ainda resta para com a vida humana. Também, não é possível que qualquer pesquisador, independentemente da área de atuação, tendo o conhecimento dos problemas que afligem a humanidade, permaneça alheio aos debates sobre as questões do mundo contemporâneo.

Os diversos autores com os quais busquei dialogar ao longo desta trajetória tentaram, de alguma forma, nos chamar a atenção sobre a urgência de olharmos para

as inúmeras variáveis cada vez mais evidentes na sociedade atual. Tenho ciência de que uma única tese não dá conta das tantas pautas que foram levantadas, por isso muitos aspectos foram discutidos e analisados, outros, porém, apenas mencionados, mas todos estabelecem a preocupação de serem em algum momento aprofundados.

A capacidade de pensar, ou mesmo de buscar um entendimento completo, é a chave para a sobrevivência neste universo. Bridle (2019) nos chama para esta responsabilidade; da mesma forma, alerta-nos que não vamos e não podemos entender tudo, mas somos capazes de pensar. E, sendo conhecedores dos inúmeros problemas que nos cercam, também não podemos viver à parte deles, assim como não conseguimos pensar sem eles. Talvez seja isso que Ordine (2016) queira nos dizer quando afirma que o preço a ser pago pelo conhecimento é de outra natureza. Trata-se, a meu ver, de não conseguir permanecer inerte, de ter a capacidade de indignar-se e defender a dignidade humana por meio de uma educação livre de qualquer vínculo materialista. Isso requer que tenhamos habilidade para cultivarmos a constante tarefa de aprender aquilo que para alguns parece 'supérfluo', pois é subjetivo e se constitui pela tomada de consciência, que não produz um lucro material, mas configura-se como a maior riqueza intelectual. Riqueza esta que permitirá que tenhamos melhores possibilidades de identificar a origem de muitos problemas que assolam nossa existência e busquemos solução para, no mínimo, amenizá-los.

Este foi um dos grandes feitos desta tese: o tanto de aprendizado que ela me proporcionou e o quanto este percurso me fez refletir sobre a atual civilização. Ao mesmo tempo que tenho a sensação de ter atingido meus objetivos para este estudo, desfruto do sentimento de incompletude, pois entendo que a vida é um eterno devir. Isso é o que me move e me moveu durante toda a minha história, e mais uma vez identifiquei-me na condição de alguém que revisitou os momentos experienciados, em família, na escola, no trabalho, na sociedade; deste modo busquei a maneira mais profícua de ressignificar minha existência.

Toda vez que penso nesta incompletude, recordo-me do sentido da utopia para Galeano (1999), de como são tocantes suas palavras na sensibilização de olhar a vida e almejar outro mundo possível. Talvez seja isso o que mais me motivou a pesquisar: a construção do conhecimento e o anseio por uma sociedade mais justa e mais humana são os fundamentos mais estimulantes para a persistência deste movimento. Decidir pela inércia e pelo descaso dos acontecimentos que neste momento a civilização está vivendo seria continuar a viver na fantasia e na abstração,

e permanecer em esquivada da responsabilidade sobre os distintos problemas do nosso processo civilizatório.

Ao tratar do campo empírico deste estudo, destaco a sua importante contribuição para o público investigado. Uma das medidas mais efetivas desta pesquisa foi a de transpor as barreiras acadêmicas e institucionais, e valorizar a escuta de jovens de variados espaços da sociedade, fazendo desses contextos sociais o nosso laboratório. Pautei assuntos que provocaram reflexões sobre a realidade que envolve não só eles, mas toda a humanidade. Falei com seres heterogêneos, singulares em suas particularidades, historicizados, indivíduos sociais, políticos e culturais. Pessoas que habitam o campo e a cidade; que vivem em casas e nas ruas; em liberdade e em estado de privação; brasileiros e imigrantes; estudantes ou não; com condições materiais e expostos a vulnerabilidades; indivíduos de diversos gêneros, cores, credos e orientações sexuais. Dirigi-me a seres humanos que estão, alguns, em situações mais “confortáveis”, outros, em condições injustas e precárias, porém cada um, à sua maneira, enfrenta as adversidades da atualidade.

Não foi por acaso que, quando eu me propus a analisar como as diferentes variáveis contemporâneas afetam o processo civilizatório e atingem os jovens em termos educacionais, sociais e humanos, precisei, necessariamente, considerar estes indivíduos como seres biopsicossociais. Isso deriva do entendimento de que os objetos da minha análise se constituem no campo das relações sociais, sendo permeados por determinantes históricos, políticos, econômicos e culturais – o que implica considerar esses elementos como constituintes da condição humana, e que, por sua vez, moldam comportamentos, a maneira de ser, agir, viver e pensar.

Ao olhar para o problema desta pesquisa, busquei em autores contemporâneos o apoio teórico para produzir o cerco epistemológico e ir ao encontro da substancialidade do objeto, tentando, com isso, decifrar algumas de suas razões de ser, no sentido de compreendê-lo no interior de suas relações. Procurei estabelecer com cada uma das visões epistemológicas, quer fossem elas favoráveis ou contraditórias ao meu entendimento, um diálogo que fluiu, a meu ver, num movimento de complementaridade. Ao mesmo tempo que me aprofundei no campo teórico, tentei trazer à baila as questões latentes da atualidade, num esforço de imprimir minhas compreensões e análises a partir das questões indissociáveis da sociedade.

Em se tratando das variáveis do processo civilizatório e dos fundamentos analíticos e conceituais, Bazzo (2020) foi o meu principal referencial, já que neste

momento ele tem sido um dos mais importantes teóricos que, junto aos membros do NEPET/UFSC, tem-se dedicado com veemência às reflexões sobre o desenvolvimento tecnocientífico e todos os efeitos que ele tem gerado à humanidade.

O aprofundamento em torno destas questões, apoiado em uma ampla variedade de fontes bibliográficas, me permite frisar que as confusões entre o duelo dicotômico representado pelo dogma econômico *versus* a humanização merecem lugar de destaque nas mais sérias pesquisas. Não podemos nos colocar à mercê de doutrinações tidas como verdades, de que para cada um dos problemas humanos já existem soluções tecnológicas. O desenvolvimento tecnocientífico, nos moldes do que nos é imposto, muito mais centrado no ter que no ser, vem sendo executado a partir de invenções sofisticadas e desprovidas de valores afetivos, absolutamente essenciais à convivência humana. A variedade de formas de acumulação, a valorização desmedida das diversas maneiras de produção, exploração e consumo têm ocasionado o empobrecimento de um número cada vez maior de indivíduos, afetando intensamente sua segurança, integridade e liberdade. Ao mesmo tempo que avanços tecnológicos se expandem, cresce também a massa de excluídos que não conseguem usufruir desses benefícios. O que se vê são os limites da natureza sendo ultrapassados gravemente, colocando em risco tanto a vida humana como todas as outras formas de existência.

Ao assumir esta posição, é preciso deixar claro que esta investigação de modo algum teve a pretensão de criar argumentos contra as transformações tecnológicas; fazer isso seria um grande equívoco, até mesmo um retrocesso. Na verdade, as reflexões seguem no sentido de compreendermos por que, para que e para quem as descobertas tecnológicas estão sendo incorporadas. Como nos afirma Bazzo (2020), o discurso equivocado sobre esse desenvolvimento tecnológico que se presta a pregações com sentido de verdade, de que só sobreviverá quem se adaptar aos novos tempos, munido de equipamentos sofisticados, completamente desprovido de afetividade, não interessa. A lógica não está apenas no entendimento da funcionalidade ferramental e no seu uso instrumental, mas, sim, nas suas repercussões sobre o comportamento humano e suas atitudes. Concordo com o autor ao afirmar ser necessário que todos os campos que atuam em processos de formação desenvolvam uma consciência efetiva da imbricada relação existente entre ciência, tecnologia e sociedade, para que os seres humanos consigam discernir a diferença

entre utilizar os benefícios deste desenvolvimento para o bem-estar de toda a humanidade e apenas em prol de um grupo de privilegiados.

Embora os resultados desta pesquisa apontem pistas para a origem dos problemas, assim como o provável destino a que isso irá nos levar, é necessário dizer que não buscamos apontar culpados, muito menos desenvolver um produto que se pretenda um manual de como solucioná-los. Não somos ingênuos a ponto de acreditarmos que apenas por uma via podemos alterar o percurso do destino, por sabermos que estas questões são de responsabilidade de um amplo sistema social. Em vez disso, oferecemos um lugar de escuta para os jovens, para que, no exercício do convívio com o Outro, produzindo narrativas e reflexões, novos saberes sejam elaborados. Por extensão, acreditamos estar ofertando uma literatura de subsídio que venha contribuir ao desenvolvimento de processos formativos de jovens que incluam discussões acerca das inúmeras variáveis que têm influenciado o processo civilizatório.

Nesse sentido, Civiero (2016) nos orienta sobre os diversos interesses, inclusive antagônicos, que envolvem o processo civilizatório. Analisar a sociedade, sob a ótica da equação civilizatória, requer a interpretação desses dados; significa perceber que a dimensão política da ciência e da tecnologia precisa ser examinada, para que se visualizem na prática as contradições decorrentes dessa privatização do conhecimento científico e tecnológico. Para tal, é preciso confrontar e ultrapassar uma leitura estreita do devir civilizatório e combater as desigualdades sociais do mundo.

Doravante, observando a extensa lista de desafios vividos pela humanidade em escala mundial, e todas as mudanças paradigmáticas provocadas pelas transformações globais, identificamos o “mercado de trabalho” como sendo uma das principais questões que interferem no cotidiano dos jovens entrevistados. A questão “trabalho” vai além da garantia de ter condições de sobrevivência; adentra também representações morais relacionadas a honestidade, integridade e correção dos seus atos. É uma espécie de garantia de se fazerem incluídos num circuito (em muitos casos, precário) de cidadania e, por extensão, de garantias civis e sociais.

De fato, dada a confusão de sensações e o vasto repertório de questões que invadem a mente humana, acredito ser difícil, não apenas para os jovens, mas para a sociedade como um todo, estabelecer perspectivas de vida duradouras com relação ao universo laboral.

Neste sentido, constatamos que todas as dúvidas e incertezas geradas em torno desse fator social são reflexos do modelo de desenvolvimento econômico atual, caracterizado por um sistema altamente tecnológico e digital. A fragmentação da atividade do trabalho determinada pela fluidez e flexibilização contemporânea faz com que o jovem de hoje tenha muitas dúvidas com relação a carreira, profissão e sustentação dentro do mercado de trabalho. A dissolução dos interesses em comum e a constância da automação, agora marcada pelo universo digital, geram nestes indivíduos os sentimentos de individualização, competição e uma permanente preocupação com a vida material.

Todo esse sistema que flui na mesma frequência faz também a balança pender para o lado em que cada um está. Dessa forma, quem está suscetível às problemáticas sociais fica também exposto aos eventos desencadeados por elas, sendo que o resultado de um é a causa do outro. Isso requer que estejamos sempre atentos a todas as mazelas que refletem na sociedade e que estão completamente interligadas, no sentido de equalizá-las e redirecioná-las. Esta foi uma das razões que motivou este estudo, desde o início, a enfatizar a importância de investigar como figuram os discursos em torno da variável “desigualdade social”; além do entendimento de que essa é a principal desencadeadora do lugar dos desiguais. Basta ver, por exemplo, como tal aspecto se estabelece nas relações de trabalho, de consumo, nas relações econômicas, de acesso aos direitos e outras mais.

As reflexões realizadas no que diz respeito à variável desigualdade social sinalizam um cenário cada vez mais discrepante em torno de quem está na base e quem está no topo da pirâmide social. Em vista disso, há o entendimento entre os jovens de que o fator econômico e a má distribuição de renda são as características mais marcantes da sociedade atual; e, considerando o lugar de fala de cada um, são descritas outras tantas formas de disparidades sociais.

Do ponto de vista destes jovens, a razão para que ocorram problemas como fome, desemprego, ganância, violências, dentre tantos outros, está na centralização da riqueza de alguns e no aumento da pobreza da maioria, “há os que têm e os que não têm”, como pode ser observado nos relatos apresentados no decorrer desta construção. Tal consequência faz com que alguns indivíduos, de classes sociais e econômicas mais favorecidas, tenham acesso às melhores oportunidades, usufruam de melhores serviços de saúde, educação, habitação, boas faculdades e,

automaticamente, bons empregos; ao passo que as pessoas que vivem à margem disso sofrem os efeitos contrários desse processo.

O “consumismo desenfreado” é mais uma das consequências impostas pela frenética lógica materialista e que, conseqüentemente, reproduz situações paradoxais. E, embora estes jovens reconheçam a influência mercadológica nas relações de consumo, ainda assim, manifestam atitudes e comportamentos que são decorrentes das demandas monopolistas globais. É como se estes indivíduos não conseguissem fugir disso, especialmente por viverem na era digital e estarem ostensivamente sendo estimulados para tal. Esses mecanismos, além de promoverem o consumismo desenfreado, estão entre os principais referenciais determinantes de condutas sociais, que acabam por demarcar condições de disparidades e enaltecer as estratégias de dominação do capital. Tal movimentação acaba por gerar uma espécie de “produção social de riscos”, afetando os indivíduos, a sociedade e, por extensão, o próprio Planeta.

Ademais, há que se considerar que o jovem de hoje constrói seus laços sociais a partir de padrões de comportamento ditados pelas mídias digitais, estabelecendo, com isso, outros referenciais de valores e vínculos sociais. As mudanças planetárias, alavancadas especialmente pelo exibicionismo virtual, têm afastado estes indivíduos do convívio humano, contribuindo com o esfacelamento dos vínculos afetivos reais, enaltecendo o individualismo, o apego cada vez menor ao ser humano, e cada vez maior a coisas materiais.

O diálogo, imprescindível entre pais e filhos, fora cambiado pelo ruído oculto do universo virtual. Com efeito, os valores constituídos a partir dos diferentes núcleos familiares estão sendo desmontados por serem discrepantes com o padrão comportamental disseminado pelos mecanismos digitais. A frieza que predomina nestes espaços vem-se estabelecendo nas diferentes relações, o que faz com que estes jovens reproduzam o que vivem a partir de tais referenciais. Esse sistema que impõe regras e dita normas é também um instrumento de fabricação de sonhos e desejos baseados nas publicidades comerciais. Trata-se de um obstáculo à criação de indivíduos seguros e conscientes, aptos a decidir por si mesmos o que apreciam, admiram, o que importa para a vida – e que não tem valor material.

Diante das prioridades errôneas das sociedades contemporânea, é no mínimo questionável admitir que há “progresso”, quando os seres humanos estão se tornando meras peças de fácil reposição, ou quando o modelo de produção e o consumo criam

círculos viciosos que apenas reforçam o processo de alienação e exploração em que os seres humanos se encontram envolvidos. Bazzo (2020) nos instiga a pensar sobre o real significado do “progresso tecnológico” diante de uma civilização que segue sendo tão degradante. Como explica Bridle (2019), temos muito a aprender sobre o tanto que não sabemos, pois a cova final e mais cabal é a que se abre a cada indivíduo por não conseguir reconhecer e interligar as questões atuais.

Pensando nisso, logo me vem à mente Bauman (2001), ao afirmar que o problema da civilização contemporânea é que ela deixou de questionar-se, e o preço do silêncio tem sido pago a duras penas pelo sofrimento humano. Por isso, para romper com o discurso que se esconde por trás da ideia de “progresso” que se apregoa ao capitalismo, é necessário buscar novas formas de vida, transformando a discussão política obscurecida pela visão economicista. Como efeito disso, há a premência de se estancar os processos de mercantilização da vida e questionar as alegações supostamente inquestionáveis dos novos padrões de existência.

Nesse sentido, esta tese vem sustentar que, sim, as variáveis atingem os jovens: em termos educacionais – pelas lacunas existentes nos processos formativos que, em muitos casos, seguem atuando no sentido de formatar esses indivíduos como se fossem ferramentas de treinamento, com a função primordial de desenvolver habilidades humanas para atuarem em convergência com o mercado produtivo contemporâneo; em termos sociais – pela propagação de padrões de conduta alinhados às prioridades do mundo consumista, e não para a civilidade, situação que provoca as mais sérias distorções sociais, pondo em risco a dignidade e a vida humana; em termos humanos – quando os valores materialistas se sobrepõem aos valores humanos, ao passo que os ideais do progresso em desenvolvimento vêm sendo executados a partir de invenções sofisticadas e desprovidas de valores afetivos: muito mais centrados no ter que no ser.

A lógica da responsabilidade planetária consiste, ao menos em princípio, em confrontar os problemas gerados pelas inúmeras variáveis que estão totalmente interligadas. As soluções permanentes, e verdadeiramente decisivas para as graves questões do processo civilizatório, requerem a refundação de uma nova proposta societária. Neste cenário, a educação se constitui na principal ferramenta de transformação social capaz de reunir as partes universalmente interligadas.

Definitivamente, os processos de formação humana, em todas as instâncias, carecem ultrapassar o campo dos assuntos exclusivamente produtivos direcionados

à automação de processos e produtos voltados unicamente para a manutenção da atual estrutura da sociedade. Não basta que olhares se voltem unicamente a monitorar os prejuízos resultantes das grandes potências da economia mundial; é preciso estabelecer novos itinerários sociais, de modo que os princípios da dignidade humana sejam prioridades.

Trata-se de sustentar uma educação emancipadora, defendida há décadas por Freire (1996) em *Pedagogia da Autonomia*. O ser humano se emancipa quando assume uma postura autônoma e é capaz de falar por si, sem simplesmente reproduzir a palavra do outro. De toda forma, é algo que perdura por toda a vida e que necessariamente se constitui na relação com o Outro, por meio da ética e pela dialética. Significa ser capaz de intervir na realidade, condição incomparavelmente mais complexa e constituidora de novos saberes do que simplesmente adaptar-se ao já estabelecido (FREIRE, 1996).

Significa assegurar educação para a cidadania de Bauman (2009b), o que exige muito mais que a aquisição de habilidades necessárias para desempenhar o bem-sucedido jogo planejado pelas mentes dos outros; principalmente para exercer a capacidade de influenciar os objetivos, os riscos e as normas do jogo. Trata-se de exercer, mais que qualquer coisa, os valores sociais e humanos na sua essencialidade. Necessita-se de uma educação contínua ao longo da vida para que se tenha possibilidade de escolhas. Mas, mais do que isso, precisa-se da educação para manter as condições que tornam essa escolha viável e a colocam em situação de alcance.

Esta é a mesma lógica defendida por Bazzo (2020) quando propõe como ponto de ruptura civilizatória a pertinência de uma educação “desobediente”. O que consiste no desenvolvimento de um projeto de formação humana sedimentado por uma educação crítica, libertadora e generosa, em que os princípios da dignidade humana, conforme assegurados pela Constituição Federal brasileira, sejam bens inalienáveis.

Acreditamos que a verdadeira tarefa da educação indissociável da ética que prioriza a vida é a de libertar o ser humano; torná-lo consciente das condições existências e de todas as formas de controle e manipulação; libertá-lo da educação ingênua e praticada a favor das grandes corporações; significa libertá-lo do assistencialismo sórdido de uma concepção de educação que condiciona os

indivíduos a continuarem conformados diante da emergência de uma profunda transformação estrutural da sociedade.

Em suma, é bom lembrar que esta geração está se constituindo a partir dos referenciais de valores a ela oferecidos. De todo modo, está mais que comprovado que a opção pela política linear de mais segurança privada, mais policiamento nas ruas e incentivo às políticas de armamento é uma decisão completamente equivocada. Precisamos educar os nossos jovens a partir de uma nova abordagem epistemológica, que leve em conta as diversas variáveis e suas incógnitas.

Para tanto, precisamos praticar uma Educação Científica e Tecnológica que almeje muito mais que desenvolver conhecimentos e habilidades para que estes indivíduos consigam postos no mercado de trabalho. É indispensável que eles vejam esta atividade como inalienável, e que consigam ir além de garantir a sua sobrevivência e subsistência, e possam acessar os produtos por ele produzidos. É importante que estes jovens se tornem críticos e propositivos diante das injustiças da realidade; que eles se reconheçam como seres humanos com direitos e deveres; que tenham discernimento sobre o bem viver no sentido coletivo; é indispensável que tenham conhecimento sobre a tecnologia, assim como de seus benefícios e malefícios; é fundamental ensiná-los a terem respeito consigo mesmos e com seus semelhantes; é preciso incentivá-los a terem aspirações e persistirem de modo a concretizá-las; é imprescindível que estes indivíduos aprendam a cuidar de sua saúde e do bem-estar de todos com quem convivem; é vital que retomem o afeto e o carinho representado pelo contato físico; é preciso que eles aprendam a cuidar do Planeta e reconheçam a relevância de seu amplo ecossistema. É essencial mostrar a esta geração a importância dos valores humanos e culturais como pressupostos fundamentais para a manutenção da vida.

Do contrário, seguiremos acompanhando episódios lamentáveis de extermínios humanos, sem compreendermos, efetivamente, os reais motivos pelos quais eles estão sendo cometidos. Discussão esta que é propositiva, pois se encaminha como perspectiva para o desenvolvimento de futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 5-6, p. 25, 1997.

Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1413-24781997000200004&script=sci_abstract. Acesso: 25 abr. 2022.

ABRAMO, Helena Wendel. Identidades juvenis: estudo, trabalho e conjugalidade em trajetórias reversíveis. *In*: NOVAES, Regina *et al.* **Agenda juventude Brasil**: leituras sobre uma década de mudanças. Rio de Janeiro: Unirio, 2016. p. 19-60.

ABRAMO, Helena Wendel (org.). **Estação juventude**: conceitos fundamentais – ponto de partida para uma reflexão sobre políticas públicas de juventude. Brasília: SNJ, 2014.

ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Marconi (org.). **Retratos da Juventude Brasileira**. Análises de uma Pesquisa Nacional. São Paulo: Instituto Cidadania/Fundação Perseu Abramo, 2005.

ABRAMO, Helena Wendel; LEÓN, Oscar Dávila. **Juventude e adolescência no Brasil**: referências conceituais. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil. **Juventudes**: outros olhares sobre a diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade/Unesco, 2007.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS. **População e desenvolvimento em debate**: impactos multidimensionais da pandemia da Covid-19 no Brasil. Campinas: Traço Publicações e Design/ABEP/UNFPA-Brasil, 2021. Disponível em: https://brazil.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/e-book_populacao_e_desenvolvimento_em_debate_unfpa_e_abep_2021.pdf. Acesso em: 23 out. 2021.

ASSOCIAÇÃO DOS FUNCIONÁRIOS DO INSTITUTO DE PESQUISAS ENERGÉTICAS E NUCLEARES. **O direito de sonhar e delirar**. O direito à utopia, por Eduardo Galeano. São Paulo: Assipen, 28 mar. 2020. Disponível em: <http://assipen.org.br/o-direito-de-sonhar-e-delirar-o-direito-a-utopia-por-eduardo-galeano/>. Acesso em: 23 abr. 2022.

BAUMAN, Zygmunt. **A arte da vida**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2021.

BAUMAN, Zygmunt. **A ética é possível num mundo de consumidores?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo parasitário**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009a.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Legisladores e intérpretes**: sobre modernidade, pós-modernidade e intelectuais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **O retorno do pêndulo**: sobre a psicanálise e o futuro do mundo líquido. Tradução: Joana Angélica D'Ávila Melo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009b.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leonidas. **Cegueira moral**: a perda da sensibilidade na modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BAUMAN, Zygmunt; LEONCINI, Thomas. **Nascidos em Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2018.

BAZZO, Walter Antonio. **Ciência, tecnologia e sociedade e o contexto da educação tecnológica**. 6. ed. Santa Catarina: UFSC, 2020.

BAZZO, Walter Antonio. **De técnico e de humano**: questões contemporâneas. Florianópolis: UFSC, 2019.

BAZZO, Walter Antonio. O fetiche da tecnologia no processo civilizatório contemporâneo. **Mandacaru**: Revista de Ensino de Ciências e Matemática, Recife, v. 1, n. 1, p. 25-38, 2021a. Disponível em: <http://www.journals.ufrpe.br/index.php/mandacaru/article/view/4810/482484495>. Acesso em: 12 jan. 2022.

BAZZO, Walter Antonio. Ponto de Ruptura Civilizatória. **Revista CTS**, Buenos Aires, v. 11, n. 33, p. 73-91, 2016b. Disponível em: http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1850-00132016000300005. Acesso em: 20 mar. 2020.

BAZZO, Walter Antonio. Quase três décadas de CTS no Brasil!: sobre avanços, desconfortos e provocações. **Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia**, Ponta Grossa, v. 11, n. 2, p. 260-277, 2018. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rbect/article/viewFile/8427/pdf>. Acesso em: 10 maio 2020.

BAZZO, Walter Antonio. Que engenharia queremos? *Palestra/Live*. In: SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO EM ENGENHARIA. 10 nov. 2021b. 1 vídeo (134 min). Publicado

pelo canal TVIFCE. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=fbX1h3DhmDI>. Acesso em: 10 dez. 2021.

BAZZO, Walter Antonio. Uma nova equação civilizatória: a necessidade do entendimento CTS na Educação em Engenharia. *In*: SEMINÁRIO IBEROAMERICANO CTS, 5., SEMINÁRIO CTS, 9., Aveiro, Portugal, 2016a. Disponível em: <http://aia-cts.web.ua.pt/wp-content/uploads/2016/07/BookletV7.pdf>. Acesso em: 10 out. 2019.

BECK, Ulrich. **A metamorfose do mundo**: os novos conceitos para uma nova realidade. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Revisão técnica de Maria Cláudia Coelho. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2018.

BECK, Ulrich. **Sociedade de risco**: rumo a uma outra modernidade. 2. ed. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: 34, 2011.

BERARDI, Franco. **Depois do Futuro**. Tradução de Regina Silva. São Paulo: Ubu, 2019.

BONFIGLIO, Simoni Urnau. **Reflexões e saberes do ensino superior no processo civilizatório contemporâneo**. 2021. 167 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012**. Brasília: MS, 2012. Disponível em:
<https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2021.

BRASIL. **Lei n. 12.852, de 5 de agosto de 2013**. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Brasília: Presidência da República, 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Coronavírus**. Brasília: MS, 2023. Disponível em:
<https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus>. Acesso em: 27 fev. 2023.

BRASIL. **Operação Acolhida supera 72,6 mil venezuelanos interiorizados**. Brasília: Presidência da República, 2022. Disponível em:
<https://www.gov.br/cidadania/pt-br/noticias-e-conteudos/desenvolvimento-social/noticias-desenvolvimento-social/operacao-acolhida-supera-72-6-mil-venezuelanos-interiorizados>. Acesso em: 10 jun. 2022.

BRIDLE, James. **A nova idade das trevas**: a tecnologia e o fim do mundo. São Paulo: Todavia, 2019.

CAMPOS JÚNIOR, Deoclécio. **Desconstrução da Humanidade**: reflexões sobre o mundo atual. São Paulo: Chiado, 2019.

CARTA CAPITAL. Um novo bilionário surgiu a cada 26 horas desde o início da pandemia, aponta Oxfam. **Carta Capital**, São Paulo, 2022. Disponível em:

<https://www.cartacapital.com.br/economia/um-novo-bilionario-surgiu-a-cada-26-horas-desde-o-inicio-da-pandemia-aponta-oxfam>. Acesso em: 10 fev. 2022

CAVALCANTE, Pedro. **A questão da desigualdade no Brasil**: como estamos, como a população pensa e o que precisamos fazer. Rio de Janeiro: Ipea, set. 2020.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisas em Ciências Humanas e Sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

CIVIERO, Paula Andréa Grawieski. **Educação matemática crítica e as implicações sociais da ciência e da tecnologia no processo civilizatório contemporâneo**: embates para formação de professores de matemática. Tese (Doutorado em Educação Científica e Tecnológica) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

CIVIERO, Paula Andréa Grawieski; BAZZO, Walter Antonio. Equação civilizatória: gênese e estrutura. **Revista Dynamis**, Blumenau, v. 28, n. 2, p. 97-114, 2022.

COSTA, Luisa. Fome no Brasil volta a patamares de décadas atrás. **Jornal da USP no ar [on-line]**, São Paulo, 28 abr. 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/fome-no-brasil-volta-a-patamares-de-decadas-atras/>. Acesso em: 15 maio 2022.

DE MASI, Domenico. **Alfabeto da sociedade desorientada**: para entender o nosso tempo. Trad. Silvana Cobucci e Frederico Carotti. São Paulo: Objetiva, 2017.

DE MASI, Domenico. **Uma simples revolução**. Tradução de Yadyr Figueiredo. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

DUBET, François. **O tempo das paixões tristes**. Tradução de Mauro Pinheiro. São Paulo: Vestígio, 2020.

EFFTING, Moacir José. **Recordista em desigualdade o Brasil estuda alternativas para ajudar os mais pobres**. Blumenau: Fetigesc, 22 mar. 2021. Disponível em: <https://fetigesc.org.br/recordista-em-desigualdade-o-brasil-estuda-alternativas-para-ajudar-os-mais-pobres/>. Acesso em: 22 abr. 2022.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de Metodologia**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

FANTÁSTICO. Fila para conseguir doação de ossos é flagrante da luta de famílias brasileiras contra a fome. **G1 [on-line]**, São Paulo, 25 jul. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2021/07/25/fila-para-conseguir-doacao-de-ossos-e-flagrante-da-luta-de-familias-brasileiras-contr-a-fome.ghtml>. Acesso em: maio 2022.

FLANZER, Sandra Niskier. **Jovens em tempos digitais**. Rio de Janeiro: Consultor, 2020. 148 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 27. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004. 148 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 47. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GALEANO, Eduardo. **Galeano de pernas pro ar**. São Paulo: LPM, 1999.

GALEANO, Eduardo. **Patas arriba**: la escuela del mundo al revés. Buenos Aires: Siglo XXI, 1998.

GAMBOA, Silvio Sanchez. **Pesquisa em educação**: métodos e epistemologias. Chapecó: Argos, 2007.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GRUPO de Apoio ao Imigrante e Refugiado do Oeste de SC. Xaxim: Imabe, 2022. Disponível em: <https://imabe.org.br/nosso-trabalho/programas-sociais/gairosc/>. Acesso em: 11 abr. 2022.

HAN, Byung-Chul. **No-Cosas**. Quiebras del mundo de hoy. Traducción Joaquín Chamorro Mielke. Barcelona: Taurus, 2021.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

HARARI, Yuval Noah. **21 lições para o século 21**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 20 maio 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Dados dos jovens 2021**. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/busca.html?searchword=dados+dos+jovens+2021>. Acesso em: 13 maio 2022.

KELLY, Kevin. **Inevitável**: as 12 forças tecnológicas que mudarão nosso mundo. Rio de Janeiro: Alta Books, 2019.

LIOSA, Mario Vargas. **A civilização do espetáculo**: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: E.P.U., 2012. 99 p. (Temas básicos de educação e ensino.)

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. 2. ed. São Paulo: E.P.U., 2013.

MANZINI, Eduardo José. Uso da entrevista em dissertações e teses em um Programa de Pós-Graduação em Educação. **Revista Percurso – NEMO**, Maringá, v. 4, n. 2, p. 149-171, 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/Percurso/article/viewFile/18577/10219>. Acesso em: 10 jan. 2021.

MARTINS, Maria Helena Pires. **O prazer das compras** – o consumismo no mundo contemporâneo. São Paulo: Moderna, 2016.

MEDEIROS, Marcelo; SOUZA, Pedro. **Gasto público, tributos e desigualdade de renda no Brasil**. Brasília: Rio de Janeiro: Ipea, 1990. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/1281/1/TD_1844.pdf. Acesso em: 22 abr. 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 8. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 2007.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. Análise Textual Discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 12, n. 1, p. 117-128, abr. 2006.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Unijuí, 2007.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Unijuí, 2011.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. 3. ed. rev. ampl. Ijuí: Unijuí, 2016.

MOROZOV, Evgeny. **Big Tech**: a ascensão dos dados e a morte da política. Traduzido por Claudio Marcondes. São Paulo: Ubu, 2018. 192 p.

NASCIMENTO, Leda S.; SARUBBI, Maria R. M.; SOUZA, Paula P. A dimensão subjetiva da desigualdade social: um estudo sobre a dimensão subjetiva da vivência

da desigualdade social na cidade de São Paulo. **Transformações Formações em Psicologia**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 8-37, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-106X2009000100002. Acesso em: 5 mar. 2022.

ORDINE, Nuccio. **A utilidade do inútil**: um manifesto. Trad. Luiz Carloe Bombassaro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2016.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **População mundial chegará a 8 bilhões em novembro de 2022**. Brasília: Nações Unidas Brasil, 11 jul. 2022. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/189756-populacao-mundial-chegara-8-bilhoes-em-novembro-de-2022>. Acesso em: 22 jan. 2023.

PAIVA, Thais. “O jovem é especialmente suscetível aos apelos do consumismo. **Carta Capital** [on-line], São Paulo, 24 jan. 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/o-jovem-e-especialmente-suscetivel-aos-apelos-do-consumismo/>. Acesso em: 23 out. 2022

POSTMAN, Neil. **Tecnopólio**: a rendição da cultura à tecnologia. São Paulo: Nobel, 1994.

RFI. Aumento de bilionários e volta da pobreza extrema no Brasil simbolizam impacto desigual da crise. **Carta Capital**, São Paulo, 8 set. 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/economia/aumento-de-bilionarios-e-volta-da-pobreza-extrema-no-brasil-simbolizam-impacto-desigual-da-crise/>. Acesso em: 10 maio 2022.

SASSE, Cintia. **Recordista em desigualdade, país estuda alternativas para ajudar os mais pobres**. Brasília: Agência Senado, 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2021/03/recordista-em-desigualdade-pais-estuda-alternativas-para-ajudar-os-mais-pobres>. Acesso em: 15 maio 2022.

SAVATER, Fernando. **O valor de educar**. Tradução por Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SAVATER, Fernando. **O valor de educar**. 2. ed. Tradução por Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

SENNET, Richard. **A corrosão do caráter**: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 21. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

SERRES, Michel. **Polegarzinha**. Tradução de Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SILVA, Raimunda Magalhães da *et al.* (org.). **Estudos qualitativos**: enfoques teóricos e técnicas de coleta de informações. Sobral: UVA, 2018. 305 p.

SILVA, Thayse de Oliveira; SILVA, Lebiam Tamar Gomes. Os impactos sociais, cognitivos e afetivos sobre a geração de adolescentes conectados às tecnologias digitais. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v. 34, n. 103, p. 87-97, 2017.

SIQUEIRA, Juliana. Brasil é capaz de produzir alimentos para o mundo inteiro. **Diário do Comércio** [on-line], Belo Horizonte, 23 nov. 2019. Disponível em: <https://diariodocomercio.com.br/agronegocio/pais-tem-oportunidade-de-alimentar-o-mundo/>. Acesso em: 13 maio 2022.

SOUZA, Pedro H. G. F. **A desigualdade vista do topo**: a concentração de renda entre os ricos no Brasil, 1926-2013. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade de Brasília, Brasília, set. 2016. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/22005/1/2016_PedroHerculanoGuimar%C3%A3esFerreiradeSouza.pdf. Acesso em: 10 maio 2022.

TWENGE, Jean Marie. **iGen**: por que as crianças de hoje estão crescendo menos rebeldes, mais tolerantes, menos felizes e completamente despreparadas para a vida adulta. São Paulo: nVersos, 2018.

APÊNDICE A – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(PARTICIPANTE MENOR DE IDADE)

Prezado participante,

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa **VARIÁVEIS ACELERADAS DO PROCESSO CIVILIZATÓRIO E OS JOVENS CONTEMPORÂNEOS**, desenvolvida por Marlei Dambros, estudante de pós-graduação em nível de doutorado em Educação Científica e Tecnológica (PPGECT/UFSC), *campus* de Florianópolis, sob orientação do Professor Doutor Walter Antonio Bazzo.

O objetivo central do estudo é analisar como as variáveis contemporâneas do processo civilizatório atingem os jovens contemporâneos em termos educacionais, sociais e humanos. Ou seja, como os jovens vêm organizando seu tempo? O que estão pensando com relação ao futuro? Como se posicionam com relação às desigualdades sociais, às tecnologias e ao consumo? Quais são seus projetos de vida? Os jovens da atualidade, desde a infância, convivem imersos em ambientes tecnológicos, que passam por aceleradas transformações, as quais se intensificam constantemente. Ao mesmo tempo que essas transformações tecnológicas significam soluções importantes para toda a humanidade, seguem também gerando outros problemas que ainda não apresentam horizontes de solução. O que temos visto são jovens ansiosos e inseguros, por isso destacamos a importância de dedicar esforços no sentido de investigar as consequências que as aceleradas transformações do cotidiano exercem nos modos de ser e viver dos jovens deste tempo.

Sua participação nesta pesquisa se justifica porque você faz parte da população a ser investigada, a qual se constitui de jovens com faixa etária entre 15 e 29 anos que residem na região Oeste do estado de Santa Catarina e que pertencem a diferentes grupos: jovens urbanos e rurais; estudantes ou não; trabalhadores ou não; em estado de liberdade assistida; pessoas em situação de rua; de diferentes nacionalidades, gêneros, classes, cores e orientações sexuais. Sua participação é importante para compreendermos como cada jovem se relaciona com seu cotidiano, reconhece o contexto social onde vive, seus anseios, suas dificuldades, limitações, percepções, as múltiplas relações que estabelece e, sobretudo, como projeta suas expectativas de vida.

A sua participação não é obrigatória e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar do estudo, bem como desistir de participar a qualquer momento, sem necessidade de qualquer explicação e sem nenhuma forma de penalização. Sua participação é muito importante para a execução da pesquisa. Você não receberá remuneração e nenhum tipo de recompensa, sendo sua participação totalmente voluntária. A legislação brasileira não permite que você tenha qualquer compensação financeira pela participação na pesquisa. Contudo, caso ocorra algum dano decorrente da pesquisa, você será indenizado nos termos da legislação vigente. Também será ressarcido por despesas previstas ou imprevistas comprovadamente decorrentes da pesquisa, ou seja, se, para participar da pesquisa, você tenha gastos com transporte e/ou alimentação, serão integralmente ressarcidos pela pesquisadora. É improvável que tenha essas despesas, pois a coleta ocorrerá em local e horário a ser combinado entre participante da pesquisa e pesquisadora.

Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas. A pesquisadora será a única a ter acesso aos dados e tomará todas as providências necessárias para manter o sigilo. Seu nome será substituído por um código numérico a fim de evitar a identificação. Contudo, sempre existe a remota possibilidade da quebra do sigilo, mesmo que involuntário e não intencional. Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em eventos e/ou publicações em revistas científicas, mas mostrarão apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição ou qualquer informação relacionada à sua privacidade. Qualquer dado que possa identificá-lo(a) será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa, e o material, armazenado em local seguro. A qualquer momento, durante ou posteriormente à pesquisa, você poderá solicitar à pesquisadora informações sobre a pesquisa, pelos meios de contato explicitados neste Termo.

Sua participação consistirá em participar de uma entrevista com duração de aproximadamente quarenta minutos (40 min). A entrevista será gravada somente para a transcrição das informações e, logo após, as gravações serão apagadas, isso mediante sua autorização.

Assinale a seguir conforme sua autorização:

autorizo gravação não autorizo gravação

Estas entrevistas serão transcritas e armazenadas em arquivos digitais, mas somente terão acesso a eles a pesquisadora e seu orientador. Ao final da pesquisa, todo o material será mantido em arquivo digital, por um período de cinco anos. Esgotado o prazo dos cinco anos, todo o material será deletado dos arquivos digitais.

A sua participação é importante, pois dá a oportunidade para você e outros jovens expressarem a sua visão de mundo. E isso permitirá que se tenha a compreensão do modo de ser e de viver dos jovens da atualidade, o que estão pensando sobre o seu futuro e de toda a humanidade. Com isso, é possível produzir literatura que dê subsídio sobre como a sociedade, os espaços de ensino, os educadores, os familiares e as diferentes instituições podem lidar com as variadas situações vividas por vocês, jovens, no sentido de contribuir à formação de seres humanos mais justos, com perspectivas e projetos de vida que visem nada mais de que à tão sonhada felicidade humana.

Por tratar-se de um estudo envolvendo seres humanos, é possível que aconteçam alguns desconfortos, como cansaço, ou algum tipo de constrangimento durante a realização da pesquisa. Entretanto, todas as medidas cabíveis para prevenir ou minimizar esses desconfortos serão tomadas pela pesquisadora. Ela fará todo o processo de coleta de dados cuidando para que o participante se sinta confortável e também prestará a assistência necessária ao longo de toda a coleta de dados. Como forma de prevenir os desconfortos, poderá interromper e propor a continuidade da participação em outro momento, se assim você desejar. Você poderá se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa. Dessa forma, caso você se sinta incomodado(a) ou constrangido(a) com as perguntas, poderá desistir de participar a qualquer momento, sendo possível a retirada deste consentimento sem penalidade alguma. A sua participação na pesquisa é livre e voluntária, não havendo nenhuma compensação financeira para isso e, também, não haverá custos. Ressalta-se, ainda, que a sua identidade permanecerá em sigilo durante toda a pesquisa, principalmente no que tange à publicação dos resultados.

Os resultados e as conclusões obtidos na pesquisa serão apresentados na tese do doutorado e também poderão ser apresentados na forma de artigos, em congressos, seminários e em outras publicações científicas, não havendo divulgação de nenhum dado que possa identificá-lo. Em relação à devolutiva da pesquisa, todos os participantes receberão uma via da tese, em formato impresso, que será entregue pessoalmente para cada um dos entrevistados.

Caso concorde em participar, uma via deste termo ficará em seu poder e a outra será de posse da pesquisadora. Assim, duas vias deste documento estão sendo rubricadas e assinadas por você e pela pesquisadora responsável. Guarde cuidadosamente a sua via, pois é um documento que traz importantes informações de contato e garante os seus direitos como participante da pesquisa.

A pesquisadora responsável, que também assina este documento, compromete-se a conduzir a pesquisa de acordo com o que preconiza a Resolução n. 466/12 e/ou a Resolução n. 510/16, que tratam dos preceitos éticos e da proteção aos participantes da pesquisa.

Desde já, agradecemos sua participação.

Chapecó, maio de 2021.

Assinatura da Pesquisadora Responsável

Contato profissional da pesquisadora responsável:

Marlei Dambros – Servidora Pública Federal na Universidade Federal da Fronteira Sul
– UFFS

E-mail: marlei.dambros@uffs.edu.br

Tel: (49) 991327489

Endereço para correspondência: Marlei Dambros, Rua Clevelândia, 846 – Bairro Jardim Itália, CEP 89802410 – Chapecó – Santa Catarina – Brasil

Obs.: Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH/UFSC), que é um órgão colegiado interdisciplinar, deliberativo, consultivo e educativo, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina, mas independente na tomada de decisões. Ele foi criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade, e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Endereço para correspondência:

Universidade Federal de Santa Catarina – Pró-Reitoria de Pesquisa – Prédio da Reitoria II

Rua Desembargador Vitor Lima, n. 222, sala 401 – Trindade, Florianópolis/SC

CEP 88040-400

Contato: (48) 37216094 / cep.propesq@contato.ufsc.br

Declaro que li este documento e obtive da pesquisadora todas as informações que julguei necessárias para me sentir esclarecido(a). Entendo que minha participação é totalmente voluntária e que posso desistir a qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

Nome completo do(a) participante: _____

Assinatura: _____

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PAIS OU RESPONSÁVEIS

Prezado pai, mãe ou responsável,

Seu/Sua filho(a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa **VARIÁVEIS ACELERADAS DO PROCESSO CIVILIZATÓRIO E OS JOVENS CONTEMPORÂNEOS**, desenvolvida por Marlei Dambros, discente de pós-graduação em nível de doutorado em Educação Científica e Tecnológica (PPGECT/UFSC), *campus* de Florianópolis, sob orientação do Professor Doutor Walter Antonio Bazzo.

O objetivo central do estudo é analisar como as variáveis contemporâneas do processo civilizatório atingem os jovens contemporâneos em termos educacionais, sociais e humanos. Ou seja, como esta geração vem organizando seu tempo? O que estão pensando com relação ao futuro? Como se posicionam com relação às desigualdades sociais, às tecnologias e ao consumo? Quais são seus projetos de vida? Os jovens da atualidade, desde a infância, convivem imersos em ambientes tecnológicos, que passam por aceleradas transformações que se intensificam constantemente. Ao mesmo tempo que estas transformações tecnológicas significam soluções importantes para toda a humanidade, seguem também gerando outros problemas que ainda não apresentam horizontes de solução. O que temos visto são jovens ansiosos e inseguros, por isso destacamos a importância de dedicar esforços no sentido de investigar as consequências que as aceleradas transformações do cotidiano exercem nos modos de ser e viver dos jovens deste tempo.

A participação do(a) seu/sua filho(a) nesta pesquisa se justifica porque ele(a) faz parte da população a ser investigada, a qual se constitui de jovens com faixa etária entre 15 e 29 anos que residem na região Oeste do estado de Santa Catarina e que pertencem a diferentes grupos: jovens urbanos e rurais; estudantes ou não; trabalhadores ou não; em estado de liberdade assistida; pessoas em situação de rua; de diferentes nacionalidades, gêneros, classes, cores e orientações sexuais. A participação dele(a) é importante para compreendermos como cada jovem se relaciona com seu cotidiano, reconhece o contexto social onde vive, seus anseios, suas dificuldades, limitações, percepções, as múltiplas relações que estabelece e, sobretudo, como projeta suas expectativas de vida.

A participação do(a) seu/sua filho(a) não é obrigatória e ele(a) tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar do estudo, bem como para desistir de participar a qualquer momento, sem necessidade de qualquer explicação e sem nenhuma forma de penalização. A participação dele(a) é muito importante para a execução da pesquisa. Ele(a) não receberá remuneração e nenhum tipo de recompensa nesta pesquisa, sendo a participação totalmente voluntária. A legislação brasileira não permite que ele(a) tenha qualquer compensação financeira pela participação na pesquisa. Contudo, caso ocorra algum dano decorrente da pesquisa, ele(a) será indenizado nos termos da legislação vigente. Também será ressarcido(a) por despesas previstas ou imprevistas comprovadamente decorrentes da pesquisa, ou seja, se para participar da pesquisa ele(a) tiver gastos com transporte e/ou alimentação, serão integralmente ressarcidos pelos pesquisadores. É improvável que tenha essas despesas, pois a coleta ocorrerá em local e horário a ser combinado entre participante da pesquisa e pesquisador.

Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por ele(a) prestadas. A pesquisadora será a única a ter acesso aos dados e tomará todas as providências necessárias para manter o sigilo. O nome dele(a) será substituído por um código numérico a fim de evitar a identificação. Contudo, sempre existe a remota possibilidade da quebra do sigilo, mesmo que involuntário e não intencional. Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em eventos e/ou publicações em revistas científicas, mas mostrarão apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição ou qualquer informação relacionada à sua privacidade. Qualquer dado que possa identificá-lo(a) será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa, e o material, armazenado em local seguro. A qualquer momento, durante ou posteriormente à pesquisa, o(a) senhor(a) poderá solicitar à pesquisadora informações sobre a participação do seu filho(a) e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito pelos meios de contato explicitados neste Termo.

A participação do(a) seu/sua filho(a) consistirá em participar de uma entrevista com duração de aproximadamente quarenta minutos (40 min). A entrevista será gravada somente para a transcrição das informações e, logo após, as gravações serão apagadas, isso mediante sua autorização.

Assinale a seguir conforme sua autorização:

autorizo gravação não autorizo gravação

Estas entrevistas serão transcritas e armazenadas em arquivos digitais, mas somente terão acesso a eles a pesquisadora e seu orientador. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo digital, por um período de cinco anos. Esgotado o prazo dos cinco anos, todo o material será deletado dos arquivos digitais.

A participação do seu filho(a) é importante, pois dá a oportunidade para ele(a) e outros jovens envolvidos na pesquisa expressarem a sua visão de mundo. E isso permitirá que se tenha a compreensão do modo de ser e de viver dos jovens da atualidade e o que eles estão pensando sobre o seu futuro e de toda a humanidade. Com isso, é possível produzir literatura que dê subsídio de como a sociedade, os espaços de ensino, os educadores, os familiares e as diferentes instituições podem lidar com as variadas situações vividas por estes jovens, no sentido de contribuir na formação de seres humanos mais justos, com perspectivas e projetos de vida que visem nada mais de que à tão sonhada felicidade humana.

Por tratar-se de uma pesquisa envolvendo seres humanos, é possível que aconteçam alguns desconfortos como cansaço ou algum tipo de constrangimento durante a realização da pesquisa. Entretanto, todas as medidas cabíveis para prevenir ou minimizar esses desconfortos serão tomadas pela pesquisadora. Ela fará todo o processo de coleta de dados, cuidando para que o participante se sinta confortável e também prestará a assistência necessária ao longo de toda a pesquisa. Como forma de prevenir os desconfortos, poderá interromper e propor a continuidade da participação em outro momento, se assim ele(a) desejar. O participante poderá recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa. Dessa forma, caso ele(a) se sinta incomodado(a) ou constrangido(a) com as perguntas, poderá desistir de participar a qualquer momento, sendo possível a retirada deste consentimento sem penalidade alguma.

A participação na pesquisa é livre e voluntária, não havendo nenhuma compensação financeira para isso e também não haverá custos para ele(a). Ressalta-se, ainda, que a identidade dele(a) permanecerá em sigilo durante toda a pesquisa, principalmente no que tange à publicação dos resultados.

Os resultados e as conclusões obtidos na pesquisa serão apresentados na tese do doutorado e também poderão ser apresentados na forma de artigos, em congressos, seminários e em outras publicações científicas, não havendo divulgação de nenhum dado que possa identificar o participante. Em relação à devolutiva da

pesquisa, todos os participantes receberão uma via da tese, em formato impresso, que será entregue pessoalmente para cada um dos entrevistados.

Caso concorde em participar, uma via deste termo ficará em seu poder e a outra será de posse da pesquisadora. Assim, duas vias deste documento estão sendo rubricadas e assinadas por você e pelo pesquisador responsável. Guarde cuidadosamente a sua via, pois é um documento que traz importantes informações de contato e garante os seus direitos como participante da pesquisa.

A pesquisadora responsável, que também assina este documento, compromete-se a conduzir a pesquisa de acordo com o que preconiza a Resolução n. 466/12 e/ou a Resolução n. 510/16, que tratam dos preceitos éticos e da proteção aos participantes da pesquisa.

Desde já, agradecemos sua participação.

Chapecó, maio de 2021.

Assinatura da Pesquisadora Responsável

Contato profissional da pesquisadora responsável:

Marlei Dambros – Servidora Pública Federal na Universidade Federal da Fronteira Sul
– UFFS

E-mail: marlei.dambros@uffs.edu.br

Tel: (49) 991327489

Endereço para correspondência: Marlei Dambros, Rua Clevelândia, 846 – Bairro Jardim Itália, CEP 89802410 – Chapecó – Santa Catarina – Brasil

Obs.: Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH/UFSC), que é um órgão colegiado interdisciplinar, deliberativo, consultivo e educativo, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina, mas independente na tomada de decisões. Ele foi criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade, e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Endereço para correspondência:

Universidade Federal de Santa Catarina – Pró-Reitoria de Pesquisa – Prédio da Reitoria II

Rua Desembargador Vitor Lima, n. 222, sala 401 – Trindade, Florianópolis/SC

CEP 88040-400

Contato: (48) 37216094 / cep.propesq@contato.ufsc.br

Declaro que li este documento e obtive da pesquisadora todas as informações que julguei necessárias para me sentir esclarecido. Entendo que minha participação é totalmente voluntária e que posso desistir a qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

Nome completo do(a) responsável: _____

Parentesco ou justificativa p/ guarda _____

Assinatura: _____

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(PARTICIPANTE MAIOR DE IDADE)

Prezado(a) participante,

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa **VARIÁVEIS ACELERADAS DO PROCESSO CIVILIZATÓRIO E OS JOVENS CONTEMPORÂNEOS**, desenvolvida por Marlei Dambros, discente de pós-graduação em nível de doutorado em Educação Científica e Tecnológica (PPGECT/UFSC), *campus* de Florianópolis, sob orientação do Professor Doutor Walter Antonio Bazzo.

O objetivo central do estudo é analisar como as variáveis contemporâneas do processo civilizatório atingem os jovens contemporâneos em termos educacionais, sociais e humanos. Ou seja, como esta geração vem organizando seu tempo? O que estão pensando com relação ao futuro? Como se posicionam com relação às desigualdades sociais, às tecnologias e ao consumo? Quais são seus projetos de vida? Os jovens da atualidade, desde a infância, convivem imersos em ambientes tecnológicos, que passam por aceleradas transformações que se intensificam constantemente. Ao mesmo tempo que estas transformações tecnológicas significam soluções importantes para toda a humanidade, seguem também gerando outros problemas que ainda não apresentam horizontes de solução. O que temos visto são jovens ansiosos e inseguros, por isso destacamos a importância de dedicar esforços no sentido de investigar as consequências que as aceleradas transformações do cotidiano exercem nos modos de ser e viver dos jovens deste tempo.

A sua participação é importante, porque você faz parte da população a ser investigada, a qual se constitui de jovens com faixa etária entre 15 e 29 anos que residem na região Oeste do estado de Santa Catarina e que pertencem a diferentes grupos: jovens urbanos e rurais; estudantes universitários; jovens em estado de liberdade assistida; pessoas em situação de rua; de diferentes nacionalidades, gêneros, classes, cores e orientações sexuais. Sua opinião é fundamental para que possamos compreender como cada jovem se relaciona com seu cotidiano, reconhecer o contexto social onde vive, seus anseios, suas dificuldades, limitações, percepções, as múltiplas relações que estabelece e, sobretudo, como projeta suas expectativas de vida.

Sua participação não é obrigatória e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar do estudo, bem como desistir de participar a qualquer momento, sem necessidade de qualquer explicação e sem nenhuma forma de penalização. Sua participação é muito importante para a execução da pesquisa. Você não receberá remuneração e nenhum tipo de recompensa, sendo a participação totalmente voluntária. A legislação brasileira não permite que você tenha qualquer compensação financeira pela sua participação em pesquisas. Mas você será ressarcido por despesas previstas ou imprevistas comprovadamente decorrentes da pesquisa, caso, para participar da pesquisa, você tenha gastos com transporte e/ou alimentação, os quais serão integralmente ressarcidos pela pesquisadora. É improvável que tenha essas despesas, pois a coleta ocorrerá em local e horário a ser combinado entre participante da pesquisa e pesquisadora.

Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas. A pesquisadora será a única a ter acesso aos dados e tomará todas as providências necessárias para manter o sigilo. Seu nome será substituído por um código numérico a fim de evitar sua identificação. Contudo, sempre existe a remota possibilidade da quebra do sigilo, mesmo que involuntário e não intencional. Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em eventos e/ou publicações em revistas científicas, mas mostrarão apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição ou qualquer informação relacionada à sua privacidade. Qualquer dado que possa identificá-lo(a) será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa, e o material, armazenado em local seguro. A qualquer momento, durante ou posteriormente à pesquisa, você poderá solicitar à pesquisadora informações sobre a pesquisa, pelos meios de contato explicitados neste Termo.

Sua participação consistirá em participar de uma entrevista com duração de aproximadamente quarenta minutos (40 min). A entrevista será gravada somente para a transcrição das informações e, logo após, as gravações serão apagadas, isso mediante sua autorização.

Assinale a seguir conforme sua autorização:

autorizo gravação não autorizo gravação

Estas entrevistas serão transcritas e armazenadas em arquivos digitais, mas somente terão acesso a eles a pesquisadora e seu orientador. Ao final da pesquisa,

todo material será mantido em arquivo digital, por um período de cinco anos. Esgotado o prazo dos cinco anos, todo o material será deletado dos arquivos digitais.

A sua participação é importante, pois dá a oportunidade para que você e outros jovens envolvidos na pesquisa expressem a sua visão de mundo, permitindo que se tenha a compreensão do modo de ser e de viver dos jovens deste tempo e o que estão pensando sobre o seu futuro e de toda a humanidade. Com isso, é possível produzir literatura que dê subsídio de como a sociedade, os espaços de ensino, os educadores, os familiares e as diferentes instituições podem lidar com as diferentes situações vividas por estes jovens, no sentido de contribuir na formação de seres humanos mais justos, com perspectivas e projetos de vida que visem nada mais do que à tão sonhada felicidade humana.

Por tratar-se de uma pesquisa envolvendo seres humanos, é possível que aconteçam alguns desconfortos como algum tipo de constrangimento durante a realização da pesquisa. Entretanto, todas as medidas cabíveis para prevenir ou minimizar esses desconfortos serão tomadas pela pesquisadora. Ela fará todo o processo de coleta de dados, cuidando para que o participante se sinta confortável. Como forma de prevenir desconfortos, poderá interromper e propor a continuidade da participação em outro momento, se assim o participante desejar. O participante poderá recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa. Dessa forma, caso se sinta incomodado(a) ou constrangido(a) com as perguntas, você poderá desistir de participar a qualquer momento, sendo possível a retirada deste consentimento sem penalidade alguma. A sua participação na pesquisa é livre e voluntária, não havendo nenhuma compensação financeira para isso e também não haverá custos para você. Ressalta-se, ainda, que sua identidade permanecerá em sigilo durante toda a pesquisa, principalmente no que tange à publicação dos resultados.

Os resultados e as conclusões obtidos na pesquisa serão apresentados na tese do doutorado e também poderão ser apresentados na forma de artigos, em congressos, seminários e em outras publicações científicas, não havendo divulgação de nenhum dado que possa lhe identificar. Em relação à devolutiva da pesquisa, todos os participantes receberão uma via da tese, em formato impresso, que será entregue pessoalmente para cada um dos entrevistados.

Caso concorde em participar, uma via deste termo ficará em seu poder e a outra estará de posse da pesquisadora. Assim, duas vias deste documento estão sendo

rubricadas e assinadas por você e pela pesquisadora responsável. Guarde cuidadosamente a sua via, pois é um documento que traz importantes informações de contato e garante os seus direitos como participante da pesquisa.

A pesquisadora responsável, que também assina este documento, compromete-se a conduzir a pesquisa de acordo com o que preconiza a Resolução n. 466/12 e/ou a Resolução n. 510/16, que tratam dos preceitos éticos e da proteção aos participantes da pesquisa.

Desde já, agradecemos sua participação.

Chapecó, maio de 2021.

Assinatura da Pesquisadora Responsável

Contato profissional da pesquisadora responsável:

Marlei Dambros

Servidora Pública Federal na Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS

E-mail: marlei.dambros@uffs.edu.br

Tel: (49) 991327489

Endereço: Rua Clevelândia, 846, Bairro Jardim Itália, CEP 89802410, Chapecó – SC

Obs.: Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH/UFSC), que é um órgão colegiado interdisciplinar, deliberativo, consultivo e educativo, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina, mas independente na tomada de decisões. Ele foi criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Endereço para correspondência:

Universidade Federal de Santa Catarina – Pró-Reitoria de Pesquisa – Prédio da Reitoria II

Rua Desembargador Vitor Lima, n. 222, sala 401 – Trindade, Florianópolis/SC

CEP 88040-400

Contato: (48) 37216094 / cep.propesq@contato.ufsc.br

Declaro que li este documento e obtive da pesquisadora todas as informações que julguei necessárias para me sentir esclarecido. Entendo que minha participação é totalmente voluntária e que posso desistir a qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

Nome completo do(a) participante: _____

Assinatura: _____

APÊNDICE D – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Participante número:

Cenário da pesquisa:

Idade:

Nacionalidade:

Gênero:

Cor:

Orientação sexual:

Grau de formação:

Estuda atualmente:

() sim () não

Nível:

Atuou ou atua em alguma atividade profissional:

() sim () não

Qual?

- Relate sobre sua trajetória de vida.
- Descreva como você percebe a sua inserção na sociedade atual.
- Quais são os problemas que mais interferem no seu estilo de vida e cotidiano?
- Como você se relaciona com as novas tecnologias e como elas interferem nas suas relações?
- Na sua opinião, quais são os maiores problemas vividos pela humanidade atualmente?
- O que você pensa em termos de desigualdade social?
- Como você avalia o comportamento dos jovens com relação ao consumo desenfreado?
- Comente sobre o que mais lhe preocupa quando você pensa em seu futuro.
- Pensando em seu futuro, o que você considera indispensável para ter uma vida feliz?
- Quais são suas perspectivas com relação aos seus projetos de vida?